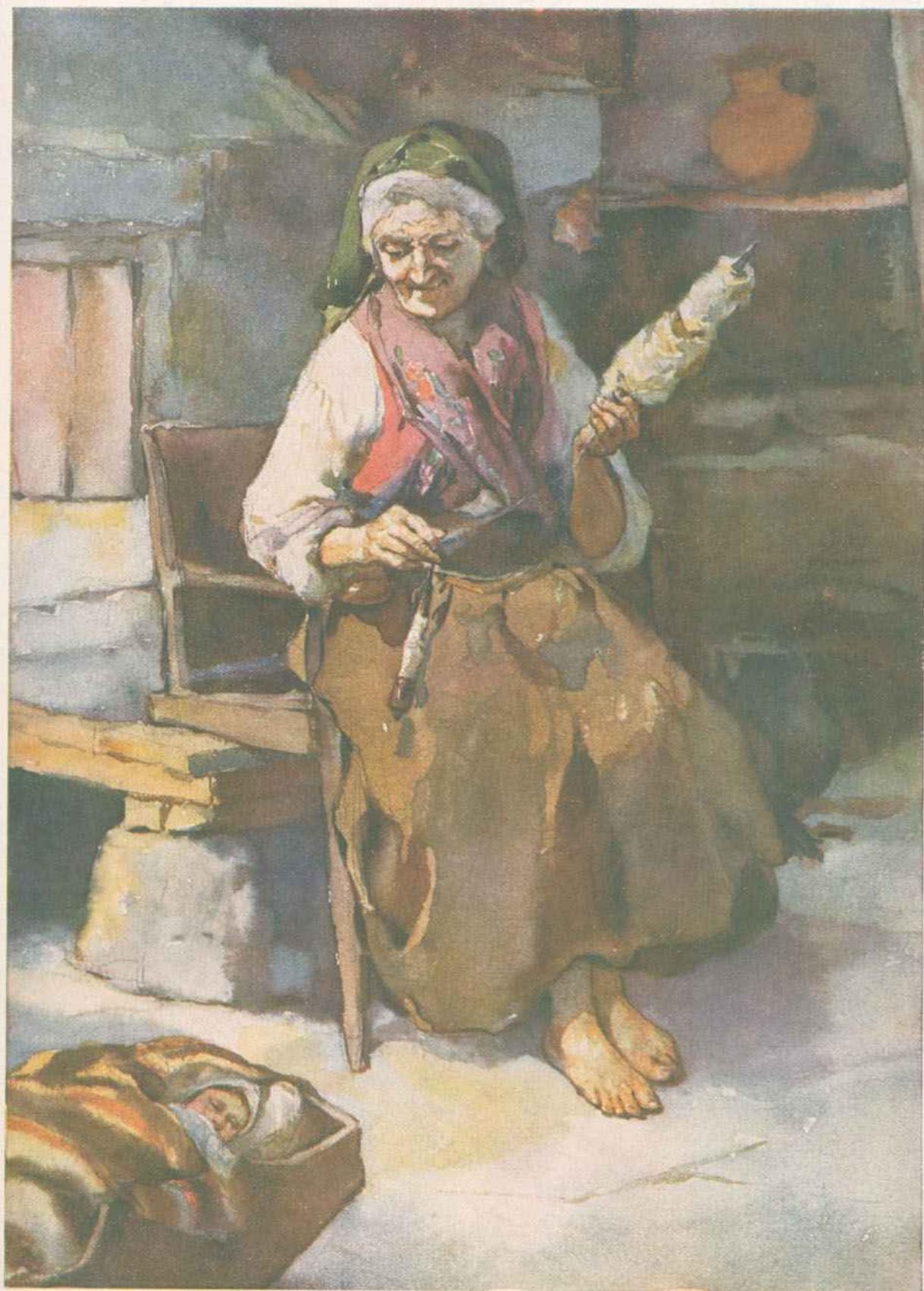
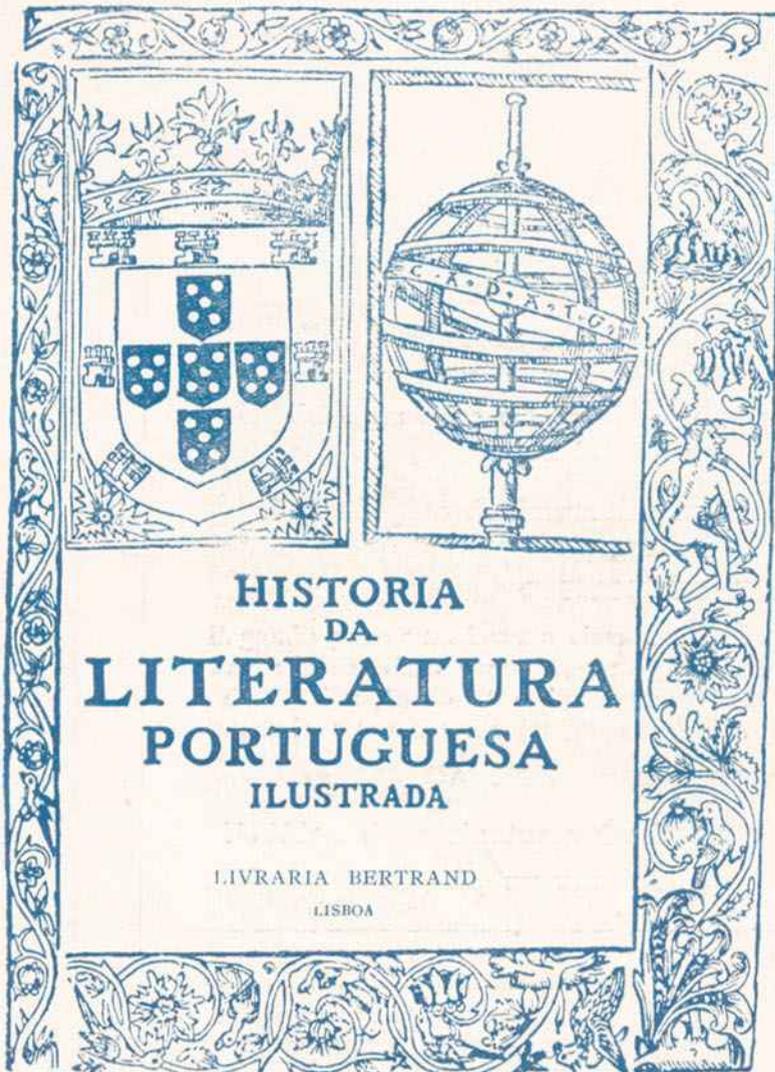


ILUSTRAÇÃO



MULHER MINHOTA FIANDO

(Aquarela de Alfredo Morais)



HISTORIA
DA
**LITERATURA
PORTUGUESA**
ILUSTRADA

LIVRARIA BERTRAND
LISBOA

A sair brevemente o XXXVI tomo

A MAIS BELA OBRA ATÉ HOJE

EDITADA EM PORTUGAL

PREÇOS INCLUINDO EMBALAGENS REFORÇADAS

CONTINENTE E ILHAS

Assinatura especial de cada número saído mensalmente e pelo correio contra o reembolso (só para o continente e ilhas) 11\$50

3 meses 6 meses 1 ano

Assinatura (pagamento adiantado) 30\$00 59\$00 118\$00

REGISTADO

ÁFRICA ORIENTAL, OCIDENTAL E ESPANHA 34\$50 67\$00 132\$00

ÍNDIA, MACAU E TIMOR 36\$00 79\$00 138\$00

ESTRANGEIRO 37\$00 72\$00 142\$00

Cada tomo avulso, não incluindo porte e embalagem 10\$00

**HISTÓRIA ILUSTRADA DA LITERATURA
PORTUGUESA**

PUBLICADA SOB A DIRECÇÃO DE
ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO
Da Academia das Ciências de Lisboa

ALGUNS DOS PRINCIPAIS COLABORADORES

- OSMO LOPES VIEIRA, escritor.
OSMO DE DORNELAS, da Academia das Ciências de Lisboa.
JUSTINO DE CAMPOS, da Academia das Ciências, professor.
JUSTINO FORTES, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
VARO NEVEA, escritor, Conservador da Biblioteca do Congresso da República.
STÓNIO BAÍO, da Academia das Ciências, director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.
OGUSTO GIL, da Academia das Ciências, director geral das Belas Artes.
RITO CAMACHO, escritor.
OSLOS MAUREIRO DIAS, da Academia das Ciências, escritor, director da *Historia da Colonização do Brasil*.
ANTÓNIO AIBES, secretário geral da Academia das Ciências de Lisboa.
DELMO DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa.
UGENIO DE CASTRO, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
ENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA, da Academia das Ciências, director do Arquivo Histórico Militar.
VALDINO GOMES, director interino da Biblioteca Nacional de Lisboa.
HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Escola de Belas Artes.
HENRIQUE DE VILHENA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, director do Instituto de Anatomia.
MÁRIO DE BARROS, da Academia das Ciências de Lisboa, director geral da Instrução Primária, professor.
MÁRIO LÉCIO DE AZEVEDO, da Academia das Ciências de Lisboa.
MIGUEL DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras, director da Biblioteca e Administrador da Imprensa da Universidade de Coimbra.
JOAQUIM LEITÃO, da Academia das Ciências de Lisboa.
JORDÃO DE FREITAS, director da Biblioteca da Ajuda-Lisboa.
JOSÉ DE FIGUEIREDO, da Academia das Ciências, director do Museu Nacional de Arte Antiga.
JOSÉ JOAQUIM NUNES, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS, da Academia de Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, director do Museu Ethnológico.
JOSÉ MARIA DE OLIVEIRA SIMÕES, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo professor da Escola de Guerra.
JOSÉ MARIA RODRIGUES, da Academia das Ciências, professor de estudos cimonenses na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
JÉLIO DANTAS, Presidente da Classe de Letras da Academia das Ciências, Inspector das Bibliotecas e Arquivos Nacionais, Director da Escola de Arte de Representar.
LUÍS XAVIER DA COSTA, da Academia das Ciências de Lisboa, Presidente da Associação dos Arqueólogos.
MANUEL DE OLIVEIRA RAMOS, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
MANUEL DA SILVA GATO, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo Secretário Geral da Universidade de Coimbra.
MARTINHO AUGUSTO DA FONSECA, da Academia das Ciências de Lisboa.
MOSES BENSARAT AMELACK, da Academia das Ciências de Lisboa, professor do Instituto Superior do Comércio de Lisboa.
F. M. LARANJO COELHO, da Academia das Ciências de Lisboa, Conservador do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Director da Secção de Diplomática da Associação dos Arqueólogos.
QUEIROZ VELOSO, da Academia das Ciências de Lisboa, Director da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
REINALDO DOS SANTOS, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.
REARDO JORGE, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Director Geral da Saúde Pública.
S. COSTA SANTOS, escritor.

EDIÇÃO MONUMENTAL

**A HISTORIA ILUSTRADA DA
LITERATURA PORTUGUESA**

(FORMATO 32 x 25)

**EM TOMOS MENSAIS DE 32 PAGINAS,
ÓTIMO PAPEL COUCHÉ,
MAGNIFICAMENTE ILUSTRADOS**

CONTÉRA

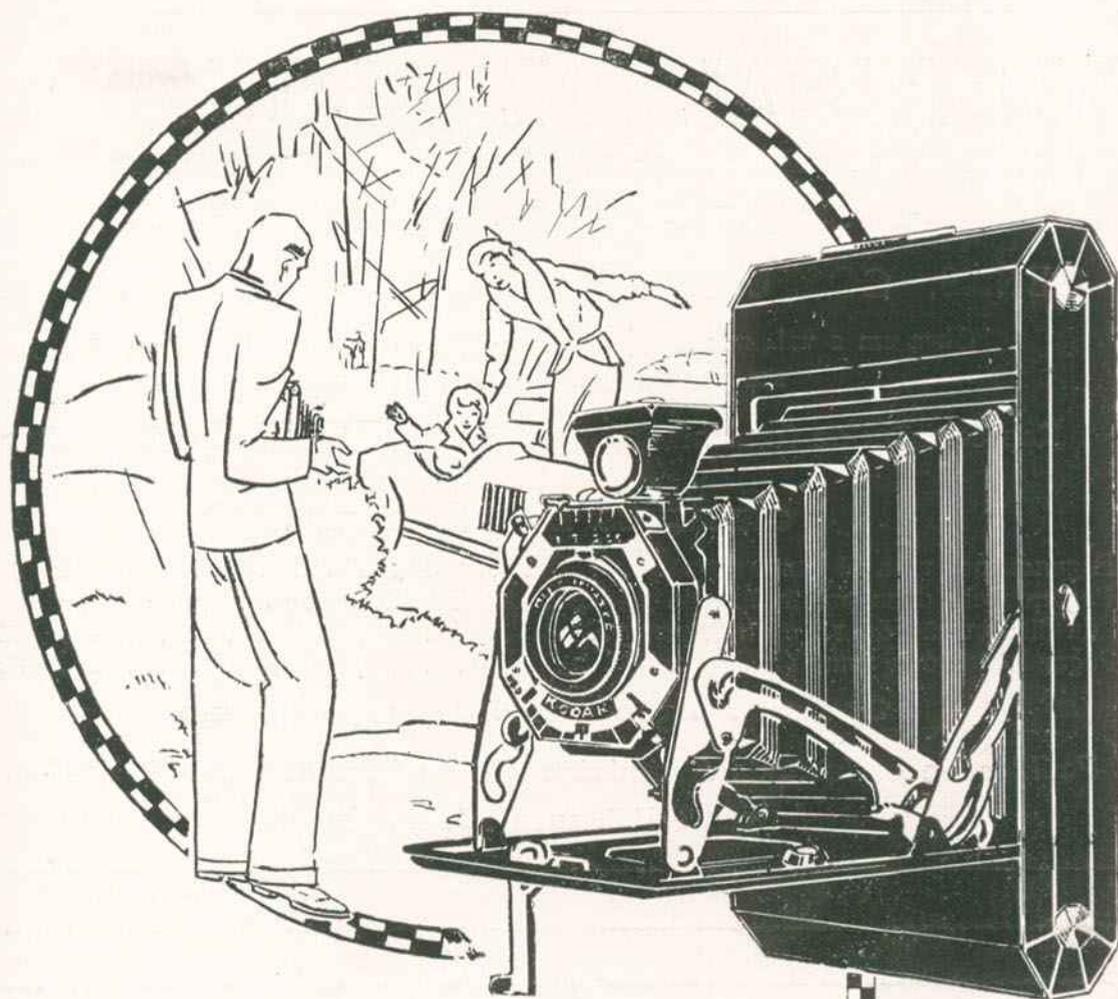
biografias completas, retratos, vistas, costumes, monumentos, rostos de edições raras, manuscritos, miniaturas e fac-símiles de autógrafos, em soberbas gravuras, algumas das quais *HORS TEXTE*, a côres.

CONSTITUINDO

um precioso album em que pela primeira vez, entre nós, se reúne uma tão completa e curiosissima documentação gráfica.

ARTIGOS DE ESPECIALIZADOS PROFESSORES E LITERATOS DE NOME CONSAGRADO

CADA TOMO... .. 10\$00



Uma grande novidade Kodak

Modernismo... é a nota saliente do novo «Kodak» — absolutamente ao gosto da época na elegância rectilínea das suas linhas, na sobria originalidade das suas decorações

Mas o «Kodak» Six-20 é também moderno nos aperfeiçoamentos que o tornam um aparelho cómodo, de reduzido volume e... principalmente, duma admirável simplicidade de manejo.

Como é rápido o seu funcionamento! Como são nítidas as suas fotografias, obtidas tão facilmente, mesmo por aqueles que façam pela primeira vez uso dum «Kodak»! Vá hoje mesmo a qualquer boa casa de artigos fotográficos e peça para ver o

“Kodak” Six-20



*De manhã... ou à tarde...
Com sol... ou à sombra...
Mesmo em dias de chuva...*

use Pelicula Verichrome

Fabricada exclusivamente por «Kodak»

KODAK, LTD. — Rua Garrett, 33 — LISBOA

PORTUGAL DE ALGUM DIA

por **ROQUE GAMEIRO e MATOS SEQUEIRA**

CENAS, COSTUMES E USOS DE OUTRO TEMPO

Obra em 2 vol., num total de 240 paginas de texto, 122 estampas
sendo 31 a quatro cores e 91 a preto

Reproduções de formosissimas **aguarelas de Roque Gameiro**

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

- | | |
|--|---------|
| a) Pagando por uma só vez a obra | 250\$00 |
| b) Pagando em duas prestações, no principio dos 2 volumes ou seja por ocasião da distribuição do 1.º e do 8.º tomo | 270\$00 |
| c) Pagando tomo a tomo (20\$00 cada) | 300\$00 |

Os tomos serão publicados mensalmente

Pedidos de assinaturas á administração do **"DIARIO DE NOTICIAS"**
na sua Filial, sucursais e agencias

BIBLIOTECA DOS PEQUENINOS

"Trinta mil por uma linha"

POR **D. EMILIA DE SOUSA COSTA**

Acaba de aparecer este lindo livro de contos com interessantissimas ilustrações
de **ALFREDO DE MORAIS**

O noivo infeliz — A cabicanca — Beijo maldito — Caluberbriga — Oh! meu S. Benedito! Tanto procurou que sempre encontrou! — No reino dos macacos — Lauro é! — O galego espertalhão — A moura Cassima — O sabichão — O irmão burro — Maria da extravagandia.

Preço 5\$00

A' venda na Filial do **DIARIO DE NOTICIAS**, Largo de Trindade Coelho, 10 e 11
e em todas as livrarias

PHILIPS

2802



A' COLONIA BRAZILEIRA

Tendo sido inaugurada a estação do Rio de Janeiro emitindo em ondas extra curtas, PHILIPS chama a atenção da Ex.^{ma} Colonia para o seu posto receptor tipo 2802, que recebe todos os comprimentos de onda desde os 10 aos 2.400 metros.

Peçam informações á PHILIPS RADIO.

AV. DA LIBERDADE, 3
LISBOA

RUA DA PAZ, 32
PORTO

Proteja a saúde de sua família instalando
em sua casa um

GENERAL ELECTRIC Refrigerator



*A marca GENERAL
ELECTRIC é a me-
lhor garantia de boa
qualidade d'um apa-
— velho electrico —*

Os alimentos sempre em perfeito
estado de conservação

Gelo, sorvetes, saladas de fruta, etc.

O armário frigorífico simplificado

Uma simples fomada de corrente
basta

O Refrigerator automaticamente
fará o resto

Concessionario geral para Portugal e Colonias

Sociedade Iberica de Construções Electricas, L.^{da}

Praça Luiz de Camões, 36, 2.^o, Dt.^o — LISBOA — Telef. 2 5 3 4 7

Visitem a nossa Exposição na

Antiga casa JOSE' ALEXANDRE — Rua Garrett, 8 a 18

Crónica da Quinzena

DITADURA na Alemanha, grève revolu-
cionária na Bélgica, conjuras aborta-
das nos Balkans, abcessos múltiplos
em Espanha, com febre, delírio, confusio-
nismo político; revolução no Brasil, corte de
relações entre a Argentina e Uruguai, tiros
entre bolivianos e paraguaios, socialismo gago
no Chili, comunismo envergonhado no Mé-
xico, luta no Perú dos Apristas de Hoya, na
extrema esquerda, com a direita de Cerro;
acrescente-se a acha indiana, a pólvora sino-
japonesa, as palhas dispersas que, juntas,
prestam para atear o fogo.

O que tudo visto e somado chega para com-
parar o mundo a caldeira de azeite a ferver.
Não precisa mais que um punhado de gra-
vetos no lume. O calor súbito basta para
erguer cachão que se inflame e corra de
lés-a-lés no globo.

Conte-se mais com a deligência da bôca
russa, soprando a tóda a fôrça do bofe para
que a braza não esmoreça, e ter-se-á a visão
nítida da ameaça que pesa sôbre a humanidade.
E por fim, vem o pior, a besta apocalíptica
do desespero que acomete muit's milhões de
vítimas colhidas pela crise do trabalho.

No Japão morre gente por mingua de qual-
quer alimento. Os cultivadores des campos
comem raízes de feto, ervas, quaisquer fôlhas
verdes, e contraem doenças que os médicos
não sabem tratar. Os pais venderam as filhas
para matar a fome. Na China devoram-se
excrementos. O que irá pela Sibéria, ao longo
da Rússia, incapaz de acalmar a sua revolu-
ção permanente, ninguém o sabe.

Quanto se sofrerá nos U. S. A. com os seus
dez milhões de desempregados, com as fábri-
cas de automóveis a esboroar-se, debaixo de
uma chuva de estrêlas cadentes de Hollywood,
calcula-se pelo que dizem os necrológios
comemorativos da era coolidgeana, a da pros-
peridade perpétua, em que Hoover acreditou
e da qual contempla os restos mortais, com-
prometido, encavacado, pelo fiasco, impossí-
vel de iludir.

Sofrem os americanos, os japoneses, os
ingleses, maiores, mais fortes de cabeça e
braço, que em dado momento se julgaram em
possaça, e dispostos a construir a nova forma
social, com o pão e o prazer indispensável ao

homem para viver sem guerrear o seu seme-
lhante.

Não conseguiram nada de bom os artífices
a quem se pediu o concôrto da máquina poli-
tica, desarranjada pelo temporal de 1914.

E agora? Por enquanto é noite. Não se vê
um palmo adiante do nariz.

* * *

O Museu Castro Guimarães apresentou à
selecta concorrência do seu domingo à tarde
uns números demonstrativos de dança rítmica,
executados pelas alunas de uma professora
diplomada da Escola de Genebra.

Ainda balbuciantes na arte de exprimir
pelo gesto belo e escultural os sentimentos
descritos na música, as adolescentes que com-
punham o côro não deixaram de mostrar a
quem nunca assistira a provas similares, a
que altura pôde subir aquele modo de tra-
duzir emoções e de educar os movimentos do
corpo, imprimindo-lhes relêvo e graça. Crian-
ças de mimica dura, de gestos quási insípidos,
conseguiram revelar as imensas possibilida-
des do método.

Sem exagêro, pode classificar-se de meri-
tória a tentativa de introduzir a espécie artis-
tica no gôsto do habitante que, em geral, não
manifesta avidez pela cultura nem pelos tra-
balhos tendentes a promovê-la.

A rítmica que, sem favor, consideraremos
dessa categoria, não despertou entusiasmo ao
primeiro encontro. Francisco de Lacerda, que
empregou esforços para implantá-la, não
encontrou o apoio devido, e, fatigado, desis-
tiu da canseira de pôr mais êsse ovo a prumo.

Não a abandonou sem desgêsto, ciente como
estava do grande serviço que procurou prestar.

Arte que reúne os motivos emocionais da
escultura e da pintura, a que se junta o movi-
mento, o ritmo, contém o bastante para domi-
nar todos os sentidos e apaixonar quem tenha
veras entranhas de criador.

Seja perfeito o talhe das formas, viçosa a
côr, móbil a feição, sensível a alma, que me-
lhor não existe nem mais forte para deleitar
e produzir o encanto de quem a contemple.

Que o êxito acompanhe a jóvem professora,
há pouco instalada em Lisboa, devem ser os
os votos de quantos desejam com ardor a

melhoria das novas gerações em beleza, espí-
rito, gracilidade.

Os serviços inaugurados êste verão pelos
Caminhos de Ferro Portugueses foram acolhi-
dos com louvor bem merecido e compensados
como se esperava. A Companhia abandonou
a velha rotina do esplêndido isolamento,
adentro das bilheteiras, onde se vendiam
passagens a quem muito as necessitasse e
muito bem as pedisse. Inteirada de que o
mundo mudou, e convencida de que quem
quer consumidores procura-os, inventa-os,
prepará-os, saiu fora do seu palácio, abei-
rou-se da turba-multa distraída, indiferente,
enfuiu-lhe pelos olhos os atrativos, seduções,
até que, presa e dominada, a levou por onde
lhe convinha.

E o mais estranho da passagem foi que os
seduzidos ficaram agradecidos. Pagaram e
aplaudiram quem os convenceu.

Tudo o que se viu faz parte do catecismo
dos negócios, onde o comprador se conta
como a bela esquiva na torre da alcáçova e o
vendedor como cavaleiro esforçado a quem
incumbe arrebatá-la.

Vai muito bem a C. P. por essa rota. Falta
só que não canse do engenho para inventar
outras e muitas mais neguças com que chame
o consumidor a gastar os artigos da sua indús-
tria e comércio.

Ainda tem muito que desbravar, compor,
combinar.

Há muita gente em Portugal com estrada à
porta que não dispõe de transporte correnteio
para o resto do país; há muitos frutos que
apodrecem em campos à beira do macadame,
susceptíveis de alimentar e regalar os habi-
tantes das cidades.

Ora quem possui combóios e pode possuir
carrões automóveis, possível se lhe torna
fazer com que o habitante de Sarrêlhas
compre na sua aldeia um bilhete para Lisboa
e Pôrto, despache bagagem e mercadoria, tal
como o de Caxarias, a hora certa e dia certo.

Falta só querer e resolver com a cabeça
empregada em decidir a boa invenção do com-
bóio mistério e das viagens combinadas.

A morte do rei D. Manuel I

O inesperado falecimento do senhor D. Manuel de Bragança, último rei que cingiu, sob o nome de D. Manuel II, a corôa de Portugal, sugeriu-me a oportunidade de dizer algumas palavras acerca da morte do seu homônimo D. Manuel I, o *Venturoso*, ocorrida em Lisboa, há quatrocentos e onze anos, e da doença que vitimou o mais faustoso e o mais opulento dos reis portugueses, em idade um pouco mais avançada do que a do régio exilado de Fulwell Park.

D. Manuel I era um homem de corpo «mais delicado do que grosso», diz Damiano de Góis, mas bem musculado, sabendo temperar pelo exercício físico (canas, caça do gavião, jôgo da pela) a sedentariedade a que o obrigavam as funções da sua magistratura real. Naturalmente um artrítico — a «diatése da realzeza» — os seus últimos retratos revelam-nos uma criatura precocemente envelhecida e, sobretudo, fortemente estigmatizada. São esses estigmas de degenerescência o que mais nos impressiona no exame da iconografia subsistente. O retrato pintado pelo flamengo João Provost no tríptico de Nossa Senhora da Misericórdia (tinha o rei 45 anos); a estátua orante do pórtico axial dos Jerónimos (tinha o rei 46 anos); o retrato de Bernardo van Oorley na tábua *Fons Vitae* (tinha o rei 47); e, finalmente, a figura iluminada no *D* capitular da portada da *Leitura Nova* (seis meses antes da morte do rei, com 51 anos), mostram-no microcéfalo, prognata, testa curta e fugidia, grande altura do lábio superior, lábio inferior grosso e pendente, exoftalmo. Também Damiano de Góis nos revela outro estigma somático de D. Manuel,

que não é muito sensível nos retratos: a macromelia. O rei — diz ele — tinha «os braços carnudos e tão compridos que os dedos das mãos lhe chegavam abaixo dos joelhos». A estas cacoplastias, a estas perturbações graves do ritmo morfológico, parece que não correspondiam estigmas psíquicos e funcionais apreciáveis. Certas particularidades a que se refere Damiano de Góis, como a intolerância do rei para o azeite, são simples fenômenos de anafilaxia alimentar.

Até ao seu terceiro matrimônio, aos 49 anos (1518), D. Manuel foi saudável. Depois, não sei até que ponto esse casamento de amor, contraído com sensível desproporção de idades e num estado de manifesta exaltação dos sentidos, teria contribuído para deprimir e abalar o seu organismo. D. Leonor de Áustria não era bela («não era muito formosa, nem lhe podem chamar feia», — escrevia o embaixador a Flandres, Pedro Correia, em carta a D. Manuel); bastavam o prognatismo e a defeituosa implantação dos dentes, característicos dos Habsburgos (ela mesma o

dizia: «nous tenons la bouche de ceux d'Autriches») para comprometer a sua formosura; havia quem afirmasse que ela parecia o rei Carlos V de saias; mas a sua mocidade era viva, a sua graça picante, dançava bem apesar de «pequena de corpo» (carta do embaixador Pedro Correia), e no próprio conjunto da sua fisionomia — como tive ocasião de ver, em Hampton Court, nos retratos de Mabuse e de mestre Ambrósio ⁽¹⁾ — havia esse fino e penetrante encanto, essa perturbadora *beauté du diable* que tão profunda impressão produz sobre os homens envelhecidos e gastos. A iluminura do códice da *Leitura Nova*, pintada no ano em que D. Manuel morreu (1521), mostra-nos o rei notavelmente emagrecido, com uma expressão de sênio e de fadiga que não será talvez fora de propósito atribuir à *vita sexualis* intensa determinada pelo seu terceiro casamento, e, ainda — são conhecidos os ciúmes que ele tinha do filho — a causas morais intimamente ligadas ao seu drama doméstico. A doença, que nesse mesmo ano o prostrou, encontrou já, não o homem vigoroso que nos mostra o painel central do tríptico de João Provost (1515), mas um organismo depauperado e diminuído na sua resistência. Que doença foi essa? É o que nós vamos averiguar, com a precária segurança com que pode reconstituir-se, sobre as rápidas informações das crônicas e das memórias do tempo, a história patológica de um homem que viveu no século XVI.

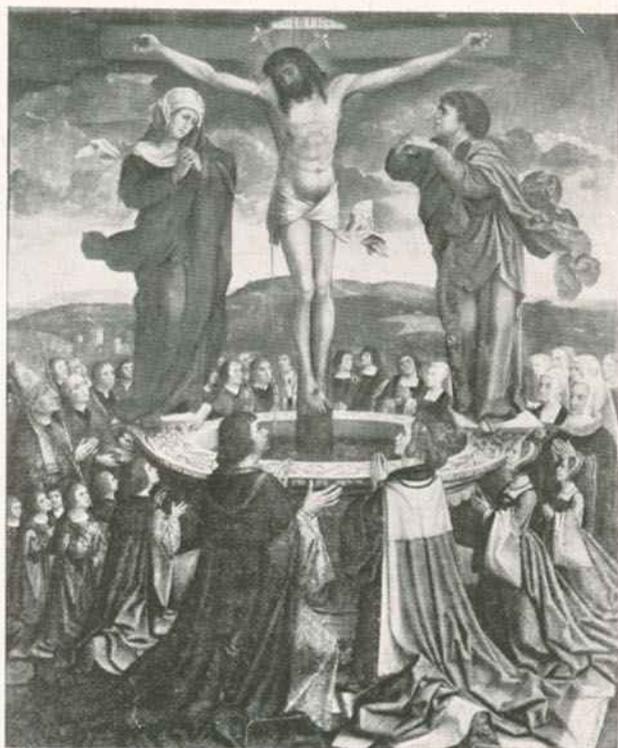
Os elementos mais importantes para o estudo da última doença de D. Manuel são os fornecidos por Damiano de Góis,

⁽¹⁾ Júlio Dantas, *Cartas de Londres*, 2.^a edição, pp. 39 a 35.



ESTÁTUA ORANTE DE D. MANUEL NO PÓRTICO AXIAL DOS JERÓNIMOS

que lhe assistiu à morte («a tudo fui presente até à hora a que el-rei expirou», — diz o eminente amigo de Erasmo), e pela *Memoria* manuscrita pertencente à livreria do marquês de Castelo Rodrigo, que transitou depois para a livreria do Conde da Ericeira, e cujo autor anônimo devia ter sido testemunha presencial dos acontecimentos que pormenorizadamente descreve (publicada nas *Provas da Historia Genealogica da Cosa Real*, II, 307). Em Garcia de Rezende (*Miscelânea*) e em Gil Vicente (*Trovas e romance à morte de el-rei D. Manuel*) encontram-se também referências que merecem crédito por se tratar de pessoas que viveram na intimidade do monarca. O que se apura do exame dessas fontes e doutras que não têm o mesmo valor (Osório, *De rebus Emmanuelis*; Frei Luís de Sousa, *Anais*, etc.) é o seguinte. No dia 4 de Dezembro de 1521, quarta-feira, D. Manuel, até aí «são e forte» (Gil Vicente), «cafu de súbito enfermo» (Osório). De que doença? Uma «modorra de que se finaram muitos» (Rezende), uma «febre, espécie de modorra, de que naquele tempo em Lisboa morria muita gente» (Góis); «uma febre ardente, com inclinação ao sono» (Frei Luís de Sousa). Sigamos, através da *Crônica* de Damiano de Góis e da *Memoria* anônima extraída do códice do marquês de Castelo Rodrigo, a marcha da doença do rei, durante os doze dias que ela durou. Na sexta-feira, 6, sangraram-no (*Memória*). No domingo, 8, confessou-se, comungou e fez testamento (*ibid.*). Na segunda-feira, 9, «se tosquiou», isto é, fez a barba (*ibid.*). Na terça-feira, 10, «septimo dia da sua doença», piorou; «desesperaram os físicos da sua vida» (Góis); a rainha e os filhos foram retirados à pressa do quarto do doente; o príncipe D. João pediu a Damiano de Góis que o chamasse



RETRATO DE D. MANUEL NO «FONS VITAE», DE VAN OORLEY

se se repetissem «os acidentes que lhe davam por intervalo» (*ibid.*); três vezes ainda os acidentes se repetiram nesse dia (*ibid.*). Na quarta-feira, 11, o rei mandou chamar os filhos, falou-lhes, lançou-lhes a bênção; à noite «esteve muito mal» (*Memória*). Na quinta-feira, 12, novo acidente (Góis); julgaram o rei morto; «tiveram-no de todo amortalhado até ao meio dia e do meio dia para vante» (*Memória*); «à noite tornou a si, e comeu, e bebeu um púcaro de água, e veio a rainha falar com ele» (*ibid.*). Na sexta-feira, 13, foi ungido de manhã; quando lhe perguntaram o que sentia, respondeu: «muita paixão, e muito trabalho, e pouco descanso» (*ibid.*); comeu, bebeu, falou à rainha e ao duque de Bragança; às quatro horas da tarde, «começaram de lhe dar os verdadeiros sinais da morte» (Góis); «veio a noite, começou o peito a levantar, e começou a entrar no artigo da morte» (*Memória*); estava «em seu acôrdo, falando sempre com todos» (Gil Vicente); acompanhado dos frades, que lhe rodeavam o leito, repetia os salmos «em alta e clara voz» (Góis); às 9 da noite, segundo a *Crónica* de Damião de Góis, das 10 para as 11, segundo a *Memória* anónima, morreu. A putrefacção rápida, ou o receio da epidemia, apresaram a inumação: poucas horas depois — às 3 da madrugada — já o cadáver do rei estava enterrado, em cova rasa, mosteiro de Belém. Resumindo, pois: no decurso duma epidemia que grassava em Lisboa, o rei D. Manuel foi súbitamente atacado de doença sem localização definida, que se caracterizou por febre, sonolência, acidentes repetidos (convulsões, síncope, lipotímias?), agravamento ao sétimo dia, morte ao décimo.

Será possível determinar a natureza desta vaga epidémica de 1521? Estaremos em presença da gripe, do tifo exantemático ou da peste, como nas poli-epidemias de 1522-1523, 1556-1558, ou de 1580? Evidentemente, podemos pôr de parte a peste bubónica. Os médicos que rodeavam o leito de D. Manuel — arquiátrios experimentados, como o doutor mestre Afonso, os doutores João de Faria e Diogo Lopes, o mestre hebreu converso Diogo de Alfaro, os mestres Nicolau e Gil da Costa — conheceram bem a doença, cujo quadro sintomático característico não se confunde com o do rei. Também não deve tratar-se do tifo petequial. Damião de Góis e o memorialista da livraria do marquês de Castelo Rodrigo, a quem não escaparam pormenores importantes, não deixariam de referir-se ao exantema, se ele se tivesse manifestado no monarca; e, além disso, a epidemia de 1521 atingiu de preferência os «homens honrados e de estado» (Garcia de Rezende, *Miscelânea*), menos sujeitos à

influência da miséria, das fadigas e da fome. Temos de excluir igualmente a febre tifóide, em geral precedida de um período prodromico de ascensão que não se verificou na doença do rei, «súbita, em plena saúde aparente» (*De rebus Emmanuelis*), e cujo alarmante cortejo de sintomas abdominais não permitiria que D. Manuel se alimentasse regularmente até ao último dia de vida. Já é muito de admitir a hipótese duma vaga gripal hipertóxica — semelhante à de 1557 — que tivesse revestido, num número maior de casos, a forma meningítica, convulsiva, comatosa. Foi esse o meu diagnóstico retrospectivo quando, há vinte anos, pela primeira vez me ocupei do assunto. Num dos seus últimos e admiráveis trabalhos, porém, o eminente professor dr. Ricardo Jorge, glória



D. MANUEL I. — (GRAVURA DO SÉCULO XVIII)

da medicina portuguesa, manifesta a opinião — contestada, aliás, por outro cultor da arqueologia médica, o falecido professor Maximiliano de Lemos — de que a epidemia de modorra de 1521, que vitimou D. Manuel, é identificável com a encefalite letárgica. Com efeito, do triângulo sintomático de Economou-Netter, nós temos, dominando a situação, a sonolência e a febre; e não podemos afirmar que houvessem faltado as paralisias oculares (ptose palpebral, estrabismo, nistagmo, diplopia), porque elas seriam, para os médicos do século XVI, difíceis de observar e de interpretar. Além disso, as convulsões verificadas no monarca — se convulsões eram os «acidentes que lhe davam por intervalo», na expressão de Damião de Góis — são facilmente integráveis no quadro de encefalite epidémica, especialmente nas formas miocló-

nicas descritas por Sicard e por Kudelsky. Esta identificação levanta, seguramente, objecções. Uma delas é o carácter descontínuo da sonolência, senão em todos os epidemiados de 1521, pelo menos no único caso que conhecemos, — que é o de D. Manuel. Se é certo que o rei estava por vezes mergulhado numa verdadeira narcolépsia, mais próxima do coma do que do sono normal (no dia 12 «tiveram-no de todo amortalhado», na significativa expressão do memorialista anónimo), não é menos certo que durante a doença fez as suas refeições, recebeu visitas, conversou, ditou o codicilo do seu testamento, no mesmo dia 12 falou com a rainha «por espaço duma grande hora e meia» (*Memória*), e morreu «em seu acôrdo, conhecendo a morte» (Gil Vicente) e recitando de cor os salmos penitenciais. Evidentemente, esta objecção impressiona. Mas nós devemos lembrar-nos de que o sono contínuo só se encontra nas formas clássicas da síndrome; de que nalguns casos — embora raros — nem sonolência existe; e de que a encefalite letárgica é uma doença essencialmente polimorfa e acíclica. No caso de D. Manuel, a hipótese da encefalite parece-me perfeitamente aceitável; mas não é menos aceitável a hipótese duma gripe hipertóxica e comatosa; — e, afinal, talvez, amanhã não seja difícil conciliá-las a ambas. Eu não pretendo discutir, neste momento, a questão da especificidade da encefalite epidémica; mas a verdade é que ela pode ser uma espécie nosográfica distinta devida a um agente infeccioso do grupo dos vírus filtrantes, ainda não identificado, e pode também, como pretendem Lhermite, Page, Sainton, Lortart-Jacob, Arami, uma simples síndrome, expressão de uma doença infecciosa sobre o mesocéfalo. A última palavra ainda não está dita. A opinião que considera a encefalite letárgica como uma localização gripal tem sido vivamente contestada; mas o aparecimento da encefalite nas últimas vagas epi-

démicas de influenza é impressionante; e, perante o depoimento dos nosógrafos quinzentistas, somos levados a supor que os casos de «mal de modorra» e os casos de «catarro» coexistem também em certas pandemias do século XVI. Não estando ainda completamente posta de parte a ideia de que uns e outros constituem manifestações diversas da mesma infecção; e, por outro lado, cabendo os sintomas apresentados pelo rei — febre, sonolência, acidentes — no quadro da gripe, não pode aceitar-se como definitiva a opinião de que D. Manuel, vítima da pandemia de 1521, sucumbiu à encefalite letárgica.

Mas estas subtilezas de diagnóstico interessam pouco à história e, sobretudo, já não interessam nada ao doente.

Júlio Dantas.

MAGNÍFICO de vitalidade é o caso singular do sábio histólogo Santiago Ramon y Cajal, glória do mundo, que acaba de cumprir oitenta anos, nestes dias quentes da florida Madrid.

Espanha tem, como todos os países de velha cultura, algumas glórias mundiais. Universal é o renome de D. Miguel Unamuno, o glorioso filósofo e ensaísta; célebre em todo o mundo latino é a frondosidade literária de Valle Inclán; o nome de Pablo Picasso pertence já à história da pintura, como os de Granados, Albéniz e Falla são expoentes da história da música.

Mas entre todos os grandes valores espanhóis, os mais altos são, talvez, os de D. Manuel B. de Cossío, o pedagogo incomparável, e deste velhinho sêco, enérgico, transbordante de actividade, que iniciou o seu trabalho de investigação científica há sessenta e quatro anos e é, decerto, a mais extraordinária autoridade no campo da histologia, ciência de que foi o verdadeiro gestor e organizador; falamos de D. Santiago Ramón y Cajal, o glorioso octogenário que rege a sua cátedra, ainda, forte e íntegro, na Faculdade de Madrid.

Santiago Ramón y Cajal nasceu na Navarra, na humilde aldeia de Petilla de Aragon, no dia primeiro de Maio do ano de 1852. Por isso os oitenta anos os cumpriu no dia emocionante da festa do trabalho, este ano, quando as organizações proletárias substituíram o seu tradicional cortejo de arraial pela paralisação total, absoluta, da vida inteira em todo o país, numa demonstração de poderio que faz pensar profundamente.

E talvez que nesse dia, depois dos seus 64 anos de trabalho ininterrupto no laboratório e na cátedra, haja descansado o velhinho que, em vida, tem já erguidos, em Madrid, dois formosíssimos monumentos; a fonte silenciosa e bela, refugiada sob as frondes verdejantes do Retiro, que Vitcorio Macho desenhou e plasmou pos suas mãos, e a estátua hierática, magnífica de arrôjo que, esculpida pelo moço e magnífico escultor chileno, Lorenzo Dominguez, os estudantes de medicina espanhóis fizeram erguer no pátio nobre da sua faculdade.

Neste primeiro de Maio, o génio da investigação descansou e recebeu uma nuvem de felicitações, vindas de toda a parte do mundo, que em toda a parte é conhecida a sua figura moral, intelectual e científica do sábio que, depois de Pasteur, mais proveito tem dado à medicina e à ciência em geral, com as suas investigações no campo da biologia.

E logo no dia seguinte, modestamente, ignoradamente, voltou ao seu trabalho insano.

D. Santiago trabalha no seu laboratório particular e também, quasi todos os

Ramón y Cajal apesar dos seus oitenta anos investiga sem cessar

dias, trabalha no Instituto Cajal, acabado de instalar num edificio magnífico, expressamente construído, junto ao Cerro de San Blas. Apesar de que lhe fica longe de casa, não falta ali o patrono da casa, com a mesma paixão de há 50 anos. É que para ali foi já, há uns dois meses, toda a aparelhagem, todo o arquivo, todo o material do seu Laboratório de Investigações Biológicas, enfim, todos os seus



O SÁBIO ILUSTRE, GLÓRIA DA CIÊNCIA CONTEMPORÂNEA, NÃO DEIXA DE TOMAR O SEU CAFÉ, TÔDAS AS TARDAS, COMO BOM HABITANTE DE MADRID...

companheiros de trabalho, todas aquelas pequenas coisas, entre as quais, o seu poderoso cérebro gastou as teorias mais famosas e irrefutáveis da moderna histologia.

E as horas que não passa no Cerro de San Blas não são também de descanso para o infatigável médico. Em sua casa, uma casinha pulcra e simples como a sua alma, de uma ingenuidade quasi infantil, Ramón y Cajal instalou, aproveitando o

subterrâneo, outro laboratório, outra biblioteca, e ali gasta o resto da sua vida curvado sobre o microscópio estudando nos seus livros, como que desejando aprender sempre, ele que é o criador da ciência a que se dedicou.

E com todo este dispêndio de energias, D. Santiago ainda tem tempo e forças para escrever. E escreve, na actualidade, uma vasta obra, obra básica de certo, em que dá a conhecer a técnica dos processos seguidos por ele nas investigações histológicas e que são clássicas já nos laboratórios do seu Instituto. Livro monumental, que será editado por conta dos médicos uruguaios, quasi todos antigos discípulos do mestre, destina-se a divulgar em todo o mundo culto o método e o pensamento do autor, isto é, a mais alta competência da sua especialidade.

E se julgas, leitor, que este homem incomparável descansa algo depois deste labor de gigante, saberás que os seus oitenta anos não recuam ainda perante um trabalho suplementar. Poliglota completo, D. Santiago Ramón y Cajal está traduzindo para as principais línguas do globo, os seus trabalhos anteriores, base de toda a histologia moderna e cuja edição levará ao conhecimento de muitos centros científicos e estrangeiros, que as descobertas que agora os seus mais ilustres membros estão anunciando, já as havia relatado, em só-lido castelhano, há uns 30 ou 40 anos, este homemsinho sêco, paciente e obstinado, que todas as manhãs deambula a pé, pelas ruas soleadas de Madrid e, todas as tardes, toma pascaciamente o seu café tradicional ao canto de uma esplanada na calle de Alcalá.

E ainda ensina, o mestre incomparável, gozando, como todos os espíritos superiores, em espalhar o seu saber às mãos cheias, criando uma legião enorme de discípulos, alguns já ilustres também, e uma escola, genuinamente espanhola, de histólogos e biólogos, que perpetuarão o seu nome e manterão a cultura espanhola ao nível das mais altas culturas científicas do universo.

O inverno leva-o a Alicante, à risonha e cálida cidade mediterrânea, já que o seu organismo não poderia resistir ao frio terrível dos ventos do Gualdarrame, que açoitam Madrid. Mas sempre trabalhando para bem da humanidade e para a maior glória da sua pátria. Bastante ganho tem o direito de que, em sua memória, os espanhóis façam esculpir no seu túmulo a frase que pronunciou alguns anos depois de a ter cimentado na sua obra:

«A pretensa incapacidade dos espanhóis para tudo aquilo que não seja produto da fantasia ou da criação artística, ficou reduzida a um tópicico desprezível.»

Madrid — Maio.

João de Sousa Fonseca.

A DOR DE DUAS RAINHAS E A ALMA FEMININA

Nos arredores de Londres, onde a paisagem é a mais doce do mundo, relva mais fresca, as flores mais brilhantes e as árvores, magestosas, dos mais variados tons de verde, em Fulwell Park, uma residência ideal, onde só podemos sonhar, que existe uma suave alegria, um sonho de amor, envolvido na atmosfera velada e doce deste céu de uma suavidade incomparável, sofrem duas rainhas, dois corações esmagados pela dor, duas almas que a garra da desgraça despedaça, dilacera e faz sangrar: a mãe e a esposa de D. Manuel de Bragança.

A senhora D. Amélia, ex-rainha de Portugal, conheceram todas as felicidades e todas as dores que podem fazer de uma vida uma agonia, porque é bem mais difícil sofrer, depois de ter possuído a felicidade completa. O seu coração tem sido torturado pelas maiores dores humanas. A seu lado foram mortos o marido e o filho querido, esbelto moço cheio de vida e de inteligência. Um bala pôs-lhe termo à vida, diante dos seus olhos espavoridos, banhando-a no seu sangue, e dando-lhe a conhecer o horror de ser rainha, o horror de ser odiada e de ver odiados os seus, a impressão de que rodeada de feras, nem ela nem o filho único, que lhe restava teriam um minuto de repouso, de descanso. E agora quando o tempo tinha suavizado essa dor incomparável, a fatalidade fere-a de novo, quasi com a mesma brutalidade, repentinamente. O filho que dois dias antes deixara

com saúde, morre de um momento para o outro e a sua única razão de viver deixa de existir.

A senhora D. Augusta Vitória, esposa de um rei, que nunca foi rainha, viu inesperadamente, enquanto fazia as suas compras, desabar a sua felicidade, tranqüila e doce, a única que se pode compreender, neste clima e nesta paisagem. A morte arrebatou-lhe o marido, o companheiro inteligente e culto, de uma sensibilidade artística e de uma bondade de



D. AMÉLIA DE ORLEANS E D. AUGUSTA VITÓRIA, SAÍDO DA CATEDRAL DE WESTMINSTER, APÓS AS ENQUILAS. POR DETRÁS DA VUVA DE D. MANUEL VÊ-SE, DE CASACA, O EX-REI D. AFOSSO XIII



D. MANUEL DE BRAGANÇA. — QUADRO PINTADO PELO GRANDE MESTRE VELOZO SALGADO — QUE MEDE 1,60x1,25 — E QUE ERA DESTINADO À CÂMARA MUNICIPAL DA VILA DA FEIRA. (AO FUNDO VÊ-SE O PITORESCO CASTELO DAQUELA LOCALIDADE). FOI EXECUTADO, A PEDIDO DA COMISSÃO DE RECEPÇÃO, E ERA COMEMORATIVO DA VISITA REGIA ÀQUELA VILA, POR OCASIÃO DA INAUGURAÇÃO DA LINHA FERREIRA DO VALE DO VOUGA, EM NOVEMBRO DE 1868. PROCLAMADA A REPÚBLICA, DURANTE A SUA FACTURA, FOI O QUADRO OFERECIDO, PELO SEU AUTOR, AO SR. DR. HENRIQUE VAZ FERREIRA, CONHECIDO ESCRITOR, ANTIGO DEPUTADO E GOVERNADOR CIVIL DE AVEIRO DURANTE O REINADO DE D. MANUEL

alma, que lhe tornava a vida deliciosamente agradável, envolvida num leal e seguro afecto. E o seu maior desgosto, é talvez o primeiro desgosto violento, que a tortura, e as suas lágrimas, de uma incomensurável amargura, comovem todos os corações de mulher, que sabem sentir. Porque a dor das rainhas é a dor da mulher, é a dor humana. A alma das rainhas é uma alma feminina,

com os mesmos sentimentos, com as mesmas dedicações, com a mesma ternura, que a alma de qualquer burguesa ou a de uma mulher do povo.

Inclinemo-nos, pois, perante essas duas senhoras, que juntas choram as maiores dores que podem retalhar o coração de uma mulher: a morte de um filho e a morte de um marido. E lembrando-nos de que a dor feminina, a verdadeira dor, aquela que dilacera a alma, que esmaga o sentimento, que torna a vida um pesadêlo de todos os minutos, tem na sensibilidade feminina, de uma delicadeza imensa, um enorme pudor do próprio sofrimento. Respeitemos profundamente essas duas senhoras, deixemo-las entregues ao seu sofrimento, não perturbemos o seu choro, com indiscretas entrevistas e, respeitosa-mente, ao passar diante da residência de Fulwell Park, dignificada por um exílio nobremente suportado, e tornada augusta pelo sofrimento, passemos num recolhimento profundo, prestando a única homenagem que não susceptibiliza a dor sincera das almas femininas que sofrem: a homenagem do respeito e do silêncio.

Londres, 23 de Julho. Maria de Eça.

JARDIM-ESCOLA JOÃO DE DEUS

Os Jardins-Escolas João de Deus são obra dum só homem: o dr. João de Deus Ramos.

Só quem visitou algum dêles — e poucos são, felizmente — pode fazer ideia do que seja a educação e a instrução que se ministra portas adentro dessas tão belas casas de ensino.

Em Lisboa, o Jardim-Escola — traço de Raúl Lino — fica situado no bairro da Estrêla. Entre o arvoredado espesso, divisa-se um edificio, adorável de estilo e de perfeição de linhas.

O seu funcionamento é modelar. Um cento de crianças aprende ali as primeiras letras, juntamente com trabalhos manuais, os mais variados. Dos cinco aos nove annos, as crianças têm quatro annos de formação da intelligência e de desenvolvimento de cérebro. Sáem aptas a estudar, a caminhar na vida. É com as lágrimas nos olhos que êsses inocentinhos largam o Jardim-Escola, ao atingir o «limite» de idade...

Fizeram-se, há dias, as provas anuais. Foi uma festa encantadora e cheia de alegria. Cada criança quis mostrar o que sabia, melhor do que as outras. Além de leitura, escrita, contas e canto coral, a pequenada exhibiu, perante uma assistência composta quasi exclusivamente dos respectivos pais, os seus trabalhos escolares...

Papeis de côr, cestinhas de rafia, colagens, desenhos na pedra, coisas de costura, tudo foi feito na presença de duas professoras, estranhas ao Jardim-Escola, presididas por essa figura de mulher — exemplar e bondosa senhora — D. Guilhermina Battaglia Ramos, viúva do grande poeta e pedagogo João de Deus. São oitenta e alguns annos, vigorosos, cheios ainda de vida. A atenção que



OS ALUNOS DO JARDIM-ESCOLA QUE PRESTARAM PROVAS ESTE ANO. NO ALTO DA ESCADARIA, VÊ-SE — RODEADA PELAS PROFESSORAS SRS. D. MARIA FRANCISCA VARGUES (REGENTE), D. MARIA AMÉLIA BONTI E D. FERNANDA IVONNE NEVES E PELAS SR. D. MARIA DE JESUS CONCEIÇÃO SILVA E D. CUSTÓDIA MARIA BARROSO, QUE FORAM EXAMINAR AS CRIANÇAS — A SR. D. GUILHERMINA BATTAGLIA RAMOS, VIÚVA DE JOÃO DE DEUS

presta às provas, as perguntas que dirige aos pequeninos e a bondade com que os trata, são coisas que as crianças não esquecerão pela vida fóra... Todo aquele trabalho, todo aquele carinho e tôda aquela dedicação, mostra bem o culto que tem pela memória do marido e pela obra que vem realizando seu filho. A sr. D. Guilhermina Battaglia Ramos, indo presidir às provas finais da época, presta homenagem à obra educadora do marido e infunde respeito, não só às crianças como

tôrno de João de Deus Ramos boas-vontades e aplausos verdadeiramente consagradores. Poetas, escritores, artistas, políticos, estudantes, ajudaram-no e apoiaram-no ardentemente, compreendendo, como êle, que o problema da educação da primeira infância era e é fundamental entre nós. Os Jardins-Escolas, sendo um penhor de immortalidade para os princípios pedagógicos de João de Deus, são também uma iniciativa que sobremaneira honra o dr. João de Deus

às professoras — dignas pelo carinho que dispensam às criancinhas — e quer, também, render preito à grande iniciativa dos Jardins-Escolas, que se deve a seu filho, o sr. dr. João de Deus Ramos.

* *

Este anno, as provas finais revestiram-se dum carácter interessante, tanto mais que há poucos meses ainda, no Museu João de Deus, anexo ao Jardim-Escola, foi prestada homenagem, pelos «Amigos de João de Deus», numa sessão solene, ao filho do grande poeta e educador, organizador e criador d'esses estabelecimentos de ensino. O sr. dr. João de Barros — grande admirador daquela obra — escreveu, por essa ocasião, as seguintes palavras, que ficam bem nestas páginas:

«Nos Jardins-Escolas tudo é português, tudo é nosso, até a própria designação, e respira-se ali um fervor religioso, um carinho infinito pela infância. Nada é deixado ao acaso, mas nada é imposto. Há um acôrdo visível entre o querer do educando e o querer da professora, entre a instintiva evolução daquele e o cenário e o meio em que desenvolve e adentra as suas faculdades e recursos. Em suma, obra notável, obra única em Portugal, e que, ao iniciar-se, e ainda hoje, congrega em

A VIUVA DE JOÃO DE DEUS, TENDO AO COLO A SUA FILHOTA MAIS NOVA, FILHA DA SUA NETA SR.^a D. NAZARÉ BATTAGLIA RAMOS SACRAMENTO MONTEIRO

Ramos. Louvá-lo não é assegurar, não é formar melhor a glória do Mestre, que dispensa mais alicerces. Mas, certamente, é respeitá-lo melhor, pois que neles se vê e admira uma réplica harmoniosa e leal do pensamento educativo do poeta do *Campeão das Flores*, do apóstolo da *Arte de Leitura*.

* * *

Para os que conhecem, por dentro, os Jardins-Escolas, escusadas são mais palavras para definir o que é o ministramento do ensino e dos trabalhos, nesses encantadores estabelecimentos de educação. Para os outros, para os que passam à porta, basta convidá-los a entrar... Por uma só visita se pode avaliar o que aquilo representa de esforço.

Nós — conhecedores, a fundo, do que representa na vida dum pai um Jardim-Escola — aconselhamos a todos os que se interessam por coisas de educação uma visita, embora rápida.

Por isso, por saber a grande soma de energia, de boa-vontade e de persistência, que tem sido preciso para manter abertos os Jardins-Escolas, é que, sinceramente, aconselhamos o público, em geral, a que vá vêr, com os seus próprios olhos, essa grandiosa iniciativa educadora.

Estamos certos de que exclaimarão, à saída:

— Fechar uma escola destas? Isso nunca. Abrir outras, em outros bairros, é que é necessário...

E, no entanto, para manter aquela...

* * *

Actualmente existem, apenas, cinco Jardins-Escolas: Lisboa, Coimbra, Figueira da Foz, Alcobaca e Alhadas.

O de Lisboa vive em precárias circunstâncias financeiras — só por milagre, e esse é devido ao esforço titânico de João de Deus Ramos, ainda não encerrou as suas portas — e o da Figueira da Foz, afirmam-nos, deve fechar na próxima época escolar, pelo mesmo motivo...

O Estado não concorre com o suficiente para a sua manutenção, e a caridade particular não é, por vezes, bastante...

Como é isto possível num país em que tanto se clama contra o analfabetismo e em que, quasi diariamente, a imprensa faz

uma propaganda intensa a favor do ensino primário obrigatório?

Para se conseguir o funcionamento dos Jardins-Escolas de Coimbra, Alcobaca, Figueira e Alhadas, tiveram de se organizar Comissões de Assistência locais e, ainda em algumas terras, como Alcobaca, houve de recorrer a outra «Comissão Auxiliar de Senhoras Protetoras do Jardim-Escola João de Deus», que, gentilmente, fornece vestuário (bibes e alpergatas) e paga a cota das crianças pobres.

Quer dizer, a obra dos Jardins-Escolas é exclusivamente mantida por particulares. Honra lhes seja! Mas, perguntamos nós: não há possibilidade do Estado tomar a si, um pouco mais, o encargo da sua manutenção, embora a direcção do ensino continuasse nas mãos do seu fundador, o sr. dr. João de Deus Ramos?

Se houvesse um clamor unisono, se os jornais tomassem essa iniciativa, estamos certos de que alguma coisa se conseguiria. Por nosso lado, faremos tudo quanto estiver ao nosso alcance, para que alguma coisa de útil se faça.

Embora não esteja na índole desta revista promover espectáculos públicos, a *Ilustração*, no começo do inverno, está disposta a concorrer para a organização dum



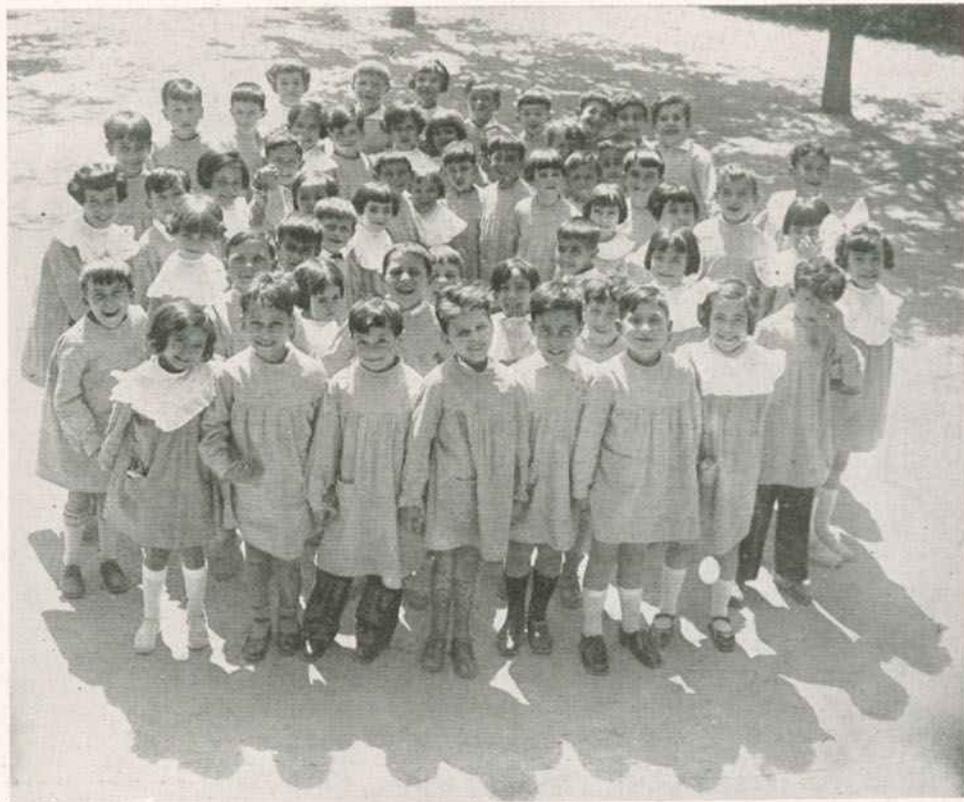
grande espectáculo público, onde alguns oradores dirão — embora em linhas gerais — qual é o funcionamento e a razão de existência dos Jardins-Escolas.

Lançada a ideia, esperamos colaborações, para não deixar morrer esta magnífica iniciativa, que honra um homem — João de Deus — e immortaliza a obra educativa do grande apóstolo da educação: João de Deus.

É forçoso que o nosso clássico indiferentismo pelas coisas de instrução, não deixe perder esta iniciativa, louvável sob todos os pontos de vista.

Ajudar a viver os actuais Jardins-Escolas já é muito, mas melhor seria conseguir que outros se pudessem construir — um, pelo menos, em cada bairro dos mais populares de Lisboa. Assim se completaria a obra educadora do grande poeta que foi João de Deus.

A. de A.



A PEQUENADA, FAZENDO CÍRCULO NO JARDIM, RI-SE PARA O NOSSO FOTÓGRAFO...



à pesca

O marido (que está a pregar uns quadros na parede da sala): — Já não sei o que hei-de fazer para não dar marteladas nos dedos.

A mulher: — É muito simples, agarra o martelo com as duas mãos.

No Jardim Zoológico, uma senhora romântica pára, em frente da jaula das feras, e exclama:

— Ai... se êstes tigres falassem que coisas interessantes êles diriam!

Então, um sujeito que estava ao lado da dama romântica, esclareceu:

— Se falassem já tinham dito, com certeza, o seguinte: V. Ex.^a está enganada; nós sômos leopardos...

Na rua:

— Minha senhora, o seu cão mordeu-me uma perna.

— Talvez o senhor quisesse que um cãesinho tão pequenino lhe mordesse uma orelha!

Numa *soirée* familiar:

— Esta menina que está a tocar é uma pianista muito cristã.

— Porque diz isso?

— Porque a mão esquerda nunca sabe o que faz a mão direita.

Um engenheiro ferroviário explica a um proprietário a direcção duma projectada linha:

— Como vê, o combóio atravessa a sua casa.

— O quê!? Então eu tenho de me levantar a toda a hora para lhe abrir a porta?...

— Os touros são magníficos professores de gymnástica.

— Porquê?

— Porque ensinam a correr.

À caça:

O caçador magro: — Vê lá se tens mais cuidado, olha que apontaste ao pato e eu é que apanhei a chumbada.

O caçador gordo: — Não faz mal, para a outra vez aponto para ti...

— O meu amigo devia castigar o seu cão que ladra sempre que a minha filha canta.

— Pois sim, mas o cavalheiro devia ter em conta que é ela sempre que começa...

No combóio:

O revisor: — Êste bilhete é para Castelo Branco, e o combóio vai a caminho do Pôrto.

O passageiro: — Então faça favor de dizer ao maquinista que vai errado.

Um veterinário diz ao ajudante:

— O senhor pega neste tubo de vidro, enche-o com êste pó, introduz o tubo na bôca do cavalo e sopra com força.

Passados cinco minutos aparece o ajudante muito aflito e engasgadíssimo.

— Que foi isso? — pergunta o veterinário.

— Foi o cavalo que soprou primeiro.

— Pode emprestar-me cem mil réis?

— Impossível.

— É vinte e cinco escudos?

— Também não.

— Dá-me um cigarro?

— Não fumo.

— Então, faça favor de me dizer que horas são.

— Ó homem, o que é que tu comes que estás tão magro?

— Como queijo Gruyère.

— Mas isso é um óptimo alimento.

— Será, mas a minha mulher só me deixa comer os buracos.

— E para onde vais êste ano?

— Minha mulher anda à procura duma praia onde as senhoras só tenham um vestido...

— Porquê?

— Porque ela tem dois.

No Tamariz:

Êle: — Dá-me o número do seu telefone?

Ela: — Está na lista.

Êle: — E como se chama V. E. ^a?

Ela: — Também está na lista.

— E o teu irmão, que queria arranjar um emprêgo público, que faz agora?

— Nada. Arranjou o emprêgo.

No escritório:

O empregado (dirigindo-se muito triste ao patrão): — Vinha pedir-lhe o favor de me deixar sair hoje mais cedo para ir dar um passeio com minha mulher.

O patrão: — De maneira nenhuma.

O empregado (sorrindo): — Muito obrigado.

O filho: — Papá, hoje o senhor professor de zoologia disse que os animais mudam de pele todos os anos.

O pai: — Pelo amor de Deus não digas isso a tua mãe!

Entre amigas:

— Então a Amélia não esteve a censurar-me por eu me pintar?

— Deixa lá, se ela tivesse a pele tão estragada como a tua, também se pintava.

Um corcunda, sempre que fazia alguma coisa mal feita, costumava dizer:

— Que Deus me emende.

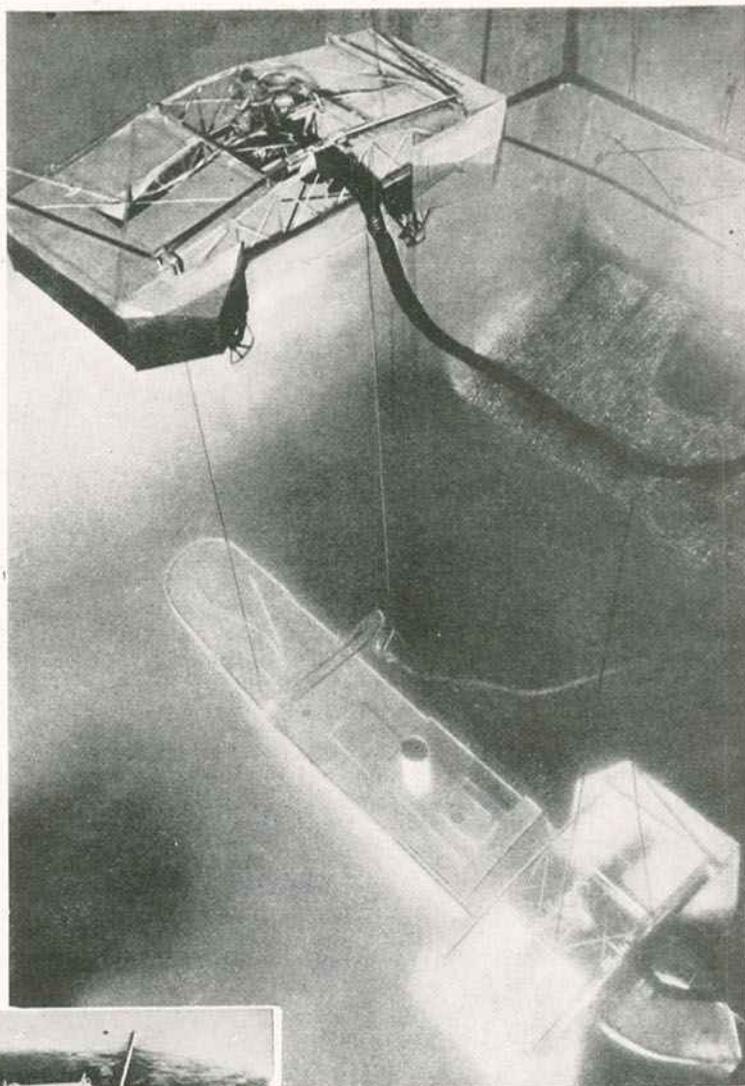
— Que Deus te emende? — exclamou um amigo. — Com certeza que lhe dá menos trabalho fazer-te de novo...

O pescador — Lino Ferreira.

É possível ir buscar ao fundo do mar um navio?

O engenheiro italiano Giuseppe Bontempi acaba de inventar um aparelho — a que deu o nome de pontão — que serve para arrancar do fundo do mar um navio. É composto por uma série de boias sobrepostas, dentro dum caixilho de ferro e provido de garras de aço de vários feitios. O pontão desce sobre o barco — como se vê na gravura — que se pretende retirar do fundo e ajusta sobre ele as suas garras. O barco salvado fornecerá, na devida altura, ar comprimido às boias do pontão e quando, naturalmente, o navio começa a subir, com lentidão, as garras de aço fecham-se, cada vez mais, com o seu peso. E aumentando a introdução gradual do ar nas boias, o barco chegará, por completo, à superfície, só sendo possível, depois, retirá-lo do aparelho, quando as suas respectivas garras, de aço deixarem de suportar a pesada pressão provocada pelo peso.

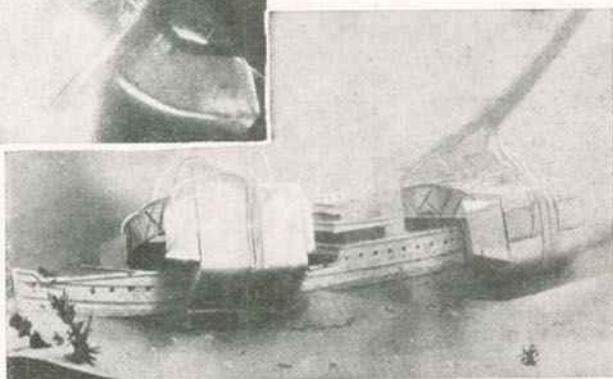
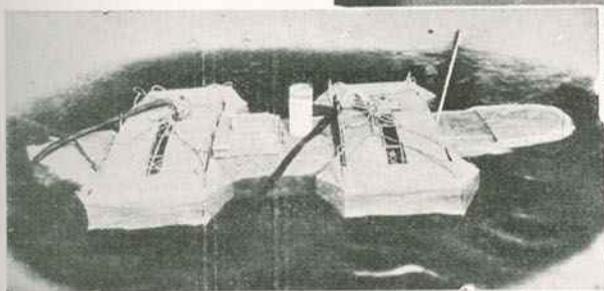
É uma invenção maravilhosa que vem resolver um problema dado como impossível, até hoje. O recente desastre do submarino «Prométhée» — que se afun-



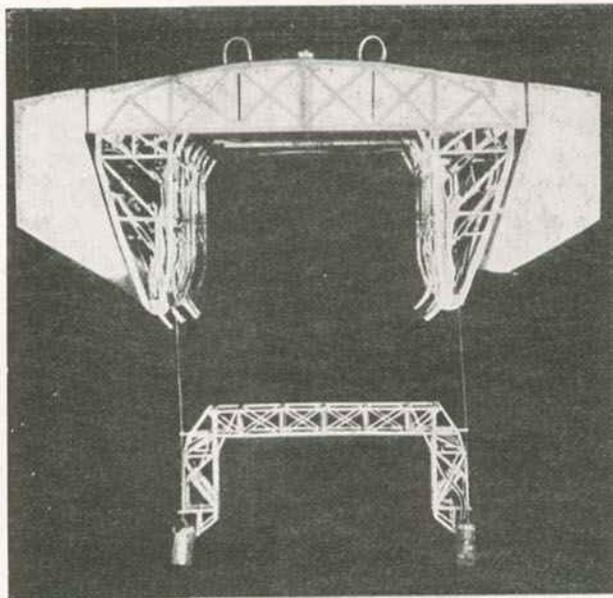
A invenção prodigiosa de um engenheiro italiano

dou com 66 homens de tripulação — veio pôr mais em foco esta invenção. Demais, o ministro da marinha francês depois de consultar o engenheiro militar Henri Faure a quem se deve a flutuação, em 1905 do «Farfadet», em 1909, do «Lucin» e em 1927 do «Liberté», publicou uma nota afirmando ser impossível pôr a nado o «Prométhée». O engenheiro Henri Faure, declarando, que em sua opinião era difícil pôr a flutuar o submarino, vem corroborar a opinião do engenheiro inglês Cox, que fez flutuar a frota alemã em Scapa-Flow.

A invenção de Bontempi está sendo estudada no meio marítimo italiano, e segundo a imprensa diária de Roma, esses estudos têm dado grandes resultados. Esperemos que na prática — caso se venha a executar esse formidável pontão — o invento traga, para o futuro, remédio para se conseguir salvar da morte, as tripulações dos submarinos que um desarranjo na maquinaria os leva para o fundo do mar...



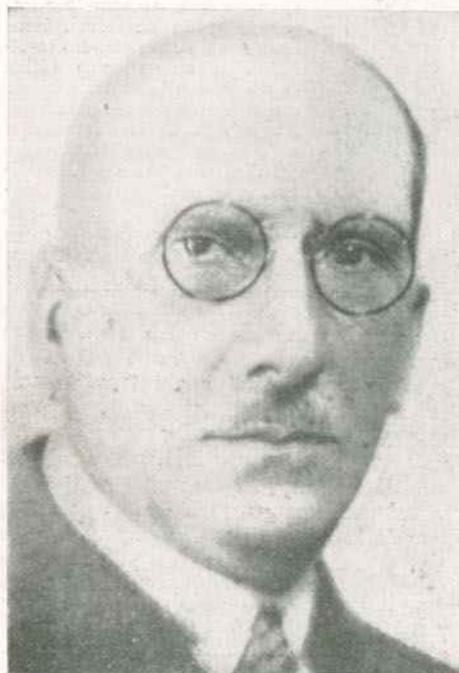
EM CIMA: O APARELHO PRONTO A LEVANTAR O NAVIO AFUNDADO À ESQUERDA, POR CIMA, O NAVIO NAUFRAGADO TRAZIDO À SUPERFÍCIE, AINDA AGARRADO PELOS DOIS PONTÕES, QUE O CONSERVAM FLUTUANDO, ESPERA REPOUSAR PARA A DOCA, ONDE DEVE SER EXAMINADO PELOS PERITOS À ESQUERDA. EM BAIXO: «MAQUETTE» DUM PONTÃO, MOSTRANDO AS GARRAS QUE APERTEIAM O NAVIO AFUNDADO E QUE O TRAZEM À TONA DE ÁGUA DEPOIS DE CHEIO DE AR COMPRIMIDO À DIREITA, EM CIMA: UM NAVIO AO SER LEVANTADO, VENDO-SE AS GARRAS À POSIÇÃO ESPERANTO UNICAMENTE QUE O AR COMPRIMIDO SEJA INJECTADO, O QUE O PARÁ SUBIR À DIREITA, POR BAIXO: UM PONTÃO, VENDO-SE A COLEÇÃO DE GARRAS, CAÍDO DO PONTÃO, ESTÁ O APARELHO DE COLOCAÇÃO QUE PERMITE O «AGARRAMENTO» DOS DENTES AO NAVIO



O PRESENTE



DR. GETULIO VARGAS — O PRESIDENTE DA REVOLUÇÃO



DR. ARTUR BERNARDES — O CHEFE CIVIL DA REACÇÃO CONSTITUCIONAL DE MINAS GERAIS

O BRASIL EM CONVULSÃO



GENERAL KLINGER — UM DOS CHEFES MILITARES DA REVOLUÇÃO



DR. RAUL PILLA — CHEFE DO PARTIDO LIBERTADOR RIOGRANDENSE



DR. BAPTISTA LUZARDO — EMINENTE POLÍTICO REVOLUCIONÁRIO



DR. JOÃO NEVES FONTOURA — EMINENTE POLÍTICO REVOLUCIONÁRIO



GENERAL GOES MONTEIRO — CHEFE MILITAR DEFENSOR DA DITADURA



CAPITÃO JUAREZ DE TAVORA — CHEFE MILITAR DEFENSOR DA DITADURA

Por este mapa verifica-se, segundo os telegramas, que os «Estados» que cercam o Rio de Janeiro estão todos agitados pela revolução constitucional

O PASSADO



DR. WASHINGTON LUIZ — O PRESIDENTE QUE FOI DEPOSTO



DR. BORGES DE MEDEIROS — O CHEFE CIVIL RIOGRANDENSE DA REACÇÃO CONSTITUCIONAL





O COMÍCIO MONSTRO, REALIZADO EM S. PAULO, PERCURSOR DA REACÇÃO CONSTITUCIONAL

ELEMENTOS POLÍTICOS QUE APOIAM O GOVERNO GETULIO VARGAS



OSWALDO ARANHA



PEDRO ERNESTO



COMANDANTE CASCARDO



CAPITÃO BREY



CAPITÃO MENDONÇA



CAPITÃO MAGALHÃES

NOTA POLÍTICA
PREPARATORIA
DA REVOLUÇÃO

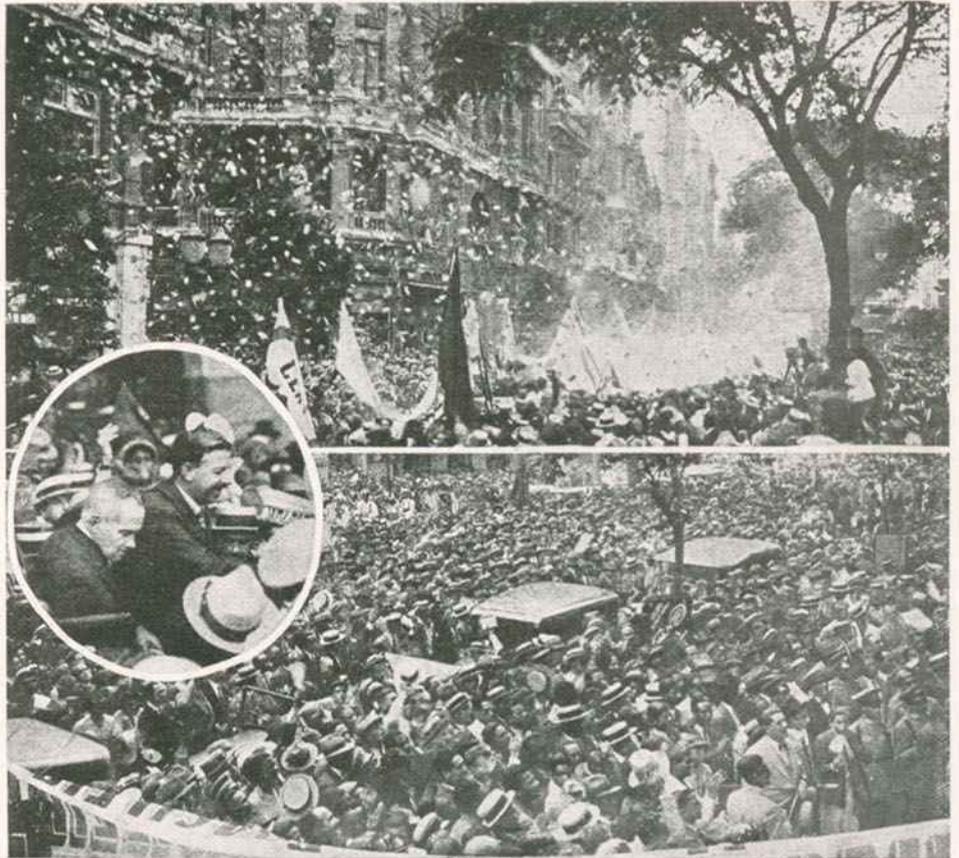
PARA se avaliar do significado da revolução constitucional que agita o Brasil, publicamos a nota, assinada pelo representante da «Frente Unica», sr. dr. João Neves, ilustre parlamentar, que rompeu as negociações politicas dos grandes Escadões do Sul com o Presidente Getulio Vargas, e que antecedeu o movimento revolucionário:

«Na qualidade de representante autorizado das Frentes Unicas de São Paulo e do Rio Grande do Sul e das demais correntes partidárias solidárias com a orientação de ambas, depois de ouvidos os chefes das referidas correntes de opinião, escrevi hoje uma carta ao dr. Getulio Vargas, honrado chefe do Governo Provisório, comunicando-lhe o encerramento dos nossos entendimentos para a formação de um ministério de concentração nacional, que houvesse de ser a expressão de novos ramos políticos capazes de tranquilizar a Nação e de servir de garantia definitiva para o seu pronto e seguro regresso ao regime constitucional. Essa é a aspiração de todos os brasileiros de boa vontade.

Sem que este juízo importe mesmo longinquamente em menosprezo à personalidade do novo titular da pasta da Guerra, em quem todos reconhecem um cidadão de meritorias qualidades, entendem todavia as Frentes Unicas que a escolha do nome de S. Ex.^a não constituiu um acto que caracterizasse a mudança de orientação politica desejada pelo país e que sempre foi considerada condição imprescindível para a nossa comparticipação na obra final da ditadura. Embora tal escolha não constituísse por si só a razão exclusiva para a rutura das negociações, ela se reveste, não obstante, de uma importância capital, que não escapará ao juízo de quantos acompanhem com patriótica atenção o desenrolar dos acontecimentos.

Se consentissem em tomar parte no governo sem que este houvesse franca e desassombradamente adoptado directrizes em perfeita concordância com os anseios da opinião, as Frentes Unicas nada mais fariam do que emprestar de novo a sua chancela a uma situação de incertezas e vacilações, igual em tudo à que existia antes da crise deflagrada a 3 de Março do corrente ano. As Frentes Unicas, cuja orientação conta com o sufrágio da imensa maioria da opinião

DOCUMENTO PARA A HISTÓRIA DA REVOLUÇÃO



ACLAMAÇÃO COLOSSAL AO DR. JULIO PRESTES QUANDO DA SUA CHEGADA AO RIO DE JANEIRO, APÓS A SUA ELEIÇÃO PARA A PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, CUJA MAGISTRATURA NÃO ASSUMIU, PELO TRIUNFO DA DITADURA, QUE A ACTUAL REVOLUÇÃO PRETENDE DERRUBAR

pública em todos os Estados da Federação, e que defendem os nobres interesses das gloriosas forças armadas do país, estão seguras de haverem enviado todos os esforços no sentido de ser restituída a confiança da Nação no Governo Provisório. Naufragados os seus patrióticos empenhos, retiram-se elas com serenidade de ânimo

para as posições que ocupavam antes das suas tentativas de recomposição com o Governo Provisório. Em relação aos actos d'ele, manter-se-ão em atitude de expectativa, sem nenhuma responsabilidade na sua orientação politica e acalentando a esperança de que ele se inspire nos imperativos do bem comum.

SOLILÓQUIOS E COMENTÁRIOS

A Vida é uma bela sinfonia, pensa um compositor musical. Só é pena que existam os músicos e os críticos, conclui.

PENSO com enternecimento no meu velho amigo e aliado, o Tempo. O que ele sabe, o que ele tem visto, o que ele saberá e verá ainda. E penso que só ele é justo e bom. E que, muitas vezes, embora não chegue a tempo, sempre chega a pôr as coisas no seu lugar justo.

A Morte, vista através das diversas profissões. Um estudante: são as férias eternas. Um juiz: é uma absolvição. Um livreiro: uma obra esgotada. Um farmacêutico: a última droga. Um jornalista: a última hora. Um padre: o dia do julgamento. Um agiota: o último recibo a descontar. Um pobre: a última esmola. Um músico: a nota final. Um gramático: o ponto final. Um cozinheiro: o último prato. A cortêsã: o pano de ferro da mentira. E a Morte a todos ouve. A uns, leva-os engajados, voluntários que se entregam para remir sofrimentos sem fim; a outros, leva-os compelidos, para que não suponham que nem o mal é tão grande que se não acabe, nem o bem tão duradouro que não tenha fim. E lá vai, como na *Dança do vento*, dizia o Augusto Rosa.



CARMEN de Burgos escreveu: «Nuestros corazones son inmensos cementerios sin epitafios siquiera». Que engano triste! São, ao contrário, laboratórios onde se combinam offídicos venenosos. O meu, é uma velha farmácia fechada. Com ratos a roerem o alcaçuz e um resto de estriquinina para os inimigos.

«DEUS não passa duma monstruosa frioleira», escreveu Vítor Hugo nos *Miseráveis*. É estúpido escrever coisas destas. Os malandros que lerem tal são capazes de se desbocar, julgando que aquilo é verdade. Como se a justiça pudesse ir veraneiar!

DE Vítor Hugo ainda:

«A mulher é pérfida e tortuosa; de testa a serpente por ciúme de profissão. A serpente é a sua loja fronteira.»

Que diabo de mal teriam feito as serpentes ao velhote?...

JÁ dizia Francisco I:

Bien fol est qui s'y fie.

«A Verdade é odiosa aos grandes», escreveu Erasmo. Aos grandes e aos pequenos. Na vida tudo é mentira e só de mentiras vive a maioria dos viventes. O resto, o que não mente, vive também, chamado de mentiroso pelos que não falaram verdade nunca...

A CABA de fundar-se em Lisboa a Sociedade Nacional de Gastronomia.

Compõe-se de quarenta membros e deve-se essa louvável iniciativa ao engenheiro António Maria de Oliveira Belo, culinariamente o *Olleboma*, autor de um livro excelente, o «Larousse português do assunto. É uma ideia magnífica numa terra onde não falta o apetite mas onde nem todos sabem comer.»

HÁ duas faculdades, sem as quais, o triunfo é impossível: a Vontade e a Paciência. Com elas apenas, chega um tólo a homem de génio e um elefante cabe dentro de uma formiga.

L ontem G. Ohnet. É um curioso escritor, que está esquecido. Quem sente hoje o amor, a ternura das suas páginas e onde estão os homens e as mulheres que as povoam? Nesta época de traições e egoismos, para onde emigraram aqueles corações, onde estarão aquelas almas?

MUPASSANT, o adorável autor de tantos e tão belos livros, escreveu no seu *Pierre et Jean*: «Não possuem tôdas as mulheres, tôdas, essa prodigiosa faculdade de esqueceremto, que só com dificuldade as deixa reconhecer, decorridos centos de anos de ausência, o homem a quem deram os lábios e todo o corpo a beijar?»

Talvez fôsem assim as do seu tempo. As de hoje, não precisam de centos de anos. Oito dias depois já elas se não lembram de nada.



A BRO o *Calvário*, de Mirbeau, e encontro: «Mas que dizer de gente, como esta, para quem o amor é o grande assunto da vida e que não pode ver as costas de uma mulher sem lhe coser umas asas de sonho, e atirá-la às estrelas?»

Parece que está em Portugal, a falar de portugueses. É tal e qual aquilo. Mas o que é é que, um mês depois, já se não lembra nem do Amor, nem da Mulher, nem do Sonho, e se alguma vez busca umas asas é para fugir dos horrores em que o meteu a sua fantasia e o seu bedelho amorudo.

HÁ muita gente que se queixa de não ser feliz, sem se lembrar que não faz outra coisa, todos os dias, do que abrir, a cinzel, a imagem da sua própria desgraça.

SE não tens o sentido da oportunidade, dificilmente vencerás. É preciso ir com a Fortuna, quando ela nos pisca o olho, disposta a atraí-lo. Asar que nos persegue. E quantas vezes lhe não dá para ser mulher séria!?

O coronel Savary dizia: «Se Bonaparte me mandasse matar meu pai, cumpriria a ordem.»

Que admira, pois, que com homens, como este, para mandar, Napoleão tivesse sido um grande homem?

HÁ alguns centos de anos, Garcia de Rêzende publicava, no seu *Cancioneiro geral*, esta grande verdade:

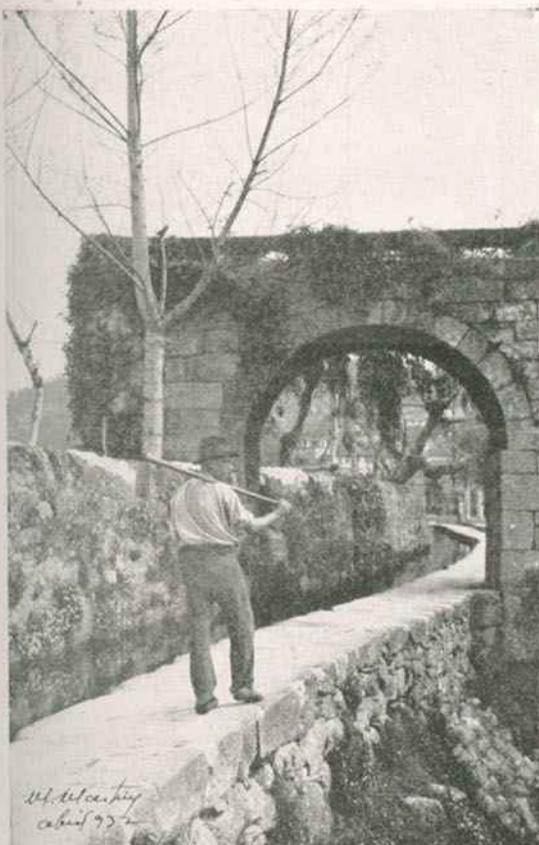
He muy bõ buscar punhadas e meter nyffo paçeiro, mas nam ser a dianteyro por resguardo das queyxadas.

Ainda hoje é seguida. Há quem arranje o sarilho, e depois, prudentemente, vá para casa a ver em que param as modas. Se calhar, leram o Garcia de Rêzende.

NÃO acredites senão no que v's. E mesmo assim, assegura-te bem que os teus olhos não te enganem. Muitas vezes, os olhos vêem apenas o que o coração querê, e o coração não percebe nada de oftalmologia.

Albino Forjaz de Sampaio

CONCURSO
FOTOGRAFICO
entre
AMADORES
organizado pela
"ILUSTRAÇÃO"



282 — S. PEDRO DO SUL — (Foto do sr. Miguel Ferreira Martins — Lisboa)



285 — PUCARINHOS — (Foto do sr. Mário Silva — Vila Real)



287 — RECEBENDO FRUTAS — (Foto da sr.ª D. Maria Rosalina Moreira — Lisboa)



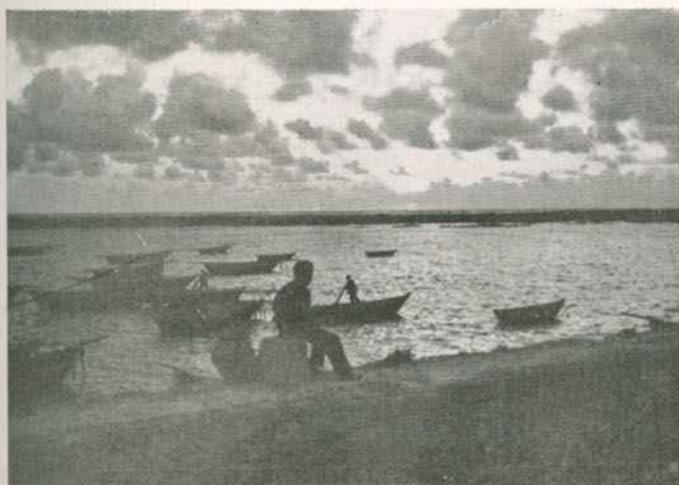
283 — LUAR — (Foto do sr. P. Fernandes — Funchal)



286 — A REFEIÇÃO DOS PATOS — (Foto do sr. José Henrique Pinto — Porto)



288 — PÔR DO SOL — (Foto do sr. Manuel de Abreu — Figueira da Foz)



284 — CREPÚSCULO — (Foto do sr. Aureliano Carneiro — Viana do Castelo)



289 — BACALHOEIRAS — (Foto do sr. Carlos G. de A. Loureiro — Lisboa)



290 — EM PLENO CAMPO — (Foto do sr. António Guadalupe — Porto)



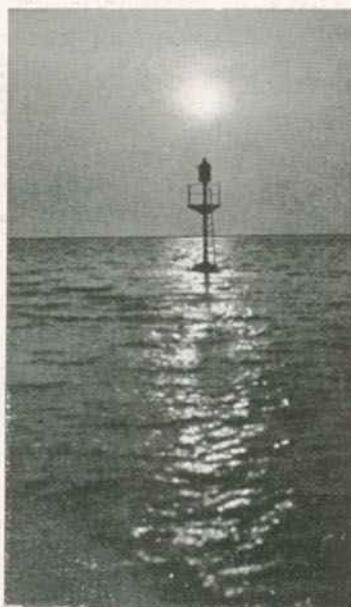
295 — PÔR DO SOL — (Foto do sr. Vitor M. Galo — Marinha Grande)



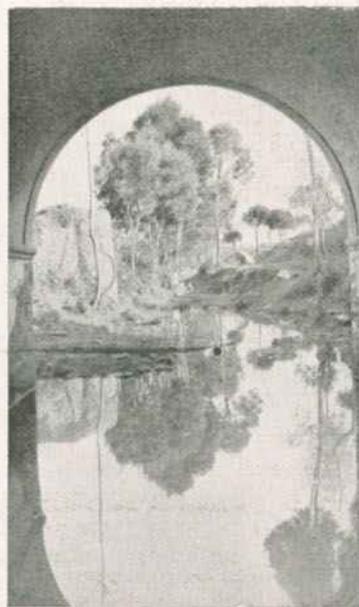
299 — O MONDEGO — (Foto do sr. A. Aranjo Sousa — Lisboa)



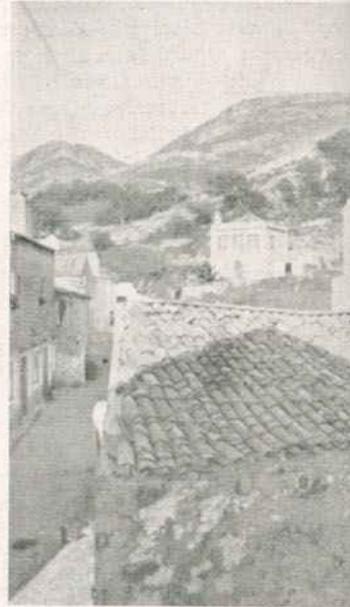
291 — COMENDO UVAS — (Foto do sr. de Jaime da Graça Mira — Méssines)



292 — PÔR DO SOL — (Foto do sr. Francisco Rebelo — Luanda)



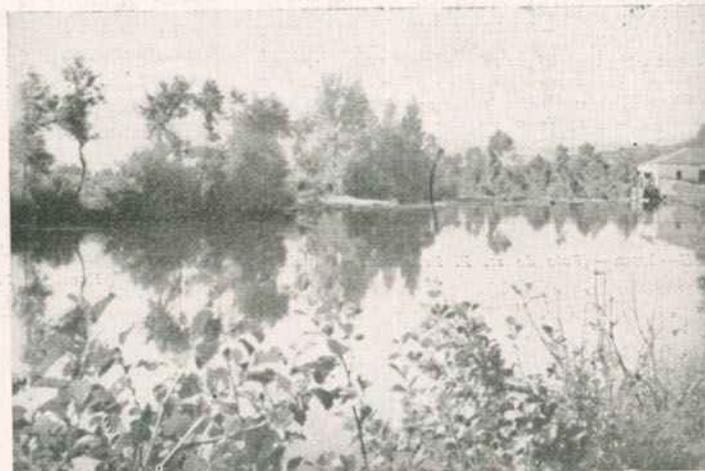
296 — OURIQUE — (Foto do sr. Luiz Albino Figueira — Ourique)



300 — BELA SERRANIA — (Foto do sr. Izidoro Rodrigues — Coimbra)



293 — PÔR DO SOL — (Foto do sr. João Gonçalves de Sousa — Funchal)



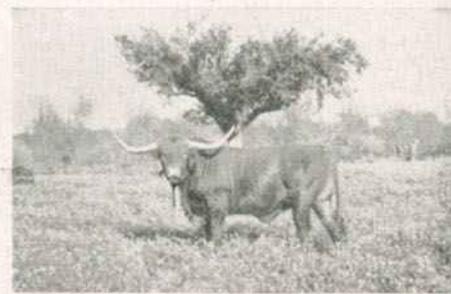
297 — TAMEGA — (Foto do sr. Cesar da Costa — Chaves)



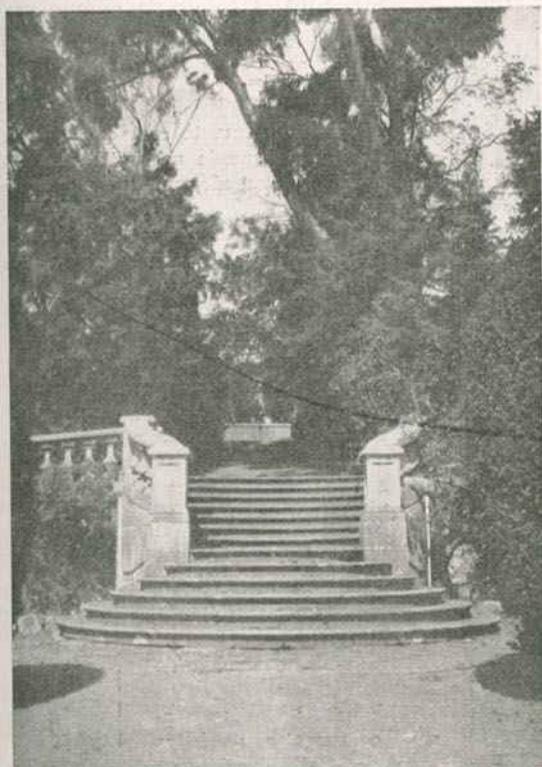
294 — TRECHO DO CAIS — (Foto do sr. João Mendonça — Olhão)



298 — CHAMADA ÀS FILIÇAS... — (Foto do sr.ª D. Maria Noemia Rodrigues de Araújo — Funchal)



301 — O BUI DA MANADA — (Foto do sr. Fernando Silva Dias — Campo Maior)



302 — JARDIM BOTÂNICO DA AJUDA — (Foto do sr. Reis Gonçalves — Lisboa)

Aos concorrentes:

Como dissemos, terminou em 31 de maio último, o prazo de entrega de provas fotográficas para o Concurso, que a **Ilustração** organizou. Temos ainda em nosso poder cerca de 800 fotografias, que serão publicadas até dezembro, depois de seleccionadas.

O sorteio para os prêmios — que são numerosos — far-se-ha, conforme se anunciou, pela **Lotaria do Natal**. Entre elles destaca-se um esplendido

CINE-KODAK
oferta da acreditada **Casa Kodak**

que será o 1.º Prémio de Originalidade e Perfeição. Haverá ainda outro 1.º Prémio, chamado Prémio da Sorte, para a fotografia, cuja número de publicação seja igual aos três algarismos finais do número contemplado com a Sorte Grande.



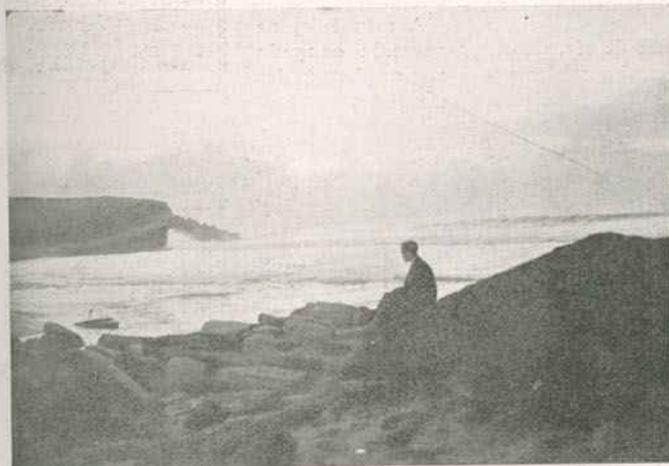
305 — O MENDIGO — (Foto do sr. J. M. — Lisboa)



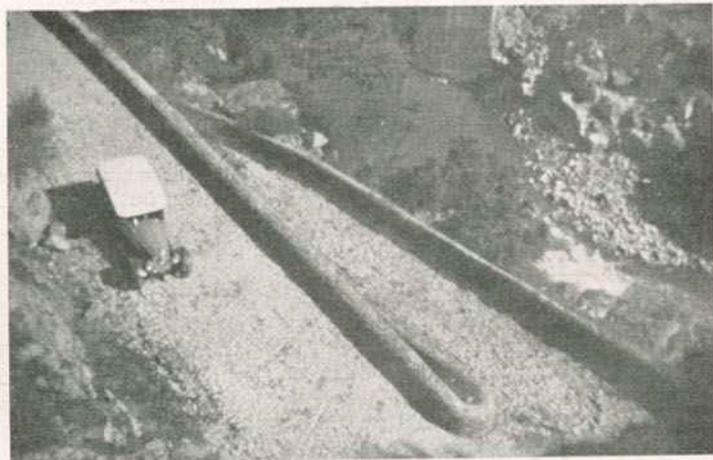
303 — SENHOR DO BOMFIM — (Foto da sr.ª D. Maria Helena Pissara — Guarda)



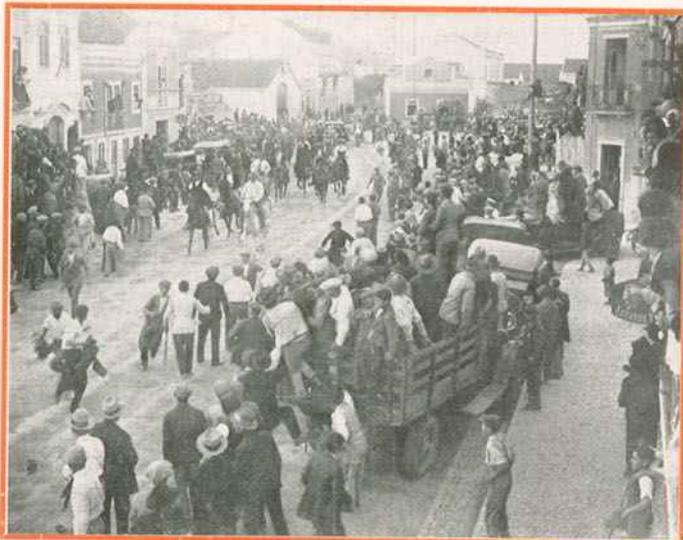
306 — NA PRAIA — (Foto do sr. Aureliano Carneiro — Fiana do Castelo)



304 — PRAIA DAS MAÇAS — (Foto do sr. António Gonzalez — Braga)



307 — CURVA APERTADA — (Foto do sr. Amando Gonçalves — Coimbra)



A ESTRADA TRIBUTIVA EM VILA FRANCA DOS CAMPEIROS E CAIXEIROS QUE ANUNCIAM A VENDA DO DIA

Os comboios vão repletos de gente que discute toiros, que conta anécdotos de toiros. Nas estradas é desusado o movimento de automóveis.

Todos correm, afccionados, simples curiosos e alguns estrangeiros, turistas que se en-

conseguem dar-lhes de comer à mão... e os montam de brincadeira!...

Continho, vou perguntando se não será arriscado estarmos ali tão perto.

R. — Só desanco depois de me apontarem a vala funda e lodaenta que rodeia o arame e divide o campo.

Entretanto, enormes níveis de poeira denunciam os muitos automóveis que, a toda a pressa, vão chegando. E o movimentado espetáculo do espetáculo da *apartação* começa e decorre cheio de imprevisão, dos toiros que fogem, que se atacam na vala, que



ABERTO DO ACELERO DA PATRIARCAL DURANTE O JANTAR

contram entre nós, a admirar o espectáculo maravilhoso e aindaz das galopadas em redor dum toiro que se tresmalha, o pitoresco das lezírias de paisagem rústica, o momento emocionante da pega dum toiro em pontos, o intrépido valor do verdadeiro campino.

Ciego ainda cédo. Os toiros bravos, misturados com os bois de trabalho, pastam pacientemente no vasto campo da Tapada das Cortes da Castanheira. Vê-los a uns cinco metros. A separá-los de nós, uns frágeis arames presos a umas frágeis estacas. Tão indiferentes, tão sossegados, que dir-se-ia possuíam a mansidão de inofensivos carneirinhos.

Ao pé de nós, um ancinho, de jaleco e calça justa, com o *marantim* carregado sobre os olhos, explica:

— É um animal valente e leal. Não o ataquem que ele segue o seu caminho. Pois até há guardadores catrales, de doze anos, que

obrigam os incansáveis e valentes campinos a vistosas galopadas.

Espectáculo curioso e cheio de cor, da cor berrante dos barretes verdes, dos coletes encarnados, das campinas verdejantes salpicadas de papoilas e de sol, de sol festivo e acarinhador, que aparece e desaparece em furtivas negaças.

Os automóveis estão vazios, abandonados.

Toda a gente sai para ver melhor, procura admirar mais de perto e avança desconfiada, esquecendo que, daquele lado, nem uns frágeis arames temos a defender-nos...

De repente tudo corre a fechar-se nos carros. Um

A FESTA DO COITE ENCARNADO

toiro tresmalhado investe com o público e dá tão grande pancada na porta dum dos automóveis, já ocupado, que a amolga completamente.

Desde esse momento, o espectáculo vistoso da *apartação* passa a ter ainda maior interesse.

Na vila, no tradicional Largo da Vila, são esperados ansiosamente os toiros. Euchem-se as janelas e as ruas, procuram-se os pontos mais altos, sobre os telhados, para melhor disfrutar as peripécias que irão desenrolar-se.

A perspectiva de um toiro que se tresmalha e respectivos e consequentes lances são tomados no espírito dos assistentes como parte obrigatória, sem a qual, o público não vibra e não se confessa satisfeito.

— Vem aí! Vem aí!

E atropelam-se num alarido ensurdecedor.

Há senhoras vilafranquenses, e encontro-as lindas quasi na totalidade, das que vestem por figurinos franceses, que perdem a linha e gritam. Manifestam o seu entusiasmo entoadando barretes característicos, grosseiros, nas cubucas onduladas à *Marcel* ou empunhando e fazendo brandir uma cana verde.

— Ai vêm! Ai vêm!

Os valentes prepararam-se para receber o bicho, procurando posições dignas de experimentados toureiros... mimulos das impressionáveis cabas que, neste caso, vão dum tapete de quarto a um pellaço de saca de linhagem...

Basto falso. Tudo volta a impacientar-se. Confesso que aguarido já, nervosamente, o grande momento que não chega.

A meu lado, na varanda ocupada por senhoras das famílias Palla-

EU
O
TRÃO
N
U-
SO

Wanzeler, onde muito gentilmente me foi cedido um cantinho, uma senhora estrangeira exclama, desanimada:

— *Pas encore! Pas encore!*

Corre a notícia que os toiros passaram pela Rua Direita. Que os campinos, apesar da sua bravura, não tiveram mão felizes. E a multidão, dispersa-se desolada, visivelmente contrariada.

Porém, passados momentos, inesperadamente, quando já se passava descansadamente pelas ruas, estabelece-se o alvoroço! Dois dos mais possantes toiros tresmalham-se no entrarem a Praça, e aparecem, seguidos pelos campinos, que procuram dominá-los.

A algazarra e o imprevisto do quadro são indescrevíveis. Toda a multidão grita e se agita, não com médo, mas com bem sentido entusiasmo. Improvisam-se toureiros, enchem-se de novo as janelas, os que desconfiadamente passavam atropelam-se, escondem-se nos estabelecimentos mais próximos!

Pela montra da casa onde me refugié procurei encontrar algo do que se vai passar e dou com os olhos num toiro negro, autêntico «Palla-Blanco», que já muito perto caminha direito à montra.

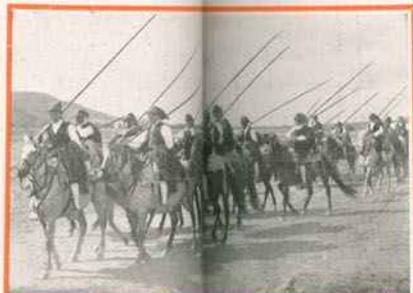
Vêjo ampliar-se o corpoleto animal que, de cabeça levantada, olha com atenção uma vistosa salva cheia de doces de ovos, destinada a um sortico...

Fico petrificada por detrás do vidro... mas, decididamente, ao toiro, que lhe agrada admirar a apetitosa montra, como, aliás, eu já tinha feito, não lhe apeteciavam os doces e, voltando-se, entrou no restaurante em frente.

Deu uma volta pela casa de jantar, derrubou, sem querer, uma mesa de pedra e algumas pessoas que ali se



O MAIN CALHO ENTRA E DEIXA DO GRUPO O RESPONSÁVEL O CORPO...



A CAMADA DO SEU E DE 3 OPERIÇÕES...



DO CONJUNTO LAMPINHO, DE FAIXA AZULADA, PROCUREM O APARELHO NEGRO, INDICADO NA FOTOGRAFIA POR SAZANDES CENTENAS DE CURIOSOS...



UMA DAS MUITAS «AMONITORES» DAS CARREGADAS DE GENTE NOVA, ASSISTIR E AMONITIRAR OS TOIROS

encontravam e tornou a sair, com a mesma calma, por uma estreitíssima porta envidraçada, sem lhe causar o menor dano.

É interessante que, não só o dono do restaurante visitado pelo bicho como as pessoas que ficaram feridas (ligeiramente, é claro), se mostram atenciosas, como que chamando: — *aparecem, fui um dos escolhidos...*

Um *chauffeur*, por exemplo, que o toiro descobriu a esconder-se debaixo dum carro, parecia, com a cabeça e as mãos aguçadas, de bata caída no braço, em ar de *copa*, dizendo

que não vale a pena pensar os ferimentos: — «Aquilo até foi muito cómico!» — E muito no íntimo sente que foi o *espada* da tarde.

O jantar no Celeiro da Patriarcal foi o fecho admirável da linda festa de sábado. Decorações a caráter. Pelas paredes, mantas de riscões, cabeças de toiros e vários acessórios formando toureiros.

Abatendo a luz, nas inúmeras lâmpadas que, suspensas dos arcos, iluminam profundamente o casarão magnífico do Celeiro, chapéus rústicos de palha, enfeitados de fitas. As mesas finitas de espigas e de papoilas, das

mesmas que guarnecem os grandes chapéus de palha das raparigas, colocados com extraordinária graça sobre os lençóis berrantes. As saias de chita, apanhadas atrás, deixam aparecer os saíotes de baeta vermelha.

Tudo está cuidado a capricho.



UMA DAS MUITAS AMONITORES DO ACELERO DA PATRIARCAL

Nada falta para que a festa se revista do carácter típico que o seu organizador lhe quis imprimir. As loiças são de barro, os talheres de ferro.

Os petiscos são servidos em tachos, por campinos e lindas moçoilas, que nos trazem a salada em grandes alguidares.

Num estrado improvisado desfilam descantes, pulam o fandango e outros bailados retintamente regionais, os campinos e os pescadores.

Reúne a animação, uma animação sã e desconfiada, por todas as mesas ocupadas por famílias distintas de Lisboa e do Ribatejo.

E só muito tarde começa a debandada. Já fora despoisada já a madrugada, serena e luarenta...

Judith Maggiolly.

(Fotografia de Sierra Ribeiro)

VIDA ELEGANTE

Casamentos

Realizou-se na paróquia dos Anjos, o casamento da sr.^a D. Aida Pato e Silva, gentil filha da sr.^a D. Beatriz Nunes Corrêa e Silva e do sr. Armando Pato e Silva, com o sr. dr. José Cândido Rocha da Trindade, filho da sr.^a D. Maria José Rocha da Trindade e do general sr. Teófilo da Trindade, tendo servido de padrinhos os pais dos noivos.

Celebrou o acto religioso o reverendo prior da freguezia, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia religiosa, foi servido na elegante residência dos pais da noiva um finíssimo lanche da «Versailles», partindo os noivos depois para as suas propriedades nas Caldas de Monchique, onde foram passar a lua de mel, seguindo dali para a sua casa em Mira, perto de Porto de Mós, onde fixam residência.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas prendas.

—Pela sr.^a D. Maria Adelaide de Vaseoncelos Porto de Assa Castelo Branco, viúva do sr. José Frederico de Assa Castelo Branco, foi pedida em casamento para seu filho António, a sr.^a D. Maria Helena Ramos Caldeira Baptista, interessante filha da sr.^a D. Carolina Ramos Caldeira Baptista e do sr. Augusto Caldeira Baptista, já falecido, devendo a cerimónia realizar-se por todo o próximo ano.

—Na paróquia de Santa Isabel realizou-se o casamento da sr.^a D. Neomira Virgínia Baptista dos Reis, filha da sr.^a D. Virgínia Teles dos Reis, e do sr. João Baptista dos Reis, com o sr. Joaquim Gonçalves de Lima, filho da sr.^a D. Belmira Gonçalves de Lima e do sr. Zacarias Gomes de Lima, servindo de padrinhos os pais dos noivos.

Findo o acto religioso, foi servido na elegante residência dos pais da noiva um finíssimo lanche, seguindo os noivos para o norte, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas prendas.

—Para seu filho Horácio, foi pedida em casamento pela sr.^a D. Eva Vale Negrão, esposa do sr. Armando Augusto Reis Negrão, a sr.^a D. Berta Aida Azevedo Bastos

Castelo, interessante filha da sr.^a D. Júlia Bastos Castelo e do sr. Eugénio Simões Castelo, já falecido, realizando-se o acto no próximo ano.

—Realizou-se na paróquia dos Anjos o casamento da sr.^a D. Maria Domingas Canas, gentil filha da sr.^a D. Rosália Correia Canas e do sr. Domingos Canas, com o sr. José Carlos de Sousa Ferreira, filho da sr.^a D. Ana Gomes de Sousa Ferreira e do sr. António Matias Ferreira.

Foram madrinhas as sr.^{as} D. Leonor Meireles e D. Rita Luiza Coelho Areias, e padrinhos os srs. Abílio Meireles e Hermanno Martins Areias.

Terminada a cerimónia religiosa, foi servido na elegante residência dos pais da noiva um finíssimo lanche, seguindo os noivos depois para o Algarve, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas prendas.

—Na paróquia de Santa Isabel realizou-se, com muita intimidade, o casamento da sr.^a D. Eta Palmira Lewes da Rocha, interessante filha da sr.^a D. Branca Lewes da Rocha e do sr. Jaime Barreto da Rocha, com o distinto delegado do Ministério Público em Ferreira do Alentejo sr. dr. Joaquim José Marques Ferreira, filho da sr.^a D. Angélica Vieira Marques Ferreira e do sr. José Marques Ferreira.

Serviram de madrinhas a sr.^a D. Luiza da Natividade Guedes de Andrade e a mãe do noivo, e de padrinhos os srs. Manuel Gomes Guedes de Andrade e o dr. Luis Pizarro.

Terminado o acto religioso, foi servido na



A SR.^a D. MARIA JOSÉ ALVARES LUIZEL GODINHO E O SR. DR. ABEL MURIAS, POR OCASIÃO DO SEU CASAMENTO, REALIZADO NA PARÓQUIA DE S. PEDRO, EM ALCANTARA, COM OS SEUS CAUDATÁRIOS

elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, partindo os noivos para a sua casa em Ferreira do Alentejo, onde fixam residência. Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas prendas.

—Na paróquia de S. Pedro, em Alcântara, sendo celebrante o reverendo prior Pinheiro Marques, que no fim da missa fez uma brilhante alocução, realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria José Alvares Luizelo Godinho e do coronel sr. Carlos Luizelo Godinho, com o sr. dr. Abel Murias, tendo servido de madrinhas, por parte da noiva, seus pais, e por parte do noivo o brigadeiro sr. João de Almeida e esposa.

Finda a cerimónia religiosa, foi servido na elegante residência dos pais da noiva, à Junqueira, um finíssimo lanche da «Versailles», seguindo os noivos depois para o norte, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas e valiosas prendas.



OS NOIVOS — SR.^a D. AIDA PATO E SILVA E O SR. DR. JOSÉ CÂNDIDO ROCHA DA TRINDADE — SAÍNDO DA IGREJA DOS ANJOS, NO DIA DO SEU CASAMENTO

CONCLUIU, finalmente, o campeonato nacional de foot-ball, cujo último embate resultando nulo, necessitava repetição. Desta vez o Foot-Ball Club do Porto conseguiu a vitória que quinze dias antes deixara fugir incompreensivelmente.

A afluência a Coimbra foi de novo numerosa, embora inferior à do primeiro jogo, parecendo que agora prevaleciam os partidários do sul, ao contrário do encontro anterior. Esta mudança, cujas origens psicológicas são de difícil investigação, criou ao Belenenses um ambiente de carinho e incitamento que o atirou, até ao derradeiro alento, à conquista impossível da vitória.

A luta foi muito igual durante todo o primeiro tempo, ao contrário do sucedido no dia 3, e o campeão de Lisboa empregou-se com entusiasmo, terminando os quarenta e cinco minutos com um quarto de hora de intenso domínio, durante o qual conseguiu o seu único goal, empatando a vantagem que o Foot-Ball Club do Porto adquirira por *penalty* castigando mão voluntária de César.

Aos dezesseis minutos da segunda parte os portuenses furaram pela segunda vez as rédeas Belenenses, afirmando o triunfo que a energia desesperada do adversário não conseguiu impedir. No final, os jogadores lisboetas deram mostras evidentes de fadiga e cederam ante a pressão contrária.

O Foot-Ball Club do Porto é, pela terceira vez, campeão nacional, o que constitui um *récord*.

O resultado condiz também com as previsões dos técnicos, facto bastante raro para que mereça referência.

*

O X Porto-Lisboa em bicicleta, disputado há quinze dias, após cinco anos de intermissão, foi um extraordinário sucesso, popular e desportivo.

Grande multidão acorreu ao estádio para assistir à chegada dos corredores, e durante todo o percurso a sua passagem foi seguida com interesse pelas populações entusiastas.

A nota mais destacante, aquela que mais nos deve regozijar, não é, porém, esta popularidade da prova, mas sim o valor afirmado pelos concorrentes, dos quais os nove primeiros chegados bateram o antigo tempo-*récord*. A média estabelecida, 27km,600 para um percurso de 340 km., é digna de registo e não seria desprimor para qualquer prova estrangeira.

O vencedor foi, como se esperava, José Maria Nicolau, que gastou no percurso 12 h. 7 m. 40 s., e bateu o melhor tempo anterior pela bagatela de 2 horas e 35 minutos!

O ciclismo está adquirindo um lugar de destaque no meio desportivo nacional, graças aos esfor-

desportos

OS FACTOS DA QUINZENA

gos persistentes dos seus orientadores e ao apoio de formidável propaganda prestado por *Os Sports*, o organizador da Volta a Portugal.

Os progressos que agora se registam são fruto desta intensificação da actividade ciclista, que oxalá se mantenha sem o envenenamento



O VENCEDOR DA CORRIDA PÓRTO-LISBOA, O POPULARÍSSIMO CICLISTA BENFQUENSE JOSÉ MARIA NICOLAU, PERCORRENDO NA PISTA DO ESTÁDIO A ÚLTIMA VOLTA DO PERCURSO



A «EQUIPE» DE ATLETISMO DO SPORTING CLUB DE PORTUGAL, QUE VENCEU UMA SELECÇÃO DOS OUTROS CLUBS LISBOITAS, E CUJOS ATLETAS FIZERAM UMA ÉPOCA BRILHANTE, COTAN-DO-SE COMO O MAIS FORTE NÚCLEO DO PAÍS

da politiceira de interesses que em Portugal arruina sempre os desportos florescentes.

A época nacional de atletismo aproxima-se do fim, e a sua última manifestação importante foi o encontro Pórtto-Lisboa, disputado no Estádio.

O balanço geral da actividade em 1932 não é extremamente lisongeiro. Registámos, é verdade, a maior proeza até hoje conseguida por um atleta português, os 10 s. 3/5 nos 100 metros, pelo *sprinter* António Sarsfield, mas à parte o lote valioso dos corredores de velocidade, o restante não deu motivo a entusiasmos.

Os especialistas dos 100 metros foram os grandes «âses» da época, e Portugal possui, neste ano olímpico, quatro *sprinters* capazes de formar uma *équipe* de estafetas 4x100 m. de boa classe internacional, desde que os treinassem convenientemente na técnica das passagens de testemunho: são António Sarsfield, José Prata de Lima, Mário Porto e José Carvalhosa.

A colectividade que mais bem apetrechada se mostrou foi, como em anos transactos, o Sporting Club de Portugal, que bem merecia o título de campeão nacional, se este existisse oficialmente.

Os «leões» possuem um lote equilibrado de valores, apesar da defeção de um dos seus melhores triunfos, Mannel Dias, que transitou para o Bemfica.

A categoria dos seus homens afirmou-se, não só em valor relativo, como também em valor absoluto, pois, à parte Sarsfield (Sporting Club do Porto) e os componentes da estafeta 4x200, do Internacional, pertencem-lhe todos os atletas que em 1932 atingiram os limites dos *récords*: o lançador do peso José Garnel, o saltador de barreiras Palhares Costa, o *sprinter* Mário Porto e os componentes das *équipes* de estafetas 4x400 m., 4x800 m. e 4x1500 m.

Eis, como demonstração do que pode conseguir um trabalho persistente e dedicado, a enumeração dos triunfos alcançados durante a época pelos atletas sportinguistas.

Das quinze provas disputadas nos campeonatos regionais de *juniors*, ganharam nove, e das doze dos nacionais, também da categoria *juniors*, venceram seis.

Ficou o Sporting na posse da Taça Fran-

cisco de Serra e Moura, classificando-se primeiro em nove das onze provas disputadas.

Nos campeonatos regionais alcançaram doze vitórias em vinte e duas provas, e nos nacionais dez títulos em dezanove que constavam do programa.

No concurso da Taça Macedo e Chaves, a *équipe* verde e branca derrotou uma selecção dos restantes clubs lisboetas, organizada

pela Associação Regional, à qual o Benfica, num lamentável gesto de má política, negou a sua colaboração; e, para finalizar, assenhoreou-se da Taça em disputa no Torneio de *Os Sports*, ganhando quatro das suas dez provas.

Enquanto o Sporting conservava, desta forma brilhante, o seu domínio sobre os rivais da cidade ou do país, a superioridade no norte mudava de sede, transitando do Sport para o Académico, cuja *équipe*, muito mais numerosa, possui um ecletismo inacessível à escassa falange dos representantes do club rival, que ainda por mais se viu privado da colaboração de alguns dos seus melhores elementos, em quebra de forma.



O FRANCÊS ANDRÉ LEDUCQ, PRESUMÍVEL VENCEDOR NA VOLTA À FRANÇA EM BICICLETA

trava-se entre os grupos francês e italiano, o primeiro firmado no valor de Leducq, que se conserva à frente na classificação individual, o segundo demonstrando uma magnífica harmonia e um perfeito entendimento na conjugação de esforços.

Pormenor curioso: durante as primeiras etapas da Volta, os componentes da *équipe* italiana haviam corrido de uma maneira inferior, classificando-se na cola dos competidores; o caso foi muito comentado em Itália e o delegado da União Velocípédica Italiana, que

acompanha oficialmente a prova, recebeu do ministro dos Desportos do seu país, um telegrama censurando a atitude dos corredores, pouco compatível com o brio da sua pátria. Dois dias depois, na etapa mais difícil do percurso, a dos Pirineus, os italianos conquistavam os primeiros lugares, elevando-se ao nível dos melhores e causando uma surpresa geral.

Inauguraram-se ontem em Los Angeles os Jogos da XI Olimpíada, nos quais participa Portugal com uma *équipe* de atiradores, um corredor de velocidade e dois «especialistas» do Pentatlo moderno.

O Comité Olímpico Português seria credor de incondicional aplauso pelo esforço dispendido em prol da figuração portuguesa na Califórnia, indispensável ainda que outras razões não existissem como satisfação à nossa numerosa colónia naqueles territórios, se houvesse sabido salvaguardar as devidas proporções no

valor desportivo dos elementos seleccionados. A desistência dos esgrimistas, que haviam sido indicados com preferência sobre todas as outras especialidades, surgindo quasi em vespas de partida em virtude de discordâncias na constituição da *équipe* entre alguns seleccionados e a respectiva Federação, deixou o Comité em sérios embaraços...

Foram assim convocados os atiradores que completavam o grupo proposto pela Federação, solicitou-se da entidade dirigente do atletismo um *sprinter* preferido, dos dois que tinham realizado o tempo imposto para selecção, e ficaram dois lugares muito bem preparados para os predilectos concorrentes ao Pen-



UM PANORAMA CARACTERÍSTICO DO PERCURSO DOS PIRINEUS, NUMA DAS ETAPAS DA VOLTA À FRANÇA, EM QUE MAIS SE DISTINGUEU PELAS SUAS QUALIDADES DE TREPADOR, O ESPANHOL TRUERA, QUE SE VÊ NA FOTOGRAFIA

A volta-ciclista da França, que se aproxima do seu termo, é sem dúvida o maior acontecimento mundial no desporto da bicicleta. O regulamento que a faz disputar por *équipes* nacionais criou um interesse internacional que as peripécias das etapas diárias mantêm por uma expectativa constante.

Os belgas eram os grandes favoritos deste ano, mas desiludiram por completo; sendo cada um deles um valor indiscutível, faltou-lhes espirito de *équipe* e inteligência tática para levar a bom termo a missão imposta. É curioso registar que os ciclistas belgas, vencedores em quasi todas as provas em estrada, esbarram anualmente na Volta da França, que não conseguem ganhar.

Quando escrevemos estas linhas a luta



O GRUPO DO FOOT-BALL CLUB DO PORTO, CAMPEÃO DE PORTUGAL EM «FOOT-BALLS» NA ÉPOCA 1951-1952

tatlo moderno, cuja deslocação nada justifica porque valores maiores do que eles, em mérito absoluto e relativo, há em Portugal às dezenas. Sebastião Herédia, a cuja sombra seguiu Rafael de Sousa, já em Amsterdam dera provas, pela sua classificação (31.º em 39 concorrentes) de estar deslocado em semelhante competição. A sua forma de agora é inferior à de 1928...

O amador Nurmi e o profissional Ladoumègue vão encontrar-se em Los Angeles, o primeiro como pretendente a concorrente olímpico, o segundo como jornalista. Pode, porém, suceder que ao finlandês seja mantida a desclassificação pronunciada há meses pela Federação Internacional e se veja assim impedido de correr a Maratona em que tanto empenho tem demonstrado. Nestas circunstâncias, e como Ladoumègue levava com certeza, na bagagem, uns sapatos de bicos e um equipamento, tudo faz prever para os empresários americanos um chorudo negócio.

O reclamo começou já, nos moldes habituais ao país da lei seca; tem-se clamado em todos os tons, a forma de Nurmi, o treino de Nurmi, as opiniões de Nurmi, pobre «amador» perseguido pelos poderes oficiais que teimam em ver nos seus constantes «sacrifícios», provas de profissionalismo e lucros ilegais.

Salazar Carreira.



NO PORTO — A NOTÍCIA DO RESULTADO DO DESAFIO-FINAL DO CAMPEONATO DE «FOOT-BALL», EFECTUADO EM COIMBRA, ENTRE O «BRELENENSES» DE LISBOA E O «FOOT-BALL CLUB DO PORTO» FOI RECEBIDA NA CAPITAL DO NORTE COM FORMIDÁVEIS MANIFESTAÇÕES DE REGOSIJO. AO CHEGAR AO PORTO, A «EQUIPE» VENCEDORA, O Povo PORTUENSE ACORREU EM MASSA — COMO SE VÊ NESTA GRAVURA — A SAUDAR OS JOGADORES, QUE FORAM ALVO DUMA EXTRAORDINÁRIA E TRIUNFAL RECEIÇÃO, COMO DE HÁ MUITO NÃO HÁ MEMÓRIA NA CIDADE INVICTA



O odio de Hitler

A fotografia que acompanha estas linhas é deveras significativa. Apresenta-nos o caudilho nazi numa atitude assumida durante um dos seus muitos discursos de propaganda política. Ahamos que a sua publicação, numa data muito significativa para os destinos da Alemanha, como é a presente, mais do que oportuna é. A hora de estas duas páginas de curiosidades mundiais entrarem na máquina, é possível que o retratado tenha jogado uma grande cartada. Anunciou para ontem, 31 de Julho, data de eleições na

Alemanha, Adolfo Hitler um golpe de Estado. Por outra: declarou sem rodeios de espécie alguma, segundo os informes da imprensa, que a não vencer pelos votos, venceria pela força...

Fica, pois, esta fotografia, deveras expressionista, prova flagrante do ódio em que o ex-pintor de tabuletas emburtha as suas frases programáticas, a marcar a data em que o veremos, quem sabe, senhor absoluto e triunfante, tomar as rédeas do governo, ou abandonar, como truão vencido sob o peso do seu próprio ridículo, a arena da popularidade...

Água!

Como aquele personagem de determinado drama nórdico que reclamava, angustiosamente, o sol... o lisboeta, mal entra o verão, passa a pedir em altos berros: *Água! Mais água!*

Indiferentes à discussão do assunto vem a propósito informar os leitores da *Ilustração* que Buenos Aires é das cidades do mundo que melhor servida de água está. A Companhia das Águas de Palermo, situada nos arredores da cidade, dispõe de instalações moderníssimas e perfeitíssimas que fornecem diariamente a Buenos Aires um milhão e seiscentos mil metros cúbicos de água filtrada! Além de todas as instalações que possui e que o espaço nos impede de descrever, existe em Palermo um laboratório especial para aná-



lise da água fornecida aos consumidores argentinos, que reproduzimos na nossa gravura. Também a Companhia das Águas de Palermo fornece aos hospitais água especial, absolutamente pura.

As mãos de Poderewski...

O notável pianista polaco, estão seguras em diferentes companhias por fabulosas quantias. Recentemente, tendo este pianista quebrado uma unha de um dedo da mão direita, recebeu a indemnização de 1.000 libras!

O Rugby...

É um desporto violento que requer um violento treino também, conforme se vê na gra-



vura. A prisão do jogador contrário é violenta e difícil, tão violenta que os jogadores dos Estados Unidos se treinam habituando-se ao embate com auxílio de um saco cheio de areia.

Craças que correm mundo

— O fotógrafo encontrava-se na mais absoluta miséria apesar de ter no seu atelier uma grande quantidade de fundos...

— Se é verdade que os homens nada mais são do que pó, que são os pretos senão... de pó de carvão?!

— Em virtude de um impulso atávico, o filho do antropófago passava o dia a chuchar no dedo.

— Certo amigo nosso, recebeu no dia do seu casamento, de sua sogra, como prenda de noivado, um exemplar, ricamente encadernado, do poema de Milton *O Paraíso Perdido*...

— O ladrão que fugira transportando numa mala oitenta quilos de prata roubada, declarou ao tribunal que praticara o roubo num momento de fraqueza...

(Da «Crítica», de Buenos Aires)

Gillette

SE não estamos em erro, *Ilustração* é o primeiro magazine português a publicar a fotografia do falecido Mr. King Camp Gillette como ele era semanas antes do seu falecimento. A Imprensa portuguesa, ao noticiar a sua morte, reproduziu a cara



de Gillette tal qual, como todos nós, que lhe temos comprado as lâminas, a conhecíamos do envólucro das mesmas. Morreu, efectivamente, Gillette aos 77 anos de idade. A sua actividade começara aos 17, quando geralmente uma pessoa vive de ilusões. No entanto Mr. Gillette conseguiu seguir o sábio conselho de um amigo que lhe recomendara que inventasse qualquer coisa que o público não comprasse uma só vez... mas que se visse constrangido a comprar constantemente. Dizem que a ideia lhe veio, ao barbear-se. A navalha cortava mal e Gillette pensou que não havia razão para que não se construísse a navalha de lâmina substituível. Foi isto em 1895. Em 1904, devido a uma excelente propaganda, o negócio florescia a tal ponto que o público, comprando mesmo as lâminas da concorrência, invariavelmente as designava por *gilletes*... Morreu o homem, mas ficou o produto da sua perspicácia.

O «Tour de France»...

A grande prova ciclista da França, realizou-se este ano sob um calor verdadeiramente tropical. Os *gigantes das esradas* foram sujeitos a uma dura prova e utilizavam, nas diferentes etapas da corrida, a água, em que nadavam blocos de gelo, para se refrescarem dos ardores do sol de Julho. O instantâneo que publi-



camos é um interessante documento dessa prova.

PELO MUNDO FÓRA

Um grande caçador

O retrato que publicamos aqui é o do sr. Alessandro Sascha Siemel, afamado caçador de animais selvagens, de nacionalidade letónia e que, durante uma longa permanência nas florestas virgens da Bolívia, conseguiu granjear uma notável fama, sendo conhecido pelo nome de «O Homem dos Tigres» por os bolivianos chamarem «tigres» às *pumas* do seu país. A nossa fotografia mostra-nos o destemido caçador junto a uma das suas presas, que



foi morta, não a tiro, mas à moda indígena, com uma lança, proeza, por muito difícil, de que só ele, como europeu, se pode gabar.

Questão de raça

CONTAM-NOS o seguinte trocadilho:

O «Felpudo» era um gato de uma raça tão apurada que evitava entrar numa cozinha com receio de que lá dentro o tomassem por uma lebre...

Novas comunicações telefónicas

LONDRES acaba de ser ligada telefonicamente ao Cairo. Mais um triunfo da técnica... e



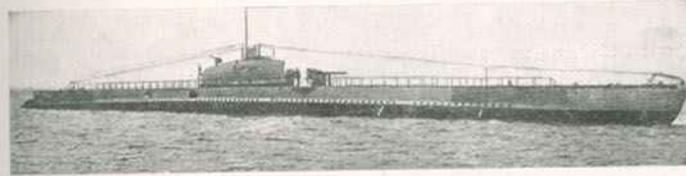
mais um discurso solene de inauguração da nova linha proferido, como se vê na gravura, pelo presidente do ministério do Egipto, Sidky Paschá, que endereçou por aquela via os seus cumprimentos ao presidente do Conselho inglês, Mr. Baldwin.

PELO MUNDO FÓRA

O «Prométhée»

É este o submarino francês que, em circunstâncias misteriosas e trágicas, se afundou a sete milhas de Cherburgo. Todas as tentativas de salvamento foram debaldes. Não se

conseguiram recolher, nem vivos, nem mortos, os seus sessenta e três



tripulantes... Parece que o «Prométhée» foi a pique e se afundou numa cova submarina onde os mergulhadores não conseguiram chegar. O «Prométhée» era uma das mais modernas unidades da marinha de guerra francesa.

O Rei dos Sapatos...

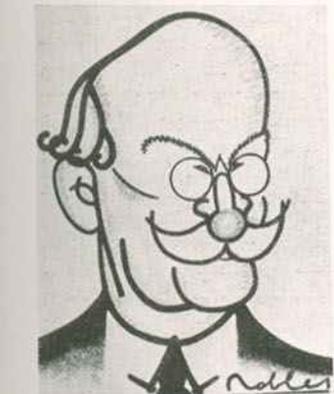
ERA o sr. Bata, que possuía as maiores fábricas do calçado do Universo. Morreu vítima de um desastre de aviação, sendo



interessante saber-se que se considerava simples operário e, como qualquer dos seus assalariados, marcava rigorosamente a hora da sua entrada e saída do trabalho.

O homem do dia em Espanha...

TEM sido o sr. Alexandre Lerroux. Os seus discursos acerca do Estatuto Catalão e do muito discutido manifesto socialista, têm marcado no meio político espanhol e têm logrado grande interesse em todo o estrangeiro. Robles é o autor da



curiosa caricatura do ilustre político espanhol que hoje publicamos.

Pelo mundo das letras

UM livro que logrou êxito no Inglaterra: «The Log of a Naval Officer's Wife».

A sua autora: Miss Ursula Bloom, por pseudónimo, na verdade: Mrs. Robinson, é, como de-



preendemos da sua fotografia, uma mulher de letras bonita e elegante.

Greta Garbo



NOTICIAM os jornais que a famosa «wamp» succa tenciona afastar-se, definitivamente, do cinema, o que, certamente, os seus admiradores deplorarão.

Santos Dumont

Todo o mundo ficou dolorosamente surpreendido com a notícia do falecimento de Santos Dumont, o Homem «Asas», precursor das grandes viagens em dirigível, glorioso aviador a quem a Humanidade deve os maiores serviços em prol da aviação em dirigível.

A gravura que publicamos representa o túmulo do aviador em Saint Nazaire, construído pelo Aero Club de França, que encerra os restos mortais dos seus progenitores e encerrará os do grande aviador.



Berlim-Chicago

O aviador alemão Von Gronau empreendeu recentemente, a bordo de um Dornier-Wall, o raid



aéreo Berlim-Chicago, partindo de Reikjavik, na Islândia; e pela província do Labrador.

Neteias já posteriores à sua chegada ao Labrador falam na possibilidade de Von Gronau intentar uma viagem aérea à volta do mundo, animado como está do êxito como tem decorrido o «raid».

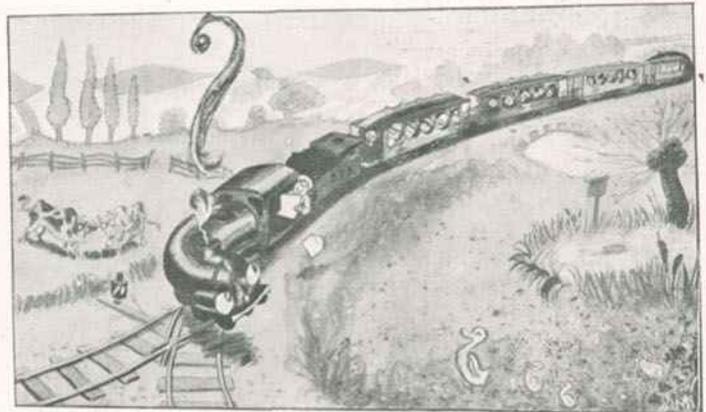
Uma surda-muda doutourada

MISS Helen Keller, que vemos na nossa gravura, acaba, recentemente, de ser nomeada doutora em leis pela Universidade de Glasgow. Miss Keller além de surda-muda é cega. Por efeito de um notável esforço conseguiu aprender a falar; o método Braille facilitou-lhe a leitura; uma grande e notável força de vontade, aliada a uma enorme inteligência, permitiram-lhe, fi-



nalmente, conseguir o doutoramento em leis, ainda que a título honorário.

A CARICATURA NO ESTRANGEIRO



O MAQUINISTA DO COMBOIO MISTÉRIO ABRINDO O ENVELOPE LACRADO QUE DESTINA QUAL DAS LINHAS DO BIFURCAMENTO DEVE SEGUIR...

(Desenho de Michaels na «Die Woche» de Berlim)

Por publicidade dum filme entende-se, em geral, o conjunto de meios postos em prática pelo exhibidor para chamar sobre uma obra o interesse do público, criando-lhe o desejo e, por vezes, a necessidade de a conhecer.

Ora esta ideia, na aparência tão acessível e tão vulgar, encontra por vezes as mais singulares aplicações que vão até ao ponto de atingir resultados opostos.

É evidente que esta questão só pode interessar os exhibidores e das conveniências destes não nos cabe aqui enfiar. Mas a publicidade que precede a apresentação de certos filmes reveste, algumas vezes, aspectos que interessam o bom gosto e o mais elementar senso crítico.

Sugeriu-nos estas considerações o facto de ter sido citada, a propósito dum filme estreado ultimamente, a opinião dum crítico que comparou Charlot e Glória Swanson.

Não discutimos a autenticidade da citação. A verdade, porém, é que ela é deplorável. Glória Swanson, excelente actriz, e Charlot, palhaço inimitável, não ganham nada nesta comparação absurda. Ela é, muito simplesmente, uma artista de grande poder de expressão, superior na comédia, onde todos os seus nervos sensíveis e irrequietos participam na interpretação. Éle o mímico genial, um realizador na mais elevada acepção do termo, cujas concepções impuseram ao cinema novas directrizes. Entre um e outro existe, pois, um mundo de diferenças.

E nestas condições ocorre-nos perguntar:

Assiste ao exhibidor o direito de estabelecer a publicidade dos seus filmes sobre bases tão disparatadas?

Creemos que não. Demais os resultados de tal género de reclamo só podem ser contra-productivos. O público que conhece o Charlot de *Quimera do Ouro* e *Luzes da Cidade* e que apreciou Glória Swanson em *Madame Sans-Gêne*, não se deixa facilmente iludir, e a sua atitude só pode ser de condenação para tais processos.

O filme que deu origem às considerações precedentes foi a comédia americana *Mas que viuva!* É um filme que só a actuação dum grande veterano como Glória Swanson pode pretender justificar. Toda a acção se desenvolve em seu torno e o seu desempenho tem essa quasi milagrosa vivacidade que a actriz sabe pôr nos seus papéis.

Fora disso, que, quanto a nós, é insufficiente para impôr uma obra cinematográfica o filme nada mais contém digno de qualquer referência. É uma successão de cenas quasi destituídas de conexão, semeadas de gags de fraco efeito. Em poucas palavras: deixa no espirito do espectador uma penosa sensação de vazio.

O *Terror de Chicago*, outra das estreias realizadas no período que esta crónica abrange, é uma hábil exploração alemã dum nome trágicamente célebre: o de Al Capone, famoso gangster e inimigo poderoso da lei.

O filme tem movimento e imprevisão. Subjuga o espectador no encadeamento emocionante das suas cenas. Arrasta-o através de peripécias cheias de interesse, umas fantasiosas, outras baseadas em factos reais. O público, mesmo a parte mais culta do público, aprecia este género de espectáculos e isso vai garantindo, por ora, o seu êxito.

O realizador desta película, que é o notável

CINEMA

Revista das Estreias

artista alemão Robert Wiene, soube por vezes tirar do assunto efeitos notáveis. Sobretudo na composição do ambiente dos *bas-fonds* de Chicago, a que deu um admirável carácter sombrio.

Olga Tschecchowa, artista bem conhecida, desempenha o principal papel. Mas, na nossa opinião, o seu grande talento e o seu conhecimento profundo da arte de representar, são ofuscados pela bela interpretação de Hans Rehmann, um actor que merece ficar recordado.

Entre as últimas estreias destacaremos



STYMMIE, O NEGRINHO ATRAVÉDO E MALICIOSO DA «PANDILHA»

ainda um filme notável — *Marius*, a popular peça teatral de Marcel Pagnol.

Não tivemos ocasião de conhecer esta obra quando da sua apresentação em palcos portugueses e isso nos impede de julgar do valor da adaptação cinematográfica que agora lhe foi feita. No entanto, *Marius* é um filme que merece uma análise demorada pelo muito que de intenções e subtis observações o autor nele pôs. É, além disso, uma obra de carácter popular, em que a vida de Marsell perpassa em todo o seu pitoresco. E tem para nós significado profundo, porque a sua essência dramática é esse espírito de aventura que anima os povos de marinheiros.

Dos intérpretes destacam-se Raimu e Fresna, cujos desempenhos têm uma justeza espantosa. O principal papel feminino, a cargo de Orane Demasis, ajusta-se bem aos restantes.

Marius poderá ser, para os cinéfilos exigentes, uma obra de teatro fotografado. Mas isso não diminui grandemente o seu mérito, porque se trata de excelente teatro, com magistral realização cinegráfica. Todo o filme possui mesmo essa notável unidade de ritmo e o dinamismo que caracterizam as melhores obras do cinema.

Com excelente acolhimento do público, exibiu-se também *O rei da pândega*, que deverá marcar, segundo tôdas as probabilidades, o encerramento da presente temporada cinematográfica em Lisboa.

Milton, o popular cómico, teve, mais uma vez, honras de realza, dessa realza de tipos populares, que se renova sempre. Escusado será dizer que agradou.

Milton, o rei dos *borlistas*, dos *engraçadores*, e, hoje, da *pândega*, conquistou lugar certo entre o nosso público. Filme seu tem sempre o êxito assegurado. Como actor, pouco ou nada de novo nos oferece de um para outro filme. Mas as suas comédias, bem construídas, cheias de situações do melhor efeito cómico, são a promessa certa dum espectáculo divertido e atraente. É mesmo sobre elas que repousa o prestígio do popular Bouboule, caçonetista inferior a Chevalier e dotado, mesmo, duma vulgaridade que chega, por vezes, a chocar, através do seu bom humor saudável.

O rei da pândega é, de resto, uma comédia interessante, superior na realização cinegráfica às que a precederam e que oferece a Milton ocasiões numerosas de exhibir os seus especiais talentos. Sob este aspecto, é bastante feliz a cena do *travesti*, em que Milton, para escapar à vigilância dum inspector de policia, enverga trajos femininos.

A realização é particularmente cuidada nas cenas do exterior, em especial as da piscina. Os bailados por um corpo de *girls*, usados como elemento decorativo, são excelentes. Nada ficam a dever aos modelares espectáculos americanos do género.

Merecem ainda referência certas decorações e construções, duma rara sumptuosidade, como o majestoso *hall* do hotel, por exemplo.

Como dissemos, tudo indica que a presente época vai terminar. Apesar das boas intenções de alguns exhibidores o clima continua a exercer a sua tirania. O remédio consistiria, apenas, em aumentar o conforto das salas, expulsando delas o calor. É muito teriam com isso a ganhar tôdes os que não podem sair de Lisboa durante a estação poeirenta e calma.

Manuel L. Rodrigues.

CINEMA

NOTA DA QUINZENA

A crise

Van Dyke, o admirável realizador de *Sombras brancas* e *Trader Horn*, não terminou, por enquanto, as suas peregrinações através do globo. Este artista, que possui um lugar a parte na realização os mais profundos conhecimentos, é, simultaneamente, um cineasta que sabe compôr admiráveis séries de imagens cheias de ritmo e beleza, e um explorador ávido de novas sensações, que em face do perigo revela o melhor das suas grandes qualidades, surpreendendo as mais fugidias manifestações da vida.

A próxima obra de Van Dyke intitular-se-á *Esquimó* e a sua acção tem por lugar a imensidão gelada do polo norte, para onde o artista partiu já. As últimas notícias recebidas dão-no como tendo atingido Point Narrow, considerada a povoação mais setentrional do globo. Van Dyke viaja a bordo do *Nanook*, nome que evoca o primeiro grande documentário sobre os habitantes das imediações do polo.

Acompanham o célebre realizador os intérpretes e técnicos necessários à confecção do filme. Todos eles permanecerão cerca de dezasseis meses nas solidões, quasi inacessíveis, onde a filmagem terá de ser efectuada.

Nota curiosa: Van Dyke incluiu na sua bagagem cerca de 120 relógios de pulso, mais de 700 espelhos e 4.000 canivetes. Estes objectos servir-lhe-ão para obter o concurso dos esquimós que, isolados do resto do mundo, desconhecem, em absoluto, o uso da moeda.



Mais uma vida que o realismo dos filmes arrebatou! Roy Wilson, aquele aviador calvo que tomou parte em *Anjos do Inferno* e que é o herói desconhecido de muitas proezas aéreas, morreu, vítima da sua audácia, na filmagem duma cena particularmente perigosa. O destemido piloto realizava, para o filme *Correspondente da guerra*, uma das suas impressionantes séries de acrobacias, quando uma manobra errada o fez precipitar-se sobre o solo. Gravemente ferido em consequência da queda, morreu uma hora depois.

E enquanto Roy Wilson agonizava no hospital, um outro aviador, não menos destemido, realizava com êxito, por um punhado de dólares, a façanha requerida.

O cinema, arte de luz, tem destes aspectos sombrios.

Enrico Caruso, filho do tenor de fama mundial, é actor de cinema. Ao que parece, a Universal, onde está trabalhando, pensa explorar o melhor possível o seu nome célebre e vai elevá-lo à categoria de *estréla*.

Apesar de possuir, segundo se afirma, uma excelente voz, Enrico Caruso não canta no seu primeiro filme, que vai em breve ser apresentado e tem o título de *Correio aéreo*. Procura, talvez, assim, fugir a uma aproximação que lhe seria, sem dúvida, desvantajosa.



Myckey, esse admirável actor dos desenhos animados sonoros, fêz há pouco oito anos. Quere isto dizer que oito anos atrás Walt Disney, modesto desenhador comercial, ensaiava pela primeira vez, no papel, essa curiosa figura que estava destinada a tornar-se célebre.

Walt Disney afeiçoou-se a esse desenho que é próprio criara e foi por ele que conseguiu a celebritade. Não admira que, movido de gratidão, possua e estime vários desses ratinhos brancos, que serviram de modelo à sua criação, um dos quais, domesticado, passeia satisfeito sobre a sua prancheta de desenhador enquanto ele trabalha.

A popularidade de Mickey tem aumentado constantemente. Ganhou já alguns concursos abertos entre cinéfilos, e neles competiu com as

maiores *estrélas* da tela...

Os seus admiradores escrevem-lhe de todo o mundo. Contam-se por milhares as cartas que o correio distribui, endereçadas ao célebre boneco desenhado.

Em quasi todos os países o rato Mickey é conhecido por um nome que corresponde à tradução do que lhe

dão os americanos. Os nossos vizinhos espanhóis chamam-lhe Miguel Ratoneito; os franceses, Michel Souris; os alemães, Michael Maus; e os japoneses, Miki Kuchi.

Mickey fêz a fortuna do seu criador e constitui hoje o modo de vida de muitos artistas desconhecidos que nos misteriosos estúdios dos desenhos animados vão reproduzindo no papel os movimentos do infatigável ratinho.



LEILA HYAMS, NUM TRAJO DA MAIOR ELEGÂNCIA DESPORTIVA

ATRÁVES do oceano, o telégrafo traz-nos notícias desoladoras sobre as repercussões da crise económica entre os artistas americanos. Os salários sojrem fortes reduções, a actividade dos estúdios enfraquece e as dificuldades crescem, progressivamente, lançando o terror entre os pobres galãs e as infelizes «ingênuas».

Tal como qualquer obscuro funcionário, as «estrélas» mais famosas encaram hoje com apreensão e seriedade a redução das suas despesas. Certas empresas deram aos seus artistas baixas de salários que atingem um terço da importância total. Outras anunciam a rescisão dos contratos.

Ser actor de cinema será, dentro de algum tempo, um modo de vida pouco compensador, uma espécie de emprêgo público de que lançam mão as pessoas pouco ambiciosas.

E para que se avalie toda a extensão da catástrofe, aqui fica um facto bem elucidativo:—Joan Crawford e seu marido, Douglas Fairbanks Júnior, estão tratando de comprimir fortemente as suas despesas. A verba de que dispõem para fazer face aos seus encargos pouco excede 8.000 dólares por mês—a ninharia de duzentos e cinquenta contos...

—M. R.



Anuncia-se que as obras de H. G. Wells, o genial romancista inglês, vão ter, finalmente, a sua adaptação ao cinema.

Wells ocupa na literatura anglo-saxónica contemporânea uma posição de justo destaque. A sua superioridade reside mais no carácter grandioso das suas concepções e fantasias do que, propriamente, no seu brilho literário. É geralmente considerado como o Júlio Verne da nossa época e algumas das suas previsões começam a ter já a sua realização efectiva.

As obras que vão ser adaptadas são, ao que se diz, *O homem invisível* e *A ilha do doutor Moreau*. A primeira é a história dum homem que descobriu o processo de se tornar invisível e que, protegido por esse extraordinário poder, pratica os maiores malefícios. A segunda narra a história dum sábio louco que, numa ilha tropical, se ocupa em transformar macacos em homens.

O intérprete da primeira destas obras será Boris Karloff, o moderno sucessor de Lon Chaney e actor de grandes composições.

MAURDEN O'SULLIVAN USA UMAS MEIAS QUE SÃO UMA REDE DE TENTACÕES



As raças, partes distintas dum todo que se chama humanidade, têm exercido no cinema, através da sua evolução de trinta anos, influências diversas, condicionadas pelas suas características naturais.

Coube à raça escandinava a primeira acção importante e decisiva na história da arte cinematográfica. Foram, de facto, os realizadores dos países mais setentrionais da Europa que revelaram ao mundo as primeiras noções duma arte ignorada até então. Toda a actividade cinematográfica nessa época existente se resumia numa má reprodução do teatro. Os primeiros realizadores suoccos, vindos embora do teatro, como Stiller e Sjöström, souberam reconhecer os recursos desta arte que se lhes oferecia quasi inexplorada, e criaram obras que marcam no cinema inícios de épocas e estilos.

As mais valiosas contribuições das raças nórdicas ao cinema são Maurice Stiller e Victor Sjöström, a que já nos referimos, e ainda Carl Dreyer. Integrados mais tarde na actividade internacional do cinema, estes três artistas deram-nos numerosas obras de valor. O primeiro, êsses extraordinários filmes que são *Lenda de Gosta Berling* e *Rua sem sol*; Sjöström, um impressionante drama, *O Vento*; e Dreyer, a sua magistral reconstrução da *Paixão de Joana d'Arc*.

Também a contribuição das raças nórdicas em actores foi notável. Basta recordar os nomes de artistas da categoria de Greta Garbo, Lars Hanson, Gosta Eckman e outros.

A colaboração da raça germânica foi também, sob alguns aspectos, muito importante. Deve-se-lhe, sobretudo, a utilização das grandes possibilidades do cinema na expressão do irreal. Os alemães descobriram, na verdade, o fantástico do cinema. Além disso, enriqueceram-no com as suas lendas e a sua mitologia. Aumentaram-lhe os recursos com a sua técnica de consumados ópticos e excelentes químicos. E a sua produção ocupou durante algum tempo no concerto mundial uma supremacia artística incontestada.

CINEMA

INFLUÊNCIAS DAS RAÇAS

Mas a influência mais importante, embora não a mais benéfica, cabe à raça norte-americana. Foi a industrialização da arte cinematográfica, por ela levada a efeito, que tornou possível a enorme expansão e desenvolvimento do cinema. Eivada embora de defeitos

Aparte isto a contribuição da raça norte-americana resume-se numa clara e intuitiva compreensão do movimento, numa melhor utilização dos processos de expressão dinâmica que a câmara possui, utilização que é representada, sobretudo, pelos populares filmes de *cow-boys*.

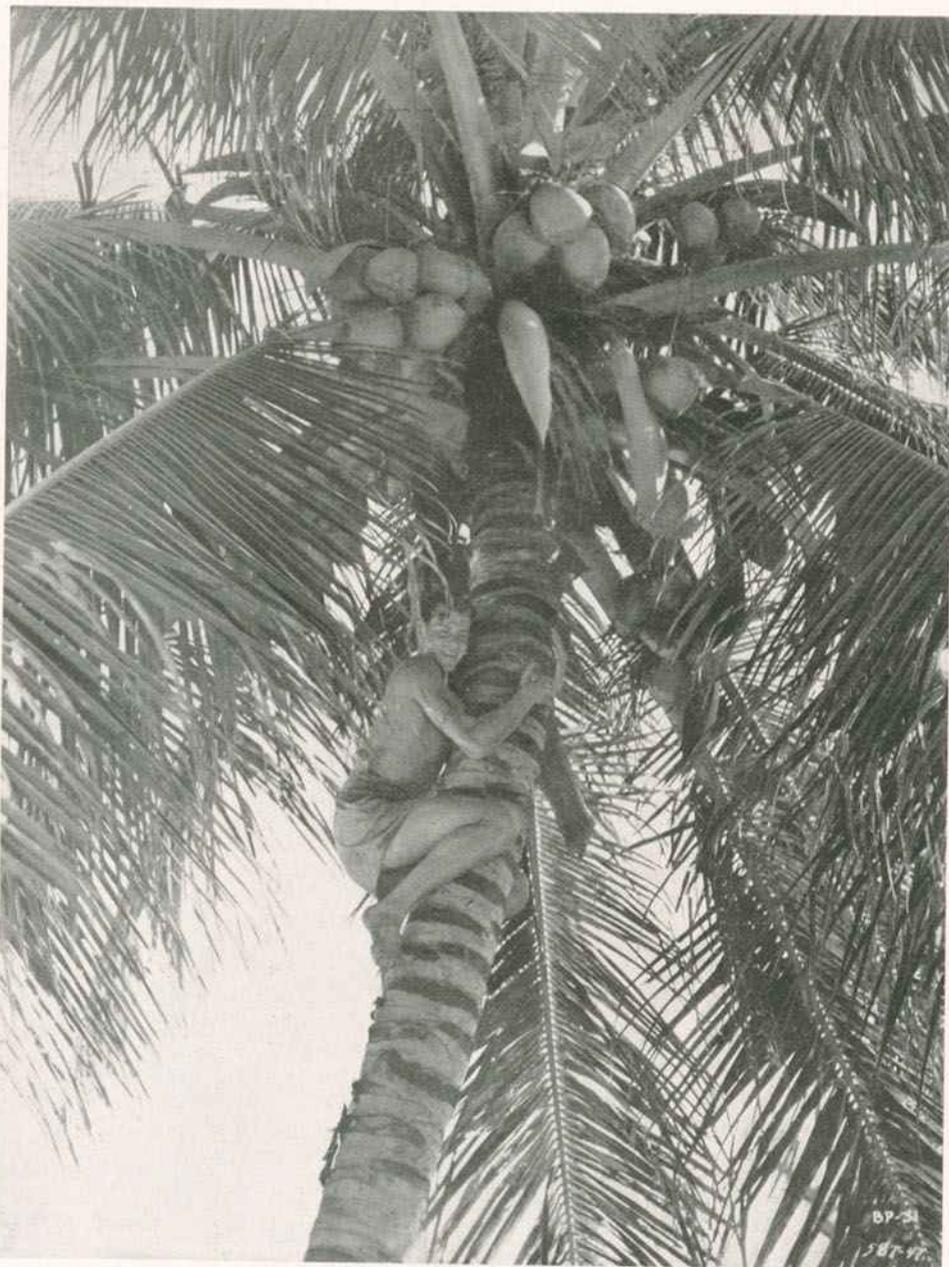
A raça eslava um papel de extraordinária importância se encontrava reservado. Impregnado da mística revolucionária desse grande povo, o cinema enriqueceu-se com algumas obras de genial concepção. A influência dos artistas russos é, na realidade, uma das mais profundas que se conhecem, embora por circunstâncias diversas quasi confinada às fronteiras do seu país.

Quanto à raça amarela, a extensão da sua influência no cinema é-nos quasi desconhecida, à excepção desse curioso filme *Jujiro*, exibido há anos entre nós e que passou quasi incompreendido pela maioria do público. Mas a capacidade de expressão dos seus artistas está de há muito provada com essas valiosas contribuições para o cinema internacional que são *Sessue Hayakawa* e *Ann May Wong*.

Outra raça que, não possuindo embora uma arte cinematográfica própria, revelou já as suas grandes faculdades histrionicas, é a raça negra. Essa revelação está feita num grande número de filmes em que podemos destacar *A cabana do pai Tomás* e, sobretudo, a obra estranha e impressionante de King Vidor, que se chama *Hallelujah*.

Propositadamente guardámos para o fim a raça latina. A sua influência na evolução da cinematografia não foi tão extensa nem tão profunda como o poderíamos desejar e como a sua elevada posição cultural o

poderia fazer supor. Influenciado de começo pelo teatro, mais tarde pela produção norte-americana, o cinema latino não estabeleceu ainda a posição definida, que promova um renascimento total de fórmulas artísticas. O que não obsta a que grande seja o número dos seus actores e realizadores que ao cinema têm trazido uma valiosa colaboração.



JOEL MAC CREW EM «AVE DO PARAÍSO», UM FILME DA R. K. O.

de concepção, a cinematografia norte-americana soube utilizar o que as outras raças até então haviam eriado de melhor. Se a sua acção foi por vezes perniciososa, acorrentando a si os melhores artistas do mundo, compensou isto, em parte, proporcionando a alguns dêles os recursos técnicos que nos seus países lhes faltavam para a realização de obras de fôlego.

O ouro através dos séculos

COMO apareceu o ouro? Porque foi o ouro, dentre todos os metais, o escolhido pelo género humano, para simbolizar a riqueza?

Eis o tema duma notável conferência, feita recentemente pelo distinto engenheiro Araújo Correia, na Associação dos Engenheiros.

O ouro... não há palavra no dicionário que exerça mais forte atracção no espírito humano...

Não há no mundo coisa alguma que se lhe compare. Por êle se têm cometido crimes hediondos; a êle se devem actos de heroísmo inultrapassáveis; ao vil metal cabem responsabilidades tremendas nas misérias e desgraças que em todos os tempos, em tôdas as civilizações e em todos os climas têm assolado o mundo.

Falar do ouro é lembrar aventuras heróicas, longas caminhadas através dos desertos escaldantes; é rememorar longas agonias em plagas africanas, à mercê dos elementos naturais, sob um sol de fogo. E tudo porque um indígena despreocupado e feliz trouxera envôlto nos seus farrapos sujos o pó brilhante e amarelo apanhado nalgum afastado vale do interior.

As minas do rei Salomão, as miragens de Ofir, a expedição dos Argonautas, os esplendores de Tutankhamen, o vale dos Reis, as grandezas dos rajahs indianos, os tesouros dos Incas, tudo perpassa pela nossa imaginação ao ouvir o tilitar sândio da moeda de ouro.

A avareza de Grandet, o estertor da City, o sonho dos grandes conquistadores romanos, confundem-se com o brilhantismo dêsse metal sem utilidade, dessas barras que os Bancos, em pesadas casas fortes, escondem dos olhares cúpidos e ávidos do pobre mortal.

*
* *

O engenheiro Araújo Correia, durante uma curta hora, fêz perpassar, perante a assistência, a miragem do ouro através dos séculos, desde os povos primitivos na sua sumária indu-

mentária, lavando as areias dos rios à procura do metal precioso, até ao esplendor dos carros triunfais e grandiosas estátuas de civilizações mais adiantadas.

— Ainda hoje chegam até nós — disse — esmiuçadas e vagas as memórias da deusa Hathor do velho Egipto, a deificação do ouro em Ra, que simbolizava o Sol, e mil e um acontecimentos que sobrepunham o ouro aos mortais, e mesmo num pedestal mais alto do que o dos próprios deuses.

Os elementos que colhemos e os gráficos que, gentilmente, nos foi dada permissão de publicar, mostram, na sua crua realidade, a importância do precioso metal amarelo.

Nos tempos antigos, antes mesmo da cunhagem da primeira moeda na Lídia, 700 anos antes de Cristo, o ouro consti-



ENGENHEIRO ARAÚJO CORREIA

Macedónia, já o utilizavam como arma de traição, já usavam o seu poder para comprar os inimigos. Mais tarde, os cartagineses, o próprio Aníbal, faziam dêle a arma mais certa para vencer a consciência do Senado decadente da Roma poderosa e antes de Sylla a conquistar na volta da Ásia Menor, teve que permitir a pilhagem vergonhosa às suas legiões de aventureiros. E tanta importância ia tendo o ouro na velha Roma do Império que o conquistador da Gália, o César legendário, deixou como título a perpetuar o seu glorioso domínio, o *aureus* artístico, a moeda imperial, o símbolo da força romana.

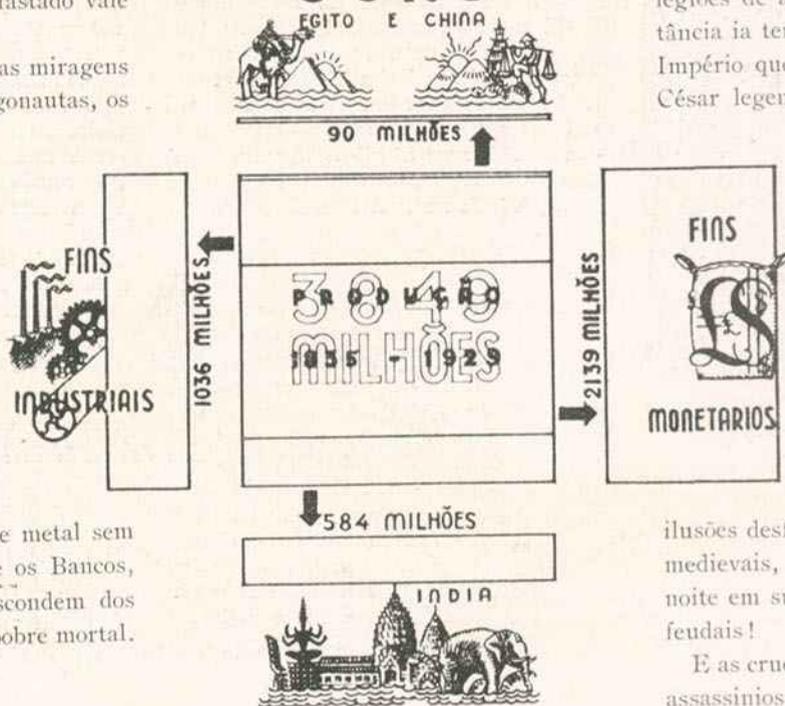
Na escuridão tenebrosa da Idade Média o alquimista passava horas esquecidas no culto do deus omnipotente, tentando fabricar o vil metal.

Quantos dramas pungentes, esperanças perdidas, ilusões desfeitas, nesses obscuros tempos medievais, se passaram pela calada da noite em subterrâneos de velhos castelos feudais!

E as crueldades de Cortez e Pizarro, os assassínios de Montezuma e Atauhalpa, depois da descoberta da América, atestam a atracção que redundava em fetichismo dos súbditos de Sua Magestade Católica.

O ouro foi a primeira *árvore das patacas* no Brasil, a principal causa da transferência de milhares de escravos pretos de Angola para a América, e mais recen-

CONSUMO DO OURO



tuía já uma ambição dominante nas civilizações asiáticas.

Era tão opulenta a côrte do rei Salomão que, mesmo a rainha Sheba, ficou maravilhada e se sentiu pobre perante tanta grandeza.

Conquistadores, como Alexandre da

temente, a descoberta dos jazigos californianos e australianos, tiveram como con-

violento, que entontece e lança o incauto num mundo de sonhos e ilusões.

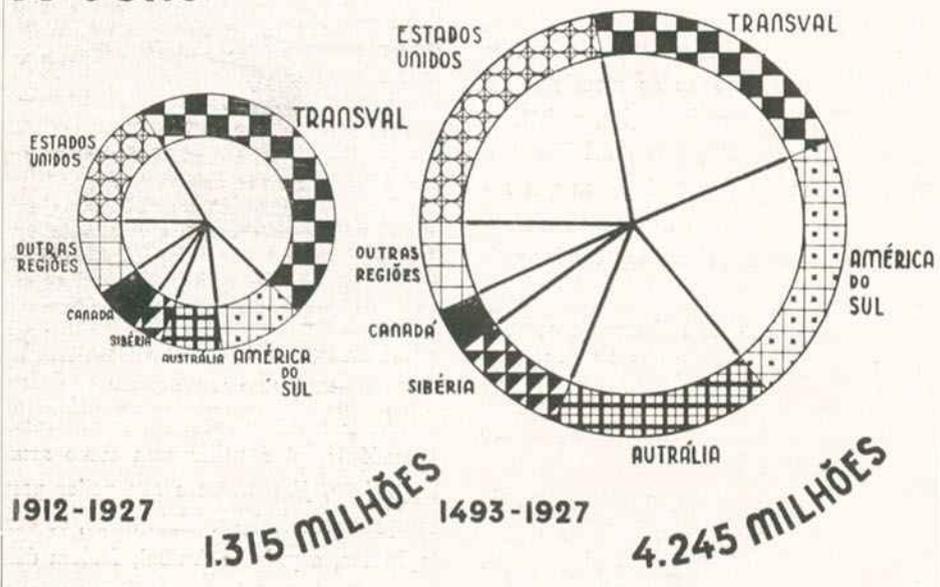
Na verdade, as seduções que espalha em volta de si prendem fortemente, são como as rígidas cadeias de aço que ligavam o pobre escravo à dura faina duma vida inteira; são como os encantos da mulher que arrasta o pobre mortal, que é o homem, à prática de grandes crimes ou então a heroísmos inespereados.

Abençoado umas vezes, amaldiçoado tantas outras, êle segue a sua marcha triunfal através dos séculos indifferente às alegrias e às lágrimas, imperturbável perante os cataclismos humanos.

Do fundo dos subterrâneos escuros e do interior das pesadas casas fortes o ouro dirige o mundo, destrói nações, arruína cidades, desmorona impérios e espalha a miséria. É um deus poderoso, é a representação inerte dos vícios, ambições e das vaidades humanas.

A palestra interessantíssima do ilustre engenheiro Araújo Correia — coroada, no final, com uma prolongada salva de palmas — é das que merecem registo espe-

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DA PRODUÇÃO DO OURO

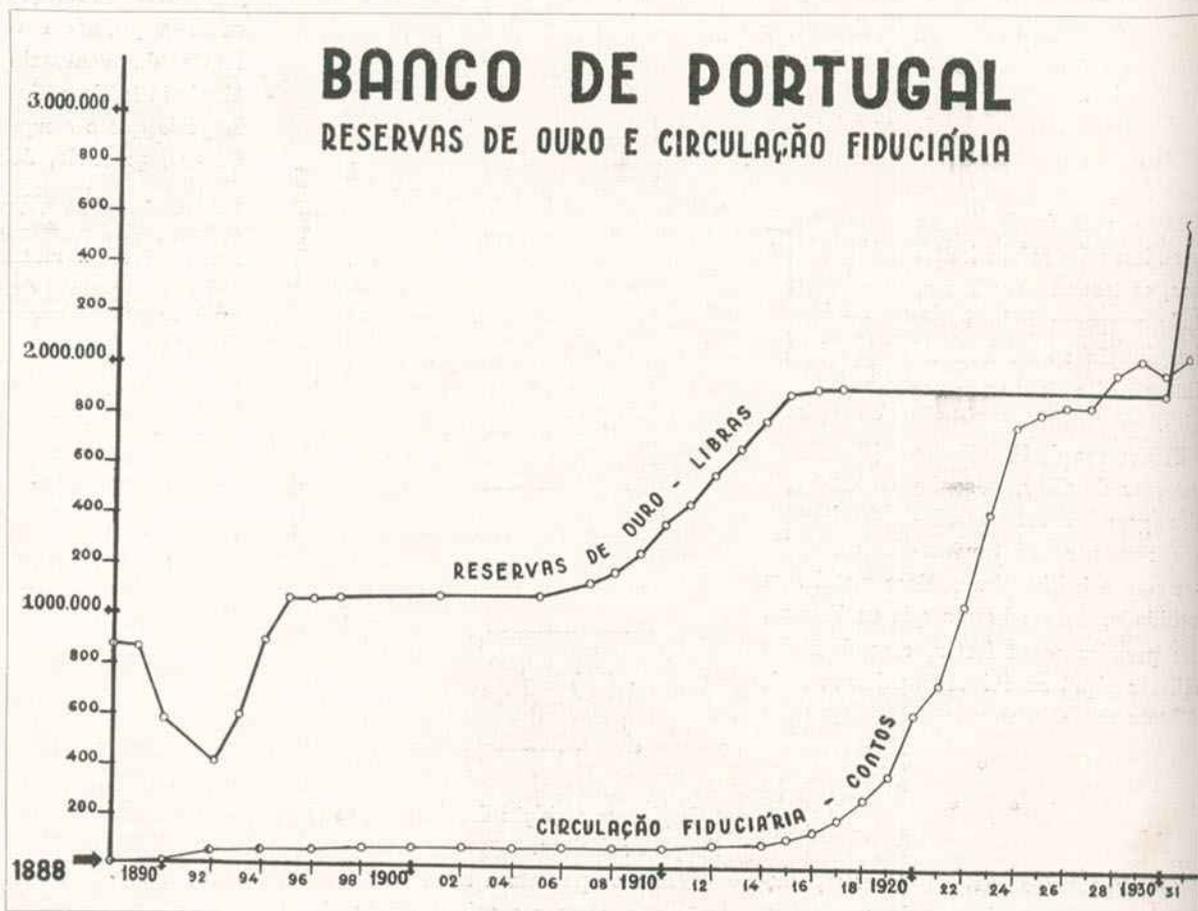


seqüência a formação desses dois admiráveis países que são hoje a guarda avançada da civilização europeia na América e nos Antípodas.

O romance do Transvaal, com a luta homérica através de desertos secos e áridos, é uma das páginas mais brilhantes da vida moderna, e o admirável país que hoje, na África do Sul, constitui um monumento que honra a Engenharia, é ainda uma consequência directa da descoberta de minas de ouro.

Já dizia o poeta que :

«L'or est comme une femme, on n'y saurait toucher
«Que le cœur, par amour, ne s'y laisse attacher.»



Através dos tempos, pelos anos em fora, o vil metal foi exercendo a sua acção subtil, como um perfume enebriante e

ou ainda :

«L'or est un grand secours pour acheter un cœur
«Ce métal, en amour, est un grand séducteur.»

cial, e este, dá-lhe a Ilustração, fazendo este relato, acompanhado de dois curiosos gráficos.

...Vida Feminina

A mulher deve ser, no lar, a alma de toda a sua casa. É dentro dela que, melhor do que em outra qualquer parte, ela se sente rainha e senhora. É dentro do lar que se expandem todos os tesouros de afeição, de ternura e delicadeza, que deve conter um coração feminino. O papel da mulher não é, somente, ser a «ménagère» que põe tudo em ordem, que vigia as criadas, se as tem; que se ocupa do bem estar material dos que a rodeiam; mas, também, o de ser o seu guia espiritual. Animar, dar vida a tudo com o seu espírito. O homem moderno não se satisfaz de encontrar a casa em ordem; quer também quem o compreenda, quem lhe adoce, com uma conversa interessante, as horas que passa em casa, descansando do terrível «struggle for life», que é a vida de hoje. Uma das grandes qualidades da mulher deve ser a alegria. Numa casa, onde a mulher é alegre, todos têm um aspecto feliz, as crianças riem, o marido sente-se bem, todos respiram bem-estar, nessa atmosfera que irradia de uma mulher alegre e bem disposta. E é preciso que a mulher vá buscar a essa alegria uma grande coragem, para afrontar as vicissitudes da vida. Se há uma doença, não desanimar e desempenhar, com toda a paciência, esse doce papel de enfermeira, em que todas as qualidades se desenvolvem. Ao mais pequeno desastre não deve desmaiar, no momento em que a sua direcção



e o seu sangue frio mais necessários se tornam, deve saber dominar os seus nervos, para acudir a quem está em perigo. Nas horas alegres da vida, a mulher deve, mais do que ninguém, espalhar a alegria no lar, e, nas horas amargas, que todos têm, uns

por um motivo, outros por outro, deve esconder as suas angústias, animar o marido e fazer com que as crianças ignorem as tristezas da vida, que elas conhecerão, sempre cedo de mais. Se a mulher tivesse o conhecimento completo da responsabilidade que assume, ao fundar um lar, não o faria com a leviandade com que hoje o faz. A mulher, dentro de casa, tem de ter qualidades de energia e doçura, como as deve ter um chefe de exército em tempo de guerra. Tem de ter a finura de um diplomata e tem de ter uma alma cheia de ternura que a faça compreender e perdoar os actos daqueles com quem vive. Não há pior costume do que aquele que algumas senhoras têm de, ao chegar a casa o marido, cansado e aborrecido de todo um dia de trabalho, lhe contar o que fizeram as criadas, de lhe fazer queixa dos filhos, para serem por ele castigados, tornando-o um carrasco, que os filhos temem, porque, no pouco tempo que está em casa, os castiga e lhes ralha. As dificuldades do «ménage» estão a cargo da mulher, ela é que deve resolver as questões de serviço, ela é que deve castigar os filhos, para que eles se habituem a vêr nela quem lhes dispensa todos os carinhos, mas quem manda neles e os mantém na necessária disciplina, sendo assim, a verdadeira auxiliar do marido, a quem impõe respeito, vendo a maneira como toma aos seus delicados ombros, o encargo de o auxiliar na vida e de o ajudar em tudo. Uma das coisas principais para que a vida do lar seja feliz é a maneira como a mulher se veste e se arranja. Naturalmente que, quando o seu orçamento lho não permita, a mulher não deve ser luxuosa, mas deve ser «coquette» e graciosa no seu traje simples, para que o marido tenha uma impressão agradável ao entrar em casa. Há pequenas coisas, que têm uma capital importância para a felicidade, e essa é, uma delas. É preciso que a mulher, ao casar, ao fundar um lar, se compenetre que, para ser feliz e fazer os seus felizes, não pode pensar só em si. A mulher não casa para se divertir, como muitas meninas pensam, mas para criar as enormes responsabilidades de fundar uma família, e só pensando assim, será feliz.

Maria de Eça.

Modas

A moda nos vestidos de noite apresenta-nos pouca variedade; continuam a usar-se os vestidos muito simples, compridos, em georgette, em setim, em crêpe de Chine, em renda, em tecidos moldáveis ao corpo e que caíam com elegância. Damos hoje um elegantíssimo modelo em georgette branco, de uma grande elegância, e que fica bem a toda a senhora que



possua uma certa elegância de porte. É um vestido que requiere graciosidade e um bonito corpo, porque a sua grande simplicidade exige ter onde assentar bem. É um vestido para uma rapariga fresca e gentil. Para os vestidos de viagem continua a usar-se o tweed, que é o mais prático tecido que existe para esse género de toilette. Damos hoje um modelo em tweed azul e branco; acompanha-o uma écharpe azul, com pintas brancas, e para coiffure, uma simples boina basca. A simplicidade está em voga.

Noiva

Mais um lindo modelo de vestido de noiva, o que hoje damos. De uma elegante simplicidade, brilha pela qualidade esplêndida do setim de que é feito. A saia ajusta nas ancas, num gracioso empêchement caindo em amplas pregas até ao chão. A cauda enorme concorre para o ar de elegância que este vestido tem. O decote e as mangas, são guarnecidos com um bordado de pérolas miudas. O véu é seguro por um diadema no género dos toucados russos, bordado a pérolas, e cai,

em diáfanos pregas, até à cauda, que é guarnecida com o bonito bordado com que termina. Um lindo ramo de lírios brancos completa esta maravilhosa *toilette*, que favorece a beleza cândida de uma noiva jovem e bela. E qual é a rapariga que não é bela no dia do seu noivado? Todas são gentis e, uma elegante *toilette*, como é esta, mais belas as torna ainda. Todas as raparigas que pensam em casar gostarão deste modelo.

Chapeu

DECIDIDAMENTE, a simpatia feminina inclina-se, com entusiasmo, para os chapéus pequenos, guarnecidos a flores. Nas praias, à hora do sol vêm-se os grandes chapéus, mas nos casinos e à noite triunfa o chapéu pequeno, fesse gracioso chapéu que apresentamos hoje às nossas leitoras, é o mais próprio que é possível para o uso nas praias, num casino ou para qualquer cerimónia. Em palha castanha, é guarnecido a flores de veludo rosa, que dão ao chapéu um aspecto lindo e de frescura. É um modelo, que dá um ar fresco, juvenil e verdadeiramente gracioso. As modas nunca favoreceram tanto a mulher, como agora; em todos os géneros, a beleza feminina é tratada, com verdadeiro mimo, pelos criadores da moda. E ainda bem que assim é, porque nada mais encantador do que vê, florescente, a beleza da mulher.

Uma elegante do passado

O *Temps* occupa-se, num artigo, da famosa Condessa de Castiglione, que teve um tão importante papel, em Paris, no período do ressurgimento italiano. Regis Guingoud, levou agora à cena nos Campos Elísios uma peça em nove quadros em que essa figura é a heroína. A ilustre condessa, que teve o raro privilégio de reanimar o espírito sorumbático e fechado de Napoleão III, a primeira vez que foi apresentada nas Tulherias, às glórias femininas da corte, exclamou: — «Igualo-as pelo nascimento, ultrapasso-as em beleza e julgo-as com o meu espírito». O biógrafo da condessa, Frederico Loliée, exalta-a assim: «Não se pode imaginar nada de mais requintado e mais perfeito. O olhar, azul, é de um doçura infinita; os cabelos, negros, esvoaçam ligeiramente sobre a branca fronte. O queixo é marcado por uma graciosa covinha, os lábios semi-abertos, como o cálice de uma flor vermelha, chamam os beijos. Ah! que radiosa florentina!» A sua primeira aparição nas Tulherias foi de grande efeito. Uma corrente passou na sala como um flúido magnético. A sua entrada provocou um tal movimento que, o espectáculo de música e dança, que se dava no teatro da corte, parou. A imperatriz Eugénia foi ao seu encontro; o imperador avançou até ao lugar onde estava sentada, estendeu-lhe a mão e fez com ela umas voltas de dança. Os olhos de todas estavam cravados na bela italiana. O sucesso da condessa foi completo e triunfal. Disse-se que tinha sido o acontecimento da semana. Napoleão deixou-se seduzir



pelo encanto da incomparável mulher, que devia, mais tarde, em 1859, levá-lo a ajudar o Piemonte, na guerra de reivindicação contra a Austria. E diz-se mesmo, que a bela Castiglione era um instrumento político de Cavour. O drama desta mulher foi a velhice: retirou-se do mundo, vivendo num prédio da Praça Vendôme, com as janelas fechadas, as portas de dentro pregadas e os espelhos cobertos. Fugia da sua própria imagem, que ela achava que o tempo não tinha poupado como merecia. A vaidade das mulheres dura sempre.

A casa

É bem fácil, hoje, para a mulher elegante e de bom gosto, ter uma casa bonita. Não é o luxo que dá o encanto ao lar; é o bom gosto da dona da casa, que sabe dispôr, com elegância e graça, os móveis, que com um *abat-jour* dá o aspecto da graça e do *chic*. Damos hoje uma gravura em que se vê um canto de um quarto de *toilette*. Nada mais simples se pode exigir. Uma graciosa *coiffeuse*, onde estão dispostos os utensílios de *toilette*, e uma bonita jarra com flores. Uma pequena mesa, um lindo candeeiro, um reló-

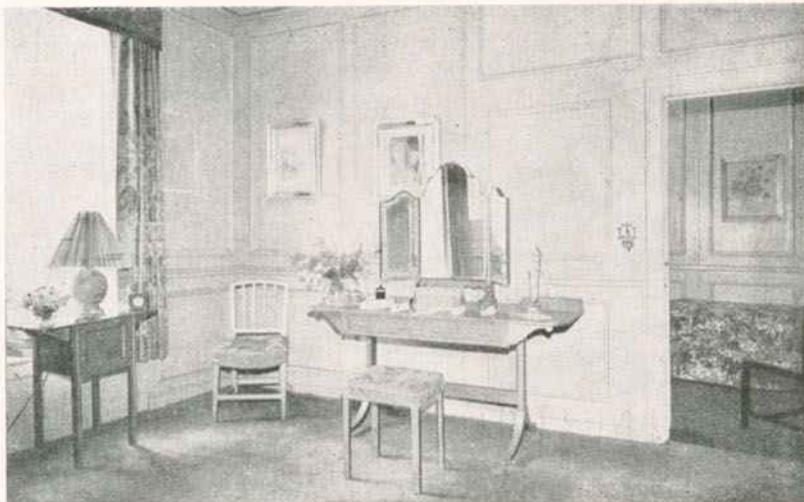
gio, umas cadeiras, e aqui temos um belo aspecto, verdadeiramente encantador de conforto, simplicidade e graça. O uso de muitos móveis, apertando e sendo até incómodos, está completamente abolido. E é, na verdade, muito mais elegante vêr uma casa, levemente e graciosamente arranjada, do que o excesso de móveis que se usou em tempos.

Uma derrota feminina

HÁ nos Estados Unidos muitíssimas dactilógrafas que gostavam de fazer o seu trabalho, voando ao mesmo tempo. Desgraçadamente, porém, nenhuma pôde realizar o seu sonho, porque foi um homem escolhido para o lugar de secretário do coronel Clarence D. Chamberlin, um dos pilotos transatlânticos, e actualmente presidente da «Crescent Aircraft Corporation», sociedade construtora de material aeronáutico. Apenas apareceu nos jornais o anúncio que pedia uma pessoa conhecedora em dactilografia, disposta a voar, na qualidade de secretária do coronel Chamberlin, dúzias e dúzias de dactilógrafas se apresentaram para obter o lugar, mas nenhuma tinha todos os requisitos necessários. Uma das aspirantes, não satisfeita com a recusa, perguntou se tinha sido excluída por pesar 80 quilos. O escolhido foi um jovem que tem já muita prática de vôo e que, muitos anos, foi dactilógrafo de um comboio expresso, o que leva a crer que esteja habituado a grandes solavancos e que, quando o vento balouçar o avião, se não incomodará muito.

Viagem de um escritor

ESCREVEM de Ragusa (Dalmácia), à *New Freie Presse*, de Viena: «A dieta vegetariana de Bernard Shaw causou grandes embaraços aos cozinheiros de todos os hotéis onde o escritor irlandês se hospedou durante a sua recente viagem de prazer, ao Adriático. De facto, os cozinheiros estavam convencidos de que o regime de Bernard Shaw consistia apenas em não comer carne, peixe ou caça. O seu terrível embaraço começou quando souberam que o escritor não come, nem espinafres, nem espargos, nem cogumelos. Isto deixava à sua disposição um número muito restrito de vegetais. Tinham de cozinhar uma dúzia de pratos, apenas com couves, ervilhas, feijão e cenouras. Os gostos culinários de Shaw não são extravagantes, apenas um pouco complicados. O seu prato preferido consiste em arroz cozido com molho de tomate, mas para que as suas refeições sejam alimentícias, têm de ser compostas de sete ou oito pratos variados. Um dos *menus* típicos do escritor é o seguinte: Dois ovos grandes, fritos ou em *omelette*, um prato de arroz ou de macarrão, um prato de legumes secos, como feijão, ervilhas ou lentilhas, um prato de vegetais cozidos, um prato de salada, um doce composto com farinha ou crême, e fruta. Isto, ao almoço. Ao jantar come uma sôpa de legumes, um prato de arroz, três qualidades de vegetais, salada, doce, queijo,



fruta e manteiga. Algumas vezes, Mrs. Shaw mostra-se preocupada com os efeitos do regime vegetariano no seu marido. Na realidade, as condições físicas de Bernard Shaw são melhores do que a da maioria dos homens de setenta e dois anos. Está cheio de vida, faz exercício regularmente e dá longos passeios com um passo que, andados quinhentos metros, cansaria qualquer rapaz novo. Mas como hóspede e como viajante deve ser muito importuno, com uma dieta tão impertinente e difícil. Viajar com dieta é sempre incômodo, mas sobretudo quando ela é tão incômoda, que faz com que tenha de ter refeições completamente separadas dos outros hóspedes.

A moda e os cães

VOLTA a moda do cão *barbet*. Há muitos anos que não se via este cão, belo, meigo, bom e inteligente. Porquê? Porque não era moda e a moda tem razões insondáveis. Mas numa exposição, que se realizou o ano passado, em Inglaterra, os *barbet* reapareceram e foram premiados. Assim, voltam a ser moda. Antes do século XIV, o cão era considerado mais um servidor do que um companheiro, mas desde essa época começou a tornar-se o companheiro das senhoras, foi

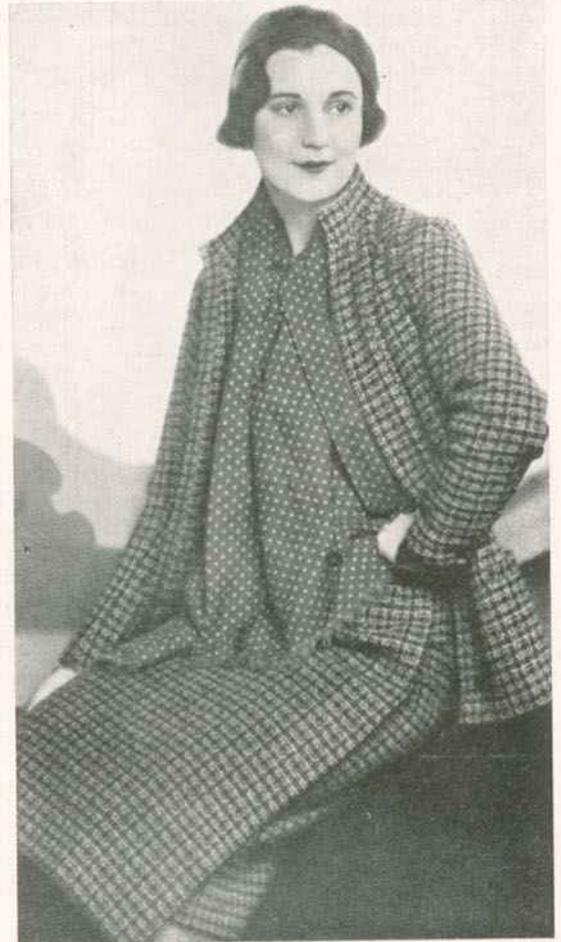
o galgo que gozou o afecto feminino, primeiro, depois os *caniches*, e depois o molosso, estes dois últimos oriundos de Espanha, onde, nessa época, se fazia criação de cães de tôdas as raças. Depois, veio a moda dos cãesinhos pequenos, chamados de regalo. Nos primeiros anos do século XVIII apareceu o cão lobo e dinamarquês, que os senhores lançavam adiante dos seus coches, e ai dos míseros que se não encostassem às paredes, porque eles deitavam-nos ao chão nas suas loucas corridas. O século XIX viu suceder, por turnos, no final da moda, tôdas as raças de cães. Há uns vinte anos que a moda está nos *fox-terriers*, nos *lúlús* da Pomerania, nos *pequineses* e nos lobos da Alsácia. Os entendidos afirmam que hoje são cerca de trinta as raças de cães que gozam as simpatias das apaixonadas por este animal, que é, sem dúvida, o melhor amigo do homem.

"Maillots"

COMEÇA, com entusiasmo, a estação das praias, e já entre nós se estão usando, com animação, os banhos de sol e de mar. O *maillot*, apesar da má vontade da maioria, já está introduzido nos nossos costumes e, já nas nossas praias, como lá fóra, se vêem elegantes em *maillot*. Damos hoje um modelo de *maillot* que poderá ser executado ao *tricot*, em três cores, branco, azul claro e azul escuro, ou branco beije e vermelho. É facilíma a sua execução. Cortam-se os moldes com as medidas da senhora que o deve usar e vai-se fazendo sobre o molde, de forma a que não possa haver erro de medida, o que é muito importante. Os sapatos, que acompanham, são em *cautchouc* branco e azul ou branco e vermelho, segundo as cores escolhidas para o *maillot*. É necessária, também, uma touca impermeável, para as senhoras que tomam banho, porque a água salgada estraga muito o cabelo. O uso dos banhos de sol e do ar livre é muito conveniente para a saúde.

Os inconvenientes da moda

A moda feminina de todos os tempos mostrou sempre, no que diz respeito à higiene, uma indiferença absoluta. Os homens devem inclinar-se perante a coragem das mulheres: que não hesitam, um instante, em expôr-se ao perigo de apanhar as mais perigosas doenças, suportar a tortura chinesa de deformar esta ou aquela parte do corpo para obter a linha que a moda exige, segundo os tempos. É preciso admirar este heroísmo feminino, que tem por base agradar! O espartilho, usado pelas nossas avós, era um instrumento de tortura. Quantos médicos não constatarem, nas autópsias, as deformações causadas pelo seu uso? Quantas senhoras não morreram por querer ter um corpo à moda? As modistas dizem que a moda actual, desportiva e simples, é saudável. Não é bem assim; quantas doenças não causam os tacões altos? Distúrbios de circulação, que se podem ver mesmo, através das meias de seda, pés deformados. As mulheres ocidentais passaram adiante às suas irmãs da China, em



atormentar os pés. Os fatos curtos deixam entrar o frio e produzem o espasmo das bases superficiais. A moda actual prefere a mulher magra, e eis novos instrumentos de tortura, cintas de borracha, meias de borracha, *soulients-gorges* de borracha. A borracha torna impossível a respiração dessas zonas do corpo humano, e, para serem belas, muitas mulheres se envenenam lentamente. A moda das nuças rapadas, que felizmente vai acabando, tinha os seus graves inconvenientes: fazia ferimentos e irritações no pescoço e causava também o grave desastre da calvície. O chapelinho de feltro, tão apreciado por tôdas as senhoras e que, usado com graça, rejuvenesce mesmo aquelas que de jovens nada têm, está provado que produz muitas vezes uma doença maçadora para a paciente e para o médico: o eczema rectro-auricular, rebelde e tenaz contra qualquer medicamento. Não podemos, pois, rir-nos das fraquezas das nossas avós, porque temos as nossas e, em tôdas as épocas, assim será.

Pensamentos

Nunca se deve dizer: «Ouçam uma coisa engraçada, vejam esta maravilha».

Ser bom para os maus é ser tólo.

Nada mais imbecil do que os imitadores: parecem carneiros, que não osam avançar sem seguir um deles e, em seguida, atrás dêsse, são capazes de se deitar ao rio.

Como detestei sempre os pensamentos do vulgo.

— LA FONTAINE.

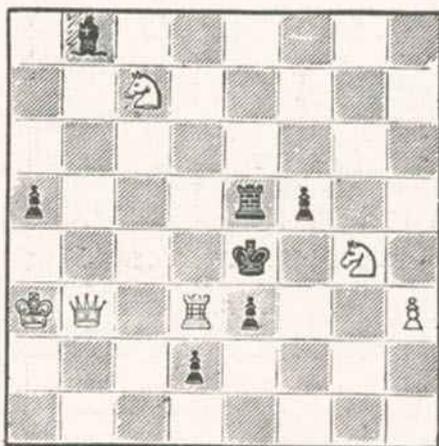


PIM DE PESTA

XADREZ

Posto que o exemplo que apresentamos seja para se resolver em tres movimentos, não é difficil fazê-lo pelo diagrama — o primeiro movimento é um pouco difficil mas o segundo já é simples.

PRETAS (3)



BRANCAS (6)

As brancas jogam e dão mate em tres lances.

ANEDOTAS

O médico: — Entendo do meu dever chamar outro médico, para uma conferência sobre a sua doença.

O doente: — Pois, sim; chame-o. Vejo que precisa de um complice.

Um advogado, ao seu empregado:

— Já apresentou a noiva a de despezas ao sr. F. . . ?

— Já, sim, senhor.

— E que respondeu?

— Disse-me que fosse para o diabo!

— E o senhor! . . .

— Eu . . . vim para aqui.

— O pobre Nunes acaba de perder todo o dinheiro que levava consigo. Tenho pena dele!

— Ó senhor! tenha, antes, pena de mim! Fui eu que lho emprestei.

— O Melo e o Ferreira sofreram, cada qual, uma deceção de amor, e ambos por causa da mesma mulher.

— Bem sei; o Ferreira casou com ela e o Melo não.

PALAVRAS CRUZADAS

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
I											
II											
III											
IV											
V											
VI											
VII											
VIII											
IX											
X											
XI											

Horizontais:

I — Região litoral da Asia Menor pertencente à Grecia antiga — Animais domesticos. II — Lavar — Ave aquatica (fem.) I I — Dia relativo ao nascimento. IV — Instrumentos musicos — Não é boa. V — Pronome pessoal — Titulo honorifico in lês — Artista comico cinematográfico. VI — Inal de vigilancia — Fruto de uma palmeira. VII — Dádiva — Interjeição suspensiva. VIII — Aldeia da Judéa — Escritor portuguez do século transacto. IX — Pedr. de moinho — Prefeito pretoriano — Conjunção. X — Va- io — Rio de França. XI — As principais transmissoras da peste bubonica — Povoação do Norte de Portugal, muito conhecida pela sua importante estação de caminho de ferro.

Verticais:

1 — Elegante — Afecto profundo. 2 — Profecia — Planta do Brasil. 3 — Creme — Foneticamente uma letra do alfabeto — Duas letras de nota. 4 — rritar — Faz mover a embarcação. 5 — Ornar de riscas. 6 — Redução. 7 — Conjunção causal, em francês — Parte do mundo. 8 — Divindade dos egipcios. 9 — A razão suprema, segundo a doutrina de Lao-Tzen — Vaso grande para liquidos — Nota de musica. 10 — Duas letras ao todo — Simio. 11 Traz-se no pé — Apogeu.

PENSAMENTO

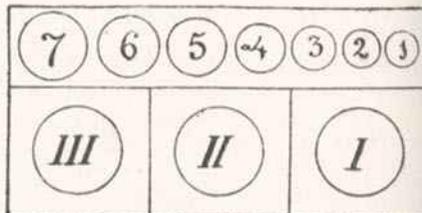
Ha muita gente que tem tudo para ser feliz, mas não o sabe apreciar; é um pouco como aqueles a quem se oferece um bom jantar que seus estomagos não podem digerir. — ROCABEY.



— Sabes, meu marido quer divorciar-se.
— Sério?
— É verdade. É a primeira vez que estamos ambos de acôrdo!

OS SETE DISCOS

Temos aqui sete discos numerados e tres compartimentos. Recortem-se os primeiros e coloquem-se um sobre o outro no compartimento I, por modo que os discos fiquem amontoados de maior para menor, isto é, por baixo de todos o 7, por cima o 6, sobre este o 5 e assim sucessivamente até ao 1. Colocados desta maneira, tra-



ta-se de os ir passando a um e um para o compartimento III, com o auxilio do compartimento II, e de forma tal, que em nenhum dos movimentos que haja a fazer fique um disco grande sobre outro pequeno, ou seja um numero maior sobre outro menor.

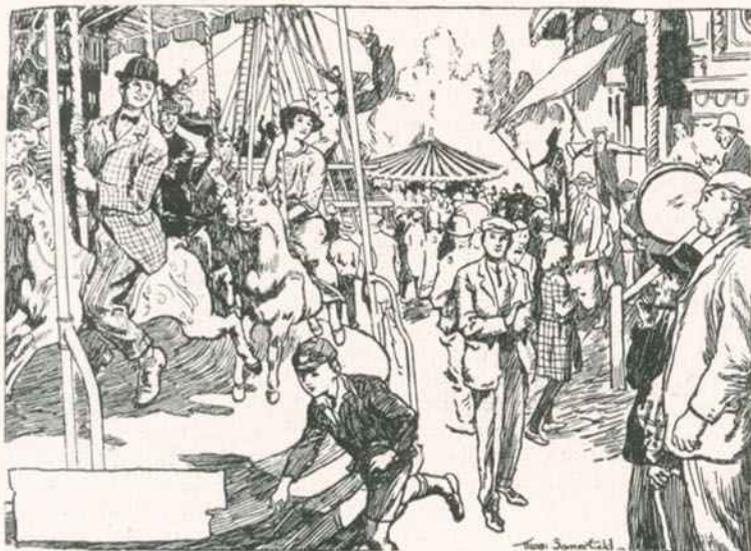
Isto é perfeitamente possivel, qual será, porém, o menor numero de movimentos que haverá a fazer, em obediencia a essa condição, para ter a pilha de discos no compartimento II?

BRIDGE

(Solução)

B principia pelo Rei de paus e A deita o 10. B segue com o Az de paus, a que A responde com uma carta mais baixa, indicando assim que deseja a continuação do naip. B torna, pois, a jogar paus. A corta e D tem de reflectir, na altura, no que mais lhe convém jogar: opta na previsão do que se ha de seguir, por se descartar da Dama, ficando com uma carta baixa de trunfo, que C cobre com o Valete, voltando a trunfar. D faz a vasa e joga paus, que C cobre, deitando a seguir a Dama de spadas, que dá a D uma balda em oiros. C joga então o Az de oiros e depois trunfo. D faz as duas vasas de trunfo e o Rei de oiros.

O problema tem ainda outra forma de se resolver, porém a solução indicada é a mais simples e prática.



Alem desta gente toda que aqui está, ainda andam na feira mais seis passeantes. Vejam se os descobrem.

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
E FISIOTERAPICO DO ESTORIL



Banhos de agua fermal,
Banhos de agua do mar
quentes, BANHOS CAR-
BO-GASOSOS, Duches,
Irrigações, Pulveriza-
ções, etc. — — — —

**FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens.** — — — —

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12
Telefone E 72

GRAVADORES

IMPRESSORES



Opinioni

TELEFONE
21368

**BERTRAND
IRMÃOS, L.** DA

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA



FÉRIAS

O belo tempo das férias tem muitas vezes o seu reverso. A mudança de hábitos e de alimentação põe à prova os nossos estômagos, expondo-nos a más digestões que estragam o nosso prazer, como a chuva estraga a mais linda paisagem. Para se prevenir contra esse inconveniente e fazer sempre bem as suas digestões, leve V.Exa. consigo Sal de Fructa "Eno". Pó efervescente, sem assucar nem sal mineral purgativo, "Eno" tonifica o estômago, mantém o bom funcionamento dos intestinos e, per consequencia, as condições de boa saúde. "Eno" pode ser tomado por todos, até pelas creanças. *Uma colher, das de café, num copo de agua, pela manhã e à noite.*



Depositarios em Portugal: **Robinson, Bardsley & Co, Ltd.**
R. 2 8, Caes do Sodré, LISBOA.



Novidade Sensacional
Com o PENTE ONDULADOR transforme os seus cabelos lisos em naturalmente ondulados para toda a vida!

Duma maneira geral proceda-se da seguinte forma: Lavam-se os cabelos e secam-se pouco; depois de desembaraçados com um pente apropriado (desembarçador), pentear com a cabeça ainda húmida com o PENTE ONDULADOR, de forma que as ondas do pente sejam dirigidas para o exterior. Passer o cabelo o pente através dos cabelos na posição indicada cerca de 10 a 15 vezes, e assim se obtêm uma linda ondulação para sempre.



PEIGNE ONDULATEUR - VIEIRA

Exclusivo de venda:
ACADEMIA SCIENTIFICA
D. E. B. E. L. E. Z. A
M. de **CAMPOS**
Av. da Liberdade,
35 - LISBOA

Preço Esc. 15.000

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1884

Premiada com medalha de ouro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — **DIPLOMAS DE HONRA** na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 - LISBOA
Telefone 2 2074

Biblioteca de Instrução Profissional

UMA OBRA DE ALTO VALOR

VOCABULÁRIO

DE

TERMOS TÉCNICOS

EM

Português, francês e inglês

COM 6.318 VOCABULOS

Pelo engenheiro-maquinista

RAUL BOAVENTURA REAL

1 vol. de 557 pags., encadernado

30\$00

Pelo correio, registado, mais **2\$00**

A' VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

As Minhas Aventuras pela Europa

POR

Charlie Chaplin (CHARLOT)

INTERESSANTÍSSIMO LIVRO DO POPULAR

AZ DO CINEMA

1 volume de 250 páginas brochado **10\$00**

À venda em todas as livrarias

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

Um volume encadernado com 351 páginas

Esc. **25\$00**

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A' venda a 2.ª edição

A batalha sem fim

ROMANCE

POR

AQUILINO RIBEIRO

1 vol. de 308 pags., brochado . . . **12\$00**

Encadernado **16\$00**

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LISBOA

DICIONÁRIO

DO

Football Associação

ILUSTRADO COM 37 GRAVURAS

Com a apresentação do **Dr. Salazar Carreira**



Contendo termos técnicos ingleses e seus equivalentes em português. Regras do jogo e casos de deslocação

Livro indispensável a todos os amadores de football

1 vol. enc. com capa a ouro com cerca de 100 pags. **7\$00**

PEDIDOS A

S. E. PORTUGAL-BRASIL
— Rua da Condessa, 80, 1.ª — Lisboa —

A' venda a 9.^a edição

DE

Doida de Amor

NOVELA

por **ANTERO DE FIGUEIREDO**

«Conhece-se através deste livro o psicólogo subtil, penetrante, escrupuloso, exacto, capaz de percorrer quilómetros sobre uma folha de rosa, de explicar em vinte volumes de análise a sombra furtiva de um capricho de mulher».

— **Julio Dantas.**

1 vol. de 276 pags., brochado

10\$00

Encadernado **14\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75—LISBOA

NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Por **CÂNDIDO DE FIGUEIREDO**

Da Academia das Ciências de Lisboa, da Academia Brasileira, da Real Academia Espanhola, da Sociedade Asiática de Paris, da Academia de Jurisprudência de Madrid, do Instituto de Coimbra, etc.

QUARTA EDIÇÃO

Muito corrigida e copiosamente aumentada.

O Novo Dicionário é o mais actualizado, autorizado e completo Dicionário da Língua Portuguesa

A aparição do NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, em 1900, foi calorosamente saudada pela imprensa periódica de Portugal e do Brasil.

Em sessão da Academia das Ciências fez o elogio da obra o falecido académico Gonçalves Viana, grande autoridade portuguesa em assuntos de lingüística; e a principal corporação literária e científica da vizinha nação, a Real Academia Espanhola, que raros estrangeiros recebe no seu grémio, elegeu seu sócio o autor do NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, aprovada a proposta, feita nesse sentido, pelo famoso escritor e diplomata Juan Valera, pelo filólogo e senador Daniel de Cortejar e pelo sábio Mir.

Podemos afirmar que o autor, à custa de longas e incalculáveis fadigas, conseguiu reunir, em todas as esferas da actividade e do saber humano, cerca de 130.000 vocábulos portugueses que ainda não estão registrados nos menos incompletos e menos imperfeitos dicionários da língua pátria.

Um dicionarista conhecido, cuja obra abrange realmente numeroso vocabulário, ufana-se de que o seu dicionário abranja 66.000 vocábulos. Acrescente-se a esta cifra mais 53.613 e entrever-se-á que os vocábulos reunidos pelo sr. Dr. Cândido de Figueiredo no NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, abrange nesta nova edição um número que atinge 119.613 vocábulos ou artigos.

2 grossos vol. sólidamente enc. em carneira 250\$00

PEDIDOS A **S. E. PORTUGAL-BRASIL**
Rua da Condessa, 80—LISBOA

A' venda a 3.^a edição

DE

ANDAM FAUNOS PELOS BOSQUES

POR

AQUILINO RIBEIRO

«Os descritivos do romance, que muitos são, insinuando-se-nos alguns na retina como paisagens de mestre, encontram parceiros condignos nos diálogos que o salpicam e em que é flagrante a naturalidade.» — *César de Frias.*

1 vol. de 356 páginas { brochado. . . . **12\$00**
encadernado . **16\$00**

À venda em todas as livrarias

Pedidos á

LIVRARIA BERTRAND

73 Rua Garrett, 75—LISBOA

**A' VENDA EM TODAS
AS BOAS LIVRARIAS**

A 2.^a EDIÇÃO

DO

TOLEDO

IMPRESSÕES
E EVOCÇÕES

por **ANTERO DE FIGUEIREDO**

1 Volume de 226 páginas

brochado Esc. 10\$00

encadernado » 14\$00

PEDIDOS AOS EDITORES

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75—LISBOA

NOVA EDIÇÃO

Touros de morte

POR **BLASCO IBAÑEZ**

Um dos mais interessantes livros deste autor

1 volume de 384 pags., brochado . . . **10\$00**
encadernado . **14\$00**

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

Saiu a nova edição

CARTAS

de

ALEXANDRE HERCULANO

2 volumes de 594 páginas, brochado **20\$00**
Encadernado **28\$00**

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

Acaba de sair a nova edição

A CATEDRAL

POR **BLASCO IBAÑEZ**

Um dos mais notáveis livros da literatura romântica contemporânea em toda a Europa

1 volume de 338 pags., brochado . . . **10\$00**
encadernado . **14\$00**

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

O MESTRE POPULAR ou O INGLÊS SEM MESTRE

Pronúncia, gramática, conversação, correspondência, literatura, ao alcance de todas as inteligências e de todas as fortunas

Adequado ao uso dos portugueses e dos brasileiros por **JOAQUIM GONÇALVES PEREIRA**

8.ª EDIÇÃO

1 gr. vol. 560 pág. En. Esc. 30\$00

PEDIDOS À

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80—LISBOA

Conselhos Práticos

LIMPEZA
DAS
PELES PARA
A JOALHARIA

As peles de camurça podem limpar-se, facilmente, pelo seguinte processo:

Prepara-se uma água de sabão muito forte a que se junta um pouco de carbonato de soda; mergulham-se nela as peles, durante duas a três horas, esfregam-se muito bem e secam-se à sombra.

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand, Ltd.ª

Editor: Francisco Amaro

Composto e impresso na tipografia da Sociedade Gráfica Editorial, Rua da Alegria, 30—Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular. (Registada)	30\$00	60\$00	120\$00
Ultramars Portuguesa (Registada)	32\$40	64\$80	129\$60
Espanha e suas colonias (Registada)	—	69\$00	138\$00
Brasil (Registada)	—	63\$00	126\$00
Outros países (Registada)	—	67\$50	135\$00
		66\$00	132\$00
		75\$00	150\$00
		75\$00	150\$00
		84\$00	168\$00

Administração—Rua Anchieta, 31, 1.º—Lisboa

Visado pela Comissão de Censura

Saiu a nova edição

ESTUDOS SOBRE O CASAMENTO CIVIL

POR

ALEXANDRE HERCULANO

1 volume de 284 páginas | brochado 10\$00
| encadernado 14\$00

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

VOCABULARIO ORTOGRÁFICO E REMISSIVO DA LINGUA PORTUGUESA

POR **A. R. Gonçalves Viana**

(Relator da comissão da reforma ortográfica, autor da «Ortografia Nacional» e do «Vocabulário Ortográfico e Ortóepico da Língua Portuguesa»)

Com mais de 100:000 vocábulos, conforme a ortografia oficial

EM APÊNDICE: O acôrdo ortográfico entre a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras.

1 VOL. COM 664 PÁG., ENCADERNADO, **15\$00**

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

Como obter ideias lucidas e clareza de espirito

POR

G. VOGT

Manual completo para se vencer a preguiça da inteligência, a falta de energia, a fraqueza de espirito, a falta de memória, etc., etc., segundo os experimentados doutores Haig, Cantani e Lévi

1 VOLUME DE 154 PÁGINAS, BROCHADO, **7\$00**

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

BOLACHIAS

A GRANDE
M A R C A
PORTUGUESA



Variadas e
saborosissimas
qualidades

UM ÚNICO FABRICO
O MELHOR

NACIONAL

**Os
êmbolos
movem-se
a tão gran-
de velocidade que...**

O QUE SE NÃO
VÊ QUANDO O
MOTOR TRABALHA



Os êmbolos movem-se a tão grande velocidade que, mesmo que os cilindros fossem transparentes, não se veriam enquanto o motor funciona.

Imagine V. Ex.^a o que aconteceria ao motor do seu automóvel se de um momento para o outro desaparecesse a película de óleo que protege as paredes dos cilindros! Ficaria destruído ou pelo menos em tal estado que não poderia funcionar de novo, sem uma reparação muito dispendiosa.

Os óleos de má qualidade produzem o mesmo efeito, durante um espaço de tempo mais curto do que em geral se supõe.



Mobiloil

Um pouco mais caro — mas vale a diferença

Exija o Gargoyle Mobiloil em latas seladas

Vacuum Oil Company, Inc.